



Música de Outono

Romance

Gil Cleber



Música de Outono



• ->>> • ->>> • ->>> • ->>> • ->>> • ->>> • ->>> • ->>> •



• <<<< • <<<< • <<<< • <<<< • <<<< • <<<< • <<<< • <<<< •



— Gil Cleber —

Terceiro romance da trilogia
As Cinzas do Tempo



Música de Outono



Romance



• ->>> • ->>> • ->>> • ->>> • ->>> • ->>> • ->>> • ->>> •



• <<<< • <<<< • <<<< • <<<< • <<<< • <<<< • <<<< • <<<< •



Composição da capa feita pelo autor.

Ilustração da capa

- fotografia de casa abandonada;
- fotografia de flores silvestres, ambas pelo autor.

Arte final do autor.

*
**

Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais.

*
**

Contato e *site* do autor: gilccarvalho959@gmail.com
www.gilcleber.com.br

Nota importante:

Sendo o autor radicalmente contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei no 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Fica, portanto, desautorizada qualquer alteração do texto neste sentido.

Tudo isso coexiste, tudo faz parte do lirismo da vida como os acordes fazem parte da melodia, e quando uma coisa cessa — se a mulher que fechou a porta não voltar a fechá-la por ter morrido esta noite — é como um acorde que silencia, mas outros se sucedem e a melodia continua, os instrumentistas estão sempre prontos, sempre a postos, jamais adormecem quando tocam sua música de outono.

(do **Diário de Bordo**, de João Manuel)

Lara havia pensado em escrever: “Não sonharei mais”.

“Não sonharei mais...”

Pois sonhar, refletiu, estaria entre as coisas que ainda podia escolher: eis seu mundo sólido, cristalizado, no qual os elementos se enfileiravam em perfeita ordem, ocupando seus lugares de costume, todos simples e familiares, de forma que se decidisse não sonhar tal decisão não encontraria resistência e a vida prosseguiria na sua imutável rotina — o que, talvez, até fosse melhor, pois sonhar traz consigo o desconhecido e seus riscos. Assim, dizia de si para si enquanto se concentrava na frase escrita a lápis (como de hábito) em letra firme e regular na página em branco de seu caderno, apesar da aridez dos dias encontraria segurança.

“Segurança... mas de que me serve?”

Pois o que seria escolher segurança, o ramerrão cotidiano, senão medo de atirar-se; resguardar-se num ludíbrio enquanto a vida estaria ao seu lado à sua espera; manter trancada a rota de fuga do porão?

Então Lara escreveu: “Sonharei ainda!”, e tal deliberação, conquanto implicasse perigos que em outros casos seria melhor evitar, tinha também alguma coisa de rebeldia que ela temia com expectativa e ansiedade, implicando ainda uma espécie de libertação como se de repente lhe surgissem asas e alçar vôo já não figurasse algo improvável.

Embaixo, o relógio de parede bateu as oito horas, a manhã de domingo avança luminosa e, apesar do outono, quando já começam os dias frios, promete calor. Lara, porém, não prestou atenção às badaladas pois ainda respirava com certa opressão no peito diante da frase escrita no caderno, da decisão que relutara em tomar durante aquela semana, decisão que podia mudar o curso de sua vida e introduzir na sua tranquilidade habitual uma nota dissonante de susto, que ao mesmo tempo que lhe produzia um sobressalto propiciava-lhe um prazer secreto, insuspeitado, que chegava a fazê-la corar — e com efeito sentiu um calor abrasar-lhe as faces. Comprimiu o caderno contra o peito e, no instante seguinte, uma brisa entrando pela janela, com ela o perfume das flores do jardim, agitou-lhe os cabelos.

Num impulso levantou-se e aproximou-se da janela: a brisa, embaixo, ainda

sacudia as copas do arvoredo e a mata que recobria as encostas, o suave rumor feito uma música que somente os anjos ouvissem...

E Lara sorriu.

Sorriu porque o mundo parecia abrir-se feito uma grande rosa de pétalas transparentes naquela manhã, sobre as quais estendidas se sobressaíam as montanhas e as matas, a estrada com seus caminhantes — aqueles que iam à vila ou que voltavam da vila, ou que viviam na vila —, o pasto com o gado movendo-se devagar entre o capim alto, o riacho, o açude, as plantações vicejando e os trabalhadores vestindo sua roupa domingueira — pois era domingo —, e sua casa como que suspensa do tempo naquele instante mágico, instante durante o qual os segundos se interrompiam, os ponteiros do relógio paravam, o mundo se imobilizava para, em seguida, quase imperceptivelmente, tudo recomeçar — as engrenagens, as grandes engrenagens invisíveis voltarem a oscilar — e ela estender as mãos para fora da janela expondo-as ao sol, fixando-se nas palmas rosadas, nos dedos lassos, na correntinha de ouro que pendia de seu pulso...

Sorriu porque era mulher, e mais que nunca sentiu-se mulher em sua plenitude, “Sonharei ainda!”, havia escrito, sim: e devia ser verdade.

Então pensou em seu casamento.

Vinha se tornando inevitável fazê-lo nos últimos dias, como se à sua frente pairasse em pleno espaço um grande ponto de interrogação: pois ali estava ela, casada há oito anos com um homem que não lhe pedira nada a não ser que se dedicasse a ele sem que ele tivesse necessariamente de retribuir. Pois não havia dúvidas de que Ernani era o centro do mundo — mesmo que de seu próprio mundo —, e à sua volta debatiam-se aqueles que ou faziam parte dele e giravam ao seu redor feito satélites, ou se esforçavam para fazer parte e tão só ficavam para ali, esquecidos, móveis numa casa onde já não há uso para eles e que a qualquer momento podem ser despachados para o porão. Em vista disto, nada mais natural que exigisse uma dedicação à que retribuiria ocasionalmente, conforme estivesse disponível ou não, disposto ou não, inspirado ou não... Bem, era certo que em seu íntimo, conquanto não formulasse as coisas de maneira muito clara, considerava suficiente ter-lhe — a Lara — propiciado, em troca de dedicação, sua presença de grande homem, sua fortuna, os meios elegantes a que poderia conduzi-la na qualidade de esposa — ainda que essa esposa figurasse, por sua beleza incomum, como um objeto decorativo, um vaso chinês da dinastia Ming de cuja posse se pode orgulhar, mas que uma vez admirado deixa-se ali no canto e dele se esquece até que em outra ocasião surge nova oportunidade de falar dele e exibi-lo a olhos curiosos.

Não, Ernani de Castro não formulava seu pensamento com relação à vida doméstica dessa forma, não seria capaz de reconhecê-lo, e se alguém por acaso o sugerisse (certo era também que ninguém nunca o fizera), mostrar-se-ia escandalizado: pois então o estavam tachando de egocêntrico? E talvez pior, de egoísta? Ora, afinal essa gente insensível não se dava conta de que ele tinha

necessidades que o comum das pessoas não tinha? E não estaria ali sua esposa para atendê-lo? Ernani não teve oportunidade de escandalizar-se por tal motivo, não chegou a formular essas perguntas, manteve-se no centro de seu mundo e à sua volta — pelo menos assim lhe parecia — todo o resto girava...

Lara perguntou-se se não estaria sendo injusta. Talvez seu marido fosse um homem irremediavelmente só, tão só que nem mesmo ela, com quem partilhara o leito conjugal, pudesse romper as paredes dessa solidão.

“Não serão os grandes homens também grandes solitários?”

Conhecera-o nove anos atrás num *vernissage*. Que ele, como homem, se sentisse atraído por ela não constituía novidade alguma: Lara sempre atraía sobre si a atenção de todos os homens, dona dessa beleza rara que impressiona e, mais que isso, de uma simpatia e uma cordialidade que cativam mesmo os menos sensíveis. Porém, o que teria ela visto naquele sujeito magro e um pouco alto, de barba cerrada e olhar investigativo que parecia olhar para ela com um ar de crítica severa e que, durante todo o tempo em que permaneceram juntos, não fez mais que destruir as obras expostas, afirmando sem meias palavras que tal artista não merecia expor nem mesmo nas calçadas do centro da cidade, “nem na escadaria do Teatro Municipal, senhorita, nem mesmo ali!”, pois que bem poucos compreendiam a arte nessas últimas décadas do século XX, quando os processos de criação “passaram por tais transformações que a senhorita nem faz idéia” (e disse tal coisa como se ela não fosse mesmo capaz de fazer qualquer idéia, como se não tivesse um cérebro, como se fosse uma absoluta ingênua) acrescentando ainda que “eu não duvido de ser um dos poucos que viveram plenamente essas transformações e são capazes de compreendê-las bem” (e então inflou o peito, ergueu o queixo como num desafio, manteve as mãos às costas como se tal gesto representasse um esforço inaudito e fungou, ruidoso) finalizando sua tirada com um convite, enquanto lhe estendia um cartãozinho: “Está convidada a visitar meu ateliê; pode ir a qualquer hora, que estou sempre lá, pois, para que saiba: eu trabalho constantemente”.

E Lara, tomada de curiosidade, foi, e chegando ao endereço escrito no cartãozinho atravessou um grande portão de madeira aberto por um serviçal idoso que se curvou com solenidade e indicou-lhe um caminho entre árvores e um grande pavilhão nos fundos de uma casa enorme, à frente da qual se estendia um vasto gramado com uma fonte ao meio em cujo centro viam-se grandes anjos de mármore cuja brancura tornara-se esverdeada de lodo. Fazia no lugar um grande silêncio, cortado vez por outra pelo canto de um pássaro ou pelo ruído de um raro automóvel cruzando a rua ao longe. O pavilhão, todo envidraçado na frente, dispunha de uma larga porta de ferro — e Lara, encontrando-a aberta, passou por ela e, atravessando um vestíbulo, chegou a uma sala ampla e nua: umas poucas cadeiras estilo império encostadas nas paredes, um piano de meia-cauda a um canto, só. Lara olhou em volta e teve dúvida quanto a ter feito bem em aceitar o convite daquele estranho que parecia o dono da

verdade quando se tratava da arte das últimas décadas. Esteve parada à entrada da sala por vários minutos, quieta, espreitando e — pode-se mesmo dizer — indecisa, como se avançar representasse um ato sem volta, como se fosse penetrar num dos círculos do Inferno de Dante — de onde não se retorna —, mas por fim resolveu arriscar alguns passos: aproximou-se de uma porta que havia nos fundos à esquerda e, dali, inspecionou para dentro de um imenso cômodo com uma infinidade de telas, cavaletes, tubos de tintas e pincéis espalhados sobre várias mesas, quadros pendurados nas paredes, uma prensa para gravuras num canto, pilhas de caixas de papelão com cuja serventia não atinou, uma estante com livros em desordem e mais livros em desordem espalhados em volta e até pelo chão... quando de súbito, detrás de uma enorme tela que obstruía a visão dos fundos do cômodo, surgiu ele: surgiu e estacou, talvez surpreso mas sem demonstrá-lo, e então encararam-se por alguns segundos até que ele próprio avançou, “ái está você” disse sem sorrir, “entre” acrescentou estendendo-lhe a mão, “eu estava criando” disse, e acentuou a palavra *criando* com um erguer de punho e uma ênfase de quem de fato estivesse criando não um simples quadro mas o mundo em seis dias — alguém, contudo, que no sétimo não descansaria mas ocupar-se-ia a destruir sua criação para produzir algo melhor, pois “os fracos temem destruir sua obra como quem teme o suicídio” ouvira-o dizer em algum momento durante aquela primeira visita, “porém” ele acrescentou num movimento bárbaro e terrível em que estirou os braços abrangendo o universo inteiro “eu não temo o suicídio, e assim a cada novo quadro é um suicídio que cometo, pois cada novo quadro destrói irremediavelmente todos os anteriores”, e concluiu de maneira contundente: “O verdadeiro artista, senhorita, vive de destruir cotidianamente sua própria obra” — e vendo-a algo desconcertada com sua atitude tratou logo de asseverar “mas não se preocupe, a senhorita não atrapalha”...

...ainda que não lhe passasse pela cabeça que estivesse atrapalhando, confusa como se sentia com a barafunda que tinha diante de si: telas enormes, cores desordenadamente atiradas pelas superfícies como que sem um propósito e sobre elas outras cores, manchas, formas imprecisas que nada significavam (ou teriam quem sabe um sentido oculto, místico, tremendo), traços duros e longos, riscos, “gritos?”, objetos grudados aqui e ali: pedaços de papel, trapos, pedregulhos, cascas de árvore, folhas secas, insetos mortos, ratos ressequidos, e mais tintas, mais cores, manchas, confusão!... O que lhe passava na cabeça naquele momento? Como pensar que pudesse atrapalhar alguém que parecia concentrar nas mãos o segredo da existência?

E foi desse jeito que começaram a namorar. E foi dessa maneira que um ano mais tarde estavam casados.

E agora, oito anos depois, Lara se pergunta se ainda ama seu marido, ou se o amou em algum momento. Pergunta-se também se ele — a divindade maior de um mundo único e particular — fora condescendente em amá-la, e se lembrou

da frase escrita há pouco em seu caderno, a qual representava uma inapelável decisão.

Mas a atenção de Lara é atraída para o homem de roupa escandalosa, e contrateita diz de si para si mesma “mas já de manhã!” e acrescenta “que maçada!”. Não obstante o homem, percebendo-a à janela, acena-lhe — gesto que ela responde a contragosto com um breve movimento de cabeça, pois acenar-lhe de volta estava fora de cogitação, pensa, seria encorajá-lo e isso ela não poderia fazer.

O homem de roupa escandalosa, como se habituara a chamá-lo — pelo menos consigo mesma, pois nunca o mencionava com quem quer que fosse —, era o Sr. Emílio Borges, proprietário da Magnólia, uma excelente fazenda ao norte, não muito próxima mas ainda assim próxima o suficiente para que vez por outra ele aparecesse. Emílio Borges — que contava quase cinquenta anos mas procurava vestir-se de modo a aparentar juventude: as calças *jeans* muito justas faziam destacar suas pernas atléticas e a camisa de cores berrantes com os dois botões de cima sempre abertos deixava entrever o peito largo, os ombros poderosos, e como gesticulasse era impossível não se perceber que tinha braços musculosos e mãos fortes — julgava poder impressionar Lara falando de suas atividades na fazenda “onde crio umas vinte mil cabeças de gado Jersey”, e assumia ares de grande pecuarista, “coisa pouca, é bem verdade” escusava-se com falsa modéstia pois acreditava que seu rebanho fosse mesmo grande, “mas que sempre rende alguma coisa”. O homem, mesmo sem ignorar que Lara fosse casada, vinha desde um bom tempo tentando uma aproximação, conquanto não chegasse a portar-se de maneira inconveniente, e para mantê-lo em seu lugar Lara tratava-o com uma delicadeza fria, beirando a indiferença e às vezes acentuando-a com um breve crisar de cenho como a deixar claro que de qualquer forma reprovava suas investidas. Emílio não se dava por achado, e bastava saber da presença de Lara na fazenda para que ele, alegando qualquer banalidade, também viesse, quanto mais não fosse para trocar com ela “um dedo de prosa, senhora” dizia com uma cerimônia afetada que a camisa púrpura (às vezes vermelha, às vezes com listras coloridas...) desmentia.

Cedo naquele domingo já lá estava ele, chegara mesmo antes que ela se levantasse e conversava com o encarregado Gumerindo, que parecia muito atento. Por fim os dois se afastam em direção aos fundos da casa; Emílio se volta ainda uma vez para a janela e acena-lhe, mas dessa vez Lara finge não ter percebido, não se dignando nem mesmo a um breve movimento de cabeça.

“Que maçada!” repetiu ela em voz baixa com real aborrecimento, pois o que haveria de querer o homem para ter aparecido por ali tão cedo? No entanto, distraíndo-a de seu aborrecimento, e não só distraíndo-a mas também propiciando-lhe uma sensação de conforto e bem-estar, eis que alguém avança pelo gramado, alguém muito jovem, quase imberbe, porque Luciano Ribeiro seria imberbe mesmo que não raspasse o fios muito esparsos e finos, e aloirados, que

não obstante teimavam em crescer. Mesmo de longe Lara percebeu — quando ele ergueu o rosto para ela — que naquela manhã mais uma vez houvera-se com a lâmina de barbear — e o sorriso do jovem reluziu, apagou-se em seguida no que ele desviou o rosto com alguma timidez: pois não havia dúvida de que Luciano sempre se mostrava tímido em sua presença, mas principalmente depois do sucedido na véspera (a própria Lara sente-se ruborizar um pouco e contra sua vontade ao lembrar-se) seria de esperar que ele se mostrasse arredio; mesmo agora, estando ele embaixo no jardim e ela à janela do quarto no segundo pavimento, percebeu-o um tanto embaraçado — como se não soubesse o que fazer com as mãos — depois de acenar-lhe, aceno ao qual Lara no entanto respondera com naturalidade.

Mas era verdade que esse quase menino de vinte anos, portanto dez anos mais jovem que ela, com seus cabelos claros, seus olhos cor de mel, seu rosto miúdo e pálido e um sorriso que exibia a irregularidade de caninos que se sobrepunham, esse garoto (ela pensa, teima chamá-lo assim, garoto, como uma mãe carinhosa trata seu menino) era dono de um extraordinário talento: desenhava rostos à perfeição, pois ainda no começo daquela semana mostrara-lhe, num momento em que ela estivera sozinha na varanda, um esboço rápido que fizera, retratando-a. “Tomei a liberdade” ele disse sem titubear, porém com voz quase inaudível, como se aproximar-se, estender-lhe o papel onde desenhara e falar custasse um esforço tremendo que lhe roubava todas as energias. Ela então apanhara de sua mão o papel e percebera que seus dedos finos e brancos tremiam ligeiramente enquanto seus olhos muito profundos cravavam-se nos seus, afetando uma firmeza — ela supôs — que talvez não tivessem mas que naquele momento se impunha como uma necessidade. Então olhou os rabiscos, ligeiros e nervosos, às vezes intensos, às vezes suaves quase a desaparecerem na brancura do papel, o sombreado sutil, apenas sugerido, os traços curtos e grossos que figuravam o brilho dos cabelos, tudo muito rústico e veloz como se ao autor lhe restasse uns poucos instantes de vida e ele se visse obrigado a fazer nesses curtos instantes, sob pena de danação eterna, o maior número de rabiscos possível: e do meio daquela mixórdia emergiam suas feições, como que num passe de mágica, vivas tanto quanto ela própria, a expressão de sua alma — sua face, seu rosto incomparável —, e lembrando-se desse momento Lara não se contém: afasta-se da janela, volta-se para o retrato — esse misterioso retrato que desde muitos anos, naquela parede onde ela mesma o pendurara, numa moldura neutra de madeira e protegido por uma placa de vidro, enfrentava — indene — o Tempo.

Lara atravessou o quarto e parou diante do retrato lembrando-se ainda daquele momento na varanda no começo da semana: pois Luciano estendera-lhe o desenho que fizera e àquela frase, “tomei a liberdade”, após uma breve pausa durante a qual pareceu hesitar, acrescentara:

— Na verdade eu gostaria... que posasse para mim... Eu trouxe meus apetrechos de pintura e há já algum tempo que... que penso num retrato seu a óleo...

Lara, ainda olhando o desenho, sorriu, como que transportada a um outro tempo e intimamente agradecendo a Deus o fato de Ernani de Castro não estar ali, ter ficado no Rio preparando sua próxima exposição (o *vernissage* fora marcado para o sábado seguinte e ele preferia cuidar de tudo pessoalmente, desde acompanhar o transporte dos quadros até a montagem no salão, pois “só o artista sabe que quadro deve ficar próximo a que quadro, afinal essa gente de galeria não passa de um bando de incompetentes”), pois se ele estivesse na fazenda e entrasse de súbito na varanda, e lançasse os olhos sobre o desenho, primeiro franziria a testa, em seguida limparia a garganta fazendo trejeitos com a boca, formando um bico pouco amistoso e, assumindo um ar de dono da verdade, diria: “Já não se fazem mais coisas assim, não têm qualquer importância”, afastando-se depois com desprezo. Ernani tinha o dom de destruir tudo que pudesse agradar aos outros, e acerca de seus próprios quadros sempre contradizia, fosse o público, fosse a crítica: não que estivesse disposto a dizer que “esse quadro não é tão bom” ou “trata-se de uma obra menor”, não, jamais admitiria que uma pintura sua pudesse ser qualificada de inferior; mostrava-se porém sempre disposto a afirmar que o público não compreendia suas intenções e que a crítica errava grosseiramente ao afirmar isso ou aquilo acerca deste ou daquele quadro (Lara se lembra de uma ocasião em que Ernani fora terminantemente grosseiro com uma senhora que, depois de parar por vários minutos diante de uma de suas enormes telas, dissera não compreender a ligação entre o avião que via no meio do quadro e “esses besouros no canto inferior”, sabendo Deus como a referida senhora pudera identificar no meio daquela desordem de cores — onde era impossível discernir o que fosse — um avião e alguns insetos; Ernani de Castro ouvira-a e, aproximando-se, disse-lhe com rispidez e para escândalo da pobre mulher: “Eu também não imagino, minha senhora, que relação pôde haver entre o senhor seu pai e a senhora sua mãe para que a senhora pudesse vir ao mundo!”).

— Não vejo por que não — ela havia respondido, e levantando a custo os olhos do papel sorriu-lhe: — Sim, ficaria encantada... não sabia que tinha tanto talento...

— Você acha que eu tenho mesmo... talento? — ele perguntou, subitamente embaraçado.

— Oh, sim, talento... aqui está — e indicou-lhe o desenho.

— Ah, mas isto é apenas um desenho rápido... sem maiores pretensões... e além do mais seu esposo é... é um... um...

“Um impostor” ela pensou dizer, para completar-lhe a frase. Porém respondeu:

— Mas não: o talento é algo que não se disfarça, aparece mesmo quando não se quer mostrar... mesmo que não se tenha pretensão, como você diz. E quanto a meu marido...

Lara fez um gesto indefinível, dando de ombros:

— Seja Ernani o que for... já não acredito muito naquilo que ele faz, mas nisto — e ergueu o papel —, nisto eu acredito.

Luciano não respondeu. Esgotara-se sua pouca reserva de ousadia. Pôs-se um tanto vermelho e Lara viu-se na obrigação de deixá-lo à vontade:

— Podemos começar hoje mesmo à tarde — disse —, o que acha?

— Ah... está... está ótimo para mim... se não for inoportuno...

— Ora, Luciano, inoportuno?... Está combinado, às três, depois do café, certo?

— Se assim o quiser. Mas eu preferiria estar longe da vista dos curiosos...

— Então em cima, na biblioteca. Pode levar seu material para lá. É um lugar tranqüilo, bastante reservado, e possui uma janela ampla com excelente iluminação. Também é possível trancar a porta a chave.

Luciano sorriu com um movimento de aquiescência como se as palavras lhe fugissem.

— E este... — Lara olhou mais uma vez o desenho, procurando em seguida os olhos do rapaz: — ...eu posso...?

Mas agora o vento no jardim sacudia as árvores e um golpe mais forte fez bater a janela. Lara porém não se voltou com sobressalto, nem ao menos percebeu o que acontecia: pois mais uma vez mergulhava no mistério daquele rosto antigo.

Tratava-se, com efeito, de uma fotografia muito antiga (embaixo, à direita, uma data escrita a lápis: 18 de maio de 1898), encontrado por seu avô em um velho móvel desconjuntado, por época de sua primeira vinda à fazenda: de uma busca no porão haviam trazido para fora aquela cômoda carcomida que só serviria para lenha. Seus avós, no entanto, resolveram verificar as gavetas e encontraram um envelope grande, de papel pardo, espesso: dentro, o retrato — e todos se surpreenderam, impressionados com a semelhança entre a menina retratada e Lara, então com doze anos. “O meu rosto... o rosto de minha avó... numa fotografia do fim do século XIX!”

Pois aquele rosto, aquela incomparável beleza, aquelas feições cheias de encanto e mistério que ela havia herdado de sua avó Suzana, sua avó herdara por sua vez de alguém... E Lara lembrou-se da história: foi ao encontrar o retrato que a velha senhora descobriu, por acaso, que seus pais — há tanto tempo mortos — lhe haviam escondido um fato crucial de sua vida: não lhe haviam falado de uma certa Rosinha...

(Lara se recorda de sua surpresa quando, naquela tarde de sua infância, poucas semanas depois de terem regressado da primeira visita à fazenda, a avó chamou-a até seu quarto e lhe mostrou o retrato. “Sou eu?” havia perguntado ainda sem compreender, e então com muita calma Suzana lhe contou como aquele retrato fora encontrado [“Lembra-se daquela cômoda de gavetas emperradas que seu avô encontrou no porão?”] e a quem pertencia — uma história antiga de renúncia e sofrimento.)

E agora na parede, emoldurado e protegido por uma placa de vidro, o que se via era o rosto fulgurante de uma adolescente de treze anos datado do ano de 1898, de quem Lara não conhecia toda a história mas cujo nome — Rosinha — passara a soar em sua casa como um estranho sinal. O que soube é que Rosinha nascera predestinada por uma beleza, para ela, maldita, que a todos impressionava e acabara por destruí-la. Ouvira essa história de sua avó, a quem fora narrada pela antiga proprietária daquela casa: uma história de amor frustrado, de perdição e loucura, de uma filha entregue para que estranhos a criassem a fim de protegê-la da vergonha, e no fim de tudo... “No fim de tudo” Lara pensa ainda submersa nos olhos centenários do miraculoso retrato — pois corriam os últimos dias de maio e o rosto no papel completara cem anos! —, “no fim de tudo eu estou aqui, e herdei o rosto dela”.

Lara sorriu, mas dos seus olhos correram lágrimas. Então voltou a si, abriu a porta do quarto e saiu para o corredor.

Porém, pelo corredor, carregando um balde e um esfregão, quem avança é a Titina, a paquidérmica Titina, a gaforinha embranquecendo sob um pano encardido preso à nuca por um nó cego, a cara gorda coberta de gotículas de suor, pois já havia limpado os cômodos de dentro, como costumava dizer, “aprovei-tei agora de manhã que ainda está fresco, dona Lara, para limpar os cômodos de dentro” e estacou a um passo de Lara, que lhe sorriu e disse em tom de bem-humorada censura que ela se preocupava demais com limpeza, “mas dona Lara!” e a Titina scandalizou-se, abriu-se em seu rosto pardo e luminoso um sorriso, “uma casa grande assim... e com visitas... além do mais, eu já estou acostumada!” querendo, no entanto, dizer que o andar superior, por ser aquele que os patrões ocupavam e cujos quartos destinavam-se também às visitas, ou seja, à gente importante, só ela mesma sabia limpar, pois lá ia confiar nessas molecas que se catam na vila para adjutorar dentro de casa? “Porém a biblioteca, dona Lara, continua fechada...” e Lara explicou-lhe que “o Sr. Luciano ainda está trabalhando, e prefere não ser incomodado”; “ah...” mas em seguida “não, dona Lara, ele não está lá agora não, eu vi ele indo pro jardim” e Lara se ri da ingenuidade da negra, “não foi isso que eu quis dizer, Titina” ela explica, “o que eu quero dizer é que ele ainda não terminou o quadro e por isso deixa a biblioteca trancada, para que ninguém o veja antes do tempo”, e a Titina move a cabeça como quem por fim compreende “bem, sendo assim...”, mas não podia deter-se mais de prosa: “Quê de coisa ainda pra fazer, dona Lara, quê de coisa!...” e se afastou corredor afora bamboleando sua obesidade cômica enquanto Lara, parada a observá-la, vendo-a descer a escada com o cuidado que seus volumes exigiam, ainda sorria da azáfama da mulher e se perguntava por que nunca conseguira fazer com que ela se habituassem a chamá-la apenas de Lara — pois verdade é que a Titina não teve a mesma cerimônia quando se conheceram, Lara só uma garotinha que jantara em sua casita à beira da estrada e lhe ouvira uma história de princesas encantadas...

Então se lembrou de como, após a reforma da casa, vinham sempre a passeio, mesmo fora dos períodos de férias, até aquele interregno de quatro anos... aquele período tão triste em que sua avó Suzana morreu subitamente num fim de tarde festivo, menos de um mês antes de completar sessenta anos, deixando a todos perplexos e pesarosos, “pois uma morte assim tão súbita se explica?” dizia-se muitas vezes, sem compreender bem — conquanto já uma adolescente — aquele estranho fenômeno que separa as pessoas para sempre... E Lara lembrou-se de sua avó muito pálida no caixão, mas ainda bela — essa beleza mágica da velhice que as rugas, os cabelos brancos, o cansaço dos olhos não são suficientes para destruir —, e pensou em seu avô a quem julgou fosse sucumbir mas que se manteve firme, suportou com denodo a viuvez, não retornando porém à fazenda nos anos seguintes... Fora então aquele o interregno, os quatro anos... e quando ela mesma resolveu reaparecer já chegara aos vinte e os do lugar viram nela uma jovem senhora.

“Desde então a Titina...”, pois fora desde então que a Titina passara a tratá-la por “dona Lara”, e Lara soube (já o sabia, é certo, mas não tinha uma consciência ainda muito firme da importância disso) que não era mais a menininha que viera pela primeira vez, nem a adolescente dos anos seguintes, mas uma mulher, a dona daquela casa, daquelas terras — pois era certo que seu avô ainda estava vivo e forte, e transcorrido aquele interregno voltara a ocupar-se da propriedade onde passava algumas semanas por ano, e ainda havia sua mãe; mas esta nenhum interesse tinha naquele lugar, “ora” exclamava ela, que muito raramente aparecia, “vocês sabem que eu detesto o campo!”. Assim sendo era Lara a dona de tudo aquilo — mesmo que por enquanto não o fosse de fato —, pois também era assim que todos — colonos, vizinhos, a gente da vila onde se tornara muito conhecida — a viam.

“E não podia ser de outro jeito” Lara pensa, avançando agora em direção da escada.

E Lara desce a escada como fazia todas as manhãs, satisfeita porque o novo dia abria-se à sua frente como uma página em branco — e ao pôr-se à mesa para o café foi com prazer que viu os talheres reluzirem: o açucareiro, por exemplo, refletia-lhe o rosto e na tampa do bule a janela aberta desenhava um quadrilátero de luz.

— Bom-dia, Zefa — disse, sentando-se e começando a servir-se. — Será que sou a primeira à mesa hoje?

— Bom-dia, dona Lara. Não, seu Luciano e dona Yolanda já tomaram café. Espero que esteja tudo a gosto.

— Tudo ótimo, Zefa. Mamãe já se levantou?

— Sim, dona Lara, cedinho já estava de pé. Nem quis comer, tomou só um cafezinho e saiu por aí.

— Ora, a mamãe — e Lara sorriu lembrando-se da surpresa que a mãe lhe fizera, aparecendo repentinamente na véspera, ela que sempre dizia detestar o

campo e que nos últimos dois anos não pusera os pés ali. — A mamãe de fato me pregou uma peça...

— Uma peça, dona Lara?

— E não? Ela não gosta daqui, e agora, de repente... — pois Helena aparecera de surpresa. Chegara por volta do meio-dia com uma valise arrancando uma feliz exclamação de Lara, que jamais poderia esperar que a mãe viesse à roça por seus próprios pés, ela que nas poucas vezes (três? Não mais que três ou quatro) que ali estivera mostrara-se a maior parte do tempo mal-humorada e irritadiça.

— Zefa, não se esqueça do açúcar mascavo. Ernani usa somente esse tipo de açúcar.

— Sim, senhora. Seu Ernani já vai se levantar?

— Não sei, Zefa, não passei pelo quarto dele, mas presumo que deva dormir um pouco mais, pois chegou tarde — e, após um instante, Lara acrescentou como se devesse uma explicação para aquela história de cada um ter seu quarto, ela o dela, ele o dele, fato que todos conheciam de sobra e não estranhavam mais, mas que sempre lhe parecera incômodo porque inusual entre as pessoas simples do campo, e buscou imprimir à voz uma naturalidade que não obstante lhe soou forçada: — Chegou tão tarde que nem nos falamos. Ele não quis incomodar-me, e foi direto para o outro quarto.

Porém Ernani de Castro já se pusera de pé e andava de um lado para outro no quarto enquanto se vestia para descer. Ouvira a mulher no corredor falando com a empregada, “ora, essa Titina” resmungou consigo mesmo com mau humor, mas preferira não aparecer-lhe naquele momento. Também não lhe falara ao chegar, já bem depois das duas, pois verdade era que Lara havia-lhe “aprontado uma”.

“Enfim, mulheres!”

E se deteve diante do espelho grande do guarda-roupa a fim de verificar sua aparência: vestira uma calça cáqui de brim que lhe caía bem e uma camisa social branca de mangas compridas que, de hábito, usava dobradas até o meio do antebraço. Penteou os cabelos e sacudiu a cabeça para não ficarem tão certinhos, conquanto estivessem curtos, e em seguida considerou se devia aparar a barba — Ernani tinha uma barba cerrada que de ordinário aparava com uma tesourinha para que não parecesse tão cheia, mas naquela última semana fora tão absorvido por suas atividades que se esquecera de fazê-lo, e agora sua barba enchera-se e fios de bigode caíam-lhe sobre os lábios. Contudo a aparência não lhe pareceu má, e resolveu deixar como estava.

Girou sobre os calcanhares, olhou em volta a fim de certificar-se de que tudo estava em ordem, de que nada faltava à sua pessoa, à sua pessoa singular — assim o pensava —, de que não se esquecera de nenhum detalhe, mesmo porque — e enternecia-se consigo mesmo com tais considerações — era um homem muito simples, mesmo que pudesse figurar num panteão qualquer seus

hábitos eram naturais e comuns e como qualquer outra pessoa levantava-se pela manhã, escovava os dentes, tomava o jejum, fazia uma breve caminhada estando na fazenda e respirava o ar fresco com o mesmo prazer que o camponês ao tanger suas vacas ao pasto, ou o lavrador que colhe os frutos de sua plantação, ou a cozinheira que prepara os bolinhos no forno a lenha...

E saiu para o corredor.

Mas já não havia ninguém no corredor: provavelmente a mulher e a empregada já se haviam afastado, e ele se sentiu melhor, pois não podia esquecer que Lara lhe “aprontara uma”, com o que havia se sentido menosprezado, considerando sua atitude uma grave injustiça: deixá-lo só às vésperas de um *vernissage* tão importante na sua carreira, *vernissage* no qual deveria mostrar quadros não apenas inéditos mas que mudavam por inteiro os rumos de sua arte e, nisto não punha qualquer dúvida, fariam escola! Pois ela lhe dissera na semana anterior “vou para a fazenda”, e não satisfeita acrescentou “pretendo passar ali uma temporada, já que no momento nada tenho que fazer por aqui”. Ernani a princípio não acreditou em tal enormidade: então ela pretendia abandoná-lo naquele momento crucial?

— Ora, Ernani, não seja tolo — ela respondera, retocando a maquiagem defronte ao espelho do banheiro.

“Não seja tolo” ela havia dito. Tachara-o de tolo, a ele, Ernani de Castro, a ele cujo nome em breve estaria nas primeiras páginas e, mais uma vez, ocupando a capa das revistas de arte! Seria mesmo sua mulher essa que ele via ali diante do espelho do banheiro retocando a maquiagem?

“Será que se julga uma artista, quando se pinta?” ocorreu-lhe. Porém...

— Aonde a senhora pensa que vai? — perguntou num tom um tanto rude.

— Sair — ela respondera simplesmente, sem acrescentar qualquer esclarecimento, e ele desistiu. Na verdade Ernani nunca fora um marido controlador e confiava em sua mulher: “Lara não faz o gênero infiel” dizia de si para si mesmo, satisfeito com a aquisição que fizera com seu casamento, pensando que ele também não lhe fora infiel naqueles anos todos, salvo uma ou duas vezes, mas essas duas vezes tinham sido tão banais e de duração tão breve que nem contavam — e não contavam principalmente porque pelo menos numa coisa agia com justiça: Lara era uma mulher tão superior a todas as outras (e a teria escolhido para si, se não fosse?) que fora mesmo com um vago sentimento de repulsa que se atrevera àqueles envolvimento banais, dos quais se desfizera sem nenhum pesar — e recostou-se à pia para lembrar: o primeiro caso ocorrera durante uma curta viagem a Roma, durara apenas os três dias da viagem e quando se despediram pela manhã no quarto do hotel foi com um aperto de mãos, um sorriso de amizade mas para não se verem mais, pois nenhum dos dois parecia disposto a manter um romance; o segundo fora ali mesmo, no Rio de Janeiro, havia dois anos, logo após uma exposição: passando casualmente pela galeria num fim de tarde deparara com uma mulher atraente, se bem que já

bastante madura, apreciando seus quadros; não havia mais ninguém àquela hora e ela pareceu encantada em ter “o autor dessas maravilhas” bem ali, à sua frente! “Que imensa satisfação, Sr. Ernani”, mas em pouco o “Sr.” foi deixado de lado e foram terminar a conversa num motel. O caso durou uma semana, pois no domingo seguinte a mulher, que era casada e vivia em Miami com a família, viajara de volta levando um de seus quadros, mas não o seu coração “pois no fim das contas eu tampouco faço o tipo infiel”... Bem, fato é também que Ernani não fazia outra coisa a não ser trabalhar, trabalhar e trabalhar: a qualquer hora do dia e não poucas vezes da noite podia ser encontrado em seu ateliê, e quando saía era quase sempre na companhia da mulher, de forma que, fosse ele um mulherengo, haveria muito poucas ocasiões para infidelidades... Mas nesses breves momentos de assombro em que via sua mulher retocando a maquiagem para sair e anunciando-lhe que no dia seguinte ou, no máximo no outro, seguiria para a fazenda, onde pretendia passar uma temporada, limitou-se a essas extemporâneas reflexões sobre casamento e fidelidade, assuntos nos quais muito raramente se detinha; e assim, baixando a cabeça com o cenho franzido e metendo as mãos nos bolsos da calça, reclamou:

— Não é possível, Lara, que você não se dê conta...

— Ernani — e Lara voltou-lhe o rosto cuja beleza, que a todos se impunha por sua singularidade, não fora suficiente para que ele se dispusesse, em oito anos de matrimônio, a retratá-la a óleo. — Ora, Ernani — ela repetiu —, deixe de fazer tempestade em copo d'água.

— Mas Lara...! Tempestade, Lara!...

— Sim, Ernani! Tempestade em copo d'água! Que tenho eu a ver com sua exposição?

Naquele momento, sem que ele soubesse, Lara pensara em dizer-lhe que já não acreditava em sua arte, que todas as suas extravagâncias — que de início despertaram sua curiosidade — já não lhe importavam, haviam perdido a substância e não lhe diziam mais nada, e que ele, como artista — ainda que glorificado pela crítica e enriquecido pelos colecionadores que pagavam pequenas fortunas por uma tela —, esvaziara por completo. Isso passara como um relâmpago por sua cabeça no instante em que, incisiva, encarou-o perguntando-lhe “o que tinha a ver com sua exposição”. Mas fora somente um relâmpago, pois ela em seguida desviara os olhos e ajuntando seus apetrechos de maquiagem passou por ele e entrou no quarto.

Ouvindo-a Ernani arregalou os olhos sem acreditar: então a ordem natural das coisas estava mesmo se alterando! Seria aquilo uma conspiração que por fim se concretizava contra sua vida? Então Lara não tinha nada a ver com sua exposição? Isso significaria que sua esposa nada tinha a ver com sua arte?

— Então você não vai ao *vernissage*? — ele perguntou, ainda sem acreditar em tal possibilidade.

— Claro que não — ela disse sem ao menos olhá-lo, ocupada em arrumar

umas peças de roupa no armário. Pois desagradava-lhe sair deixando o quarto desarrumado, e assim repôs nos cabides as peças que não usaria aquela tarde e levou para o cesto de roupa suja as que havia trocado.

— Mas... não?! Não irá?!

— Não.

— Lara!... Você esteve em todas as minhas exposições desde que nos casamos!... É preciso que vá também desta vez!

Diante de tal insistência Lara deteve-se no meio do quarto com a pequena trouxa de roupas sujas nas mãos e o encarou:

— Nada tenho a fazer lá, Ernani. Primeiro, todos os quadros que irão para a galeria eu já vi. Aliás, já vi e revi todos os seus quadros, portanto, nenhuma novidade: eu já *fui* à sua nova exposição. E para ser franca, faz tempo que não vejo nada de novo por aqui! Nada de novo! E para ser mais franca ainda... — mas calou-se. Achou por bem não ser tão franca: sentiu naquele instante uma súbita piedade de Ernani, que lhe parecia desvalido à porta do lavabo com a gravata na mão, buscando-a com os olhos assombrados. Acrescentou: — Segundo: não gosto desses eventos aonde vai uma gente que nada tem a ver comigo, uma gente pra lá de sem graça. Sim, eu sempre fui às suas exposições, e fiquei até o fim, plantada em algum canto conversando com alguma velha chata ou algum intelectual com ares de gênio e tipo de idiota. Não tenho mais saco pra esse tipo de coisa, Ernani, pra mim acabou! E por último, há tempos não vou até a fazenda, por isso decidi viajar esta semana.

E arrematou, antes de sair do quarto:

— Satisfeito?

Agora, andando em círculos em seu ateliê, depois de ver a mulher entrar no carro e “sair”, simplesmente “sair”, sem lhe dar mais atenção, Ernani tentou responder a essas perguntas incômodas (Lara não tinha nada a ver com sua exposição? Sua esposa nada tinha a ver com sua arte?) e espantou-se com as respostas que se impunham, as únicas possíveis: pois era certo que Lara não tinha mesmo nada a ver com sua exposição — afinal, sempre que ele expunha não ficava ela com efeito “plantada em algum canto” conversando com estranhos enquanto ele solenemente esquecia-se de sua presença para posar para os jornalistas, falar aos críticos, enfim, “aparecer”? E que teria ela a ver com sua arte, se quase nunca entrava em seu ateliê e, quando o fazia, era apenas uma sombra a andar de um lado para outro, parar diante deste ou daquele quadro sem qualquer comentário, e a quem ele raramente dirigia a palavra? Que poderia ter ela a ver com sua exposição, com sua arte, com sua vida de celebridade se dela não participava, se sua beleza corria o risco de fanar-se com a velhice e jamais ser registrada num quadro que ele assinasse? (E Ernani, que nunca se deixara tocar profundamente pela beleza da mulher, estremeceu ao pensar que aquele rosto fosse emurchecer com o tempo, “conquanto ainda demore” ocorreu-lhe, pois era certo que Lara tinha apenas trinta anos e não aparentava nem

mesmo vinte e cinco, a juventude parecia desejar prolongar-se nela para que sua beleza “tivesse uma oportunidade” — e Ernani espantou-se ao dar-se conta de que pensara aquilo mesmo de “uma oportunidade” para a beleza de Lara, embora não tivesse uma idéia muito clara de a que oportunidade se referia.)

— Ora, mas ela tem sido fotografada tantas vezes!... — exclamou em voz alta. — Apareceu em capas importantes... — e estacando ao se dar conta de que a oportunidade que lhe ocorrera era justamente a de ser não apenas retratada, mas tocada, percebida (e rosnou qualquer coisa como “de que vale uma fotografia”, pois o que representava a fotografia comparada à pintura a óleo? Que valor teria um retrato feito por um instrumento mecânico se comparado com uma pintura na qual o pintor de fato “percebesse” e “tocasse” a beleza do modelo?). Então Ernani tremeu, pois agora se lhe impunha uma pergunta crucial: teria ele capacidade de “perceber”, “tocar” a beleza de sua mulher — ele, que pouco se dedicara, no começo de sua carreira (um garoto ainda), ao desenho; ele que sempre se ocupara da pintura abstrata, das colagens, da combinação de materiais diversos com o óleo, mas que jamais pintara um retrato?

Ernani, naquele instante, teve medo. E Lara dois dias depois viajou para a fazenda onde, havia dito, talvez reunisse amigos. “Depois da estréia, se você quiser ir...” ela disse, e ele teve de resignar-se.

Naqueles últimos dias trabalhara como um louco, logo esquecendo-se de que a mulher se rebelara contra ele: tinha quadros a terminar para a exposição, urgia entregá-los o mais rápido possível, e logo os transportadores apareceram para embalar tudo. Seguiu-se uma fase terrível, “sim, verdadeiramente terrível” exclamou, descabelado e agitando os braços diante da administradora da galeria: pendurar os quadros nas paredes!

— Pois os quadros dialogam — dizia enquanto olhava em volta, em desespero, tentando ouvir (e quem sabe ouvindo mesmo) essas vozes inaudíveis. — É preciso saber o que uns dizem aos outros, para colocar juntos aqueles que se entendem melhor, aqueles que não altercam! — e os funcionários perplexos diante daquele temperamental que afirmava ouvir quadros falar punham-se mudos temendo que suas vozes fossem interferir com a das pinturas e acabassem, eles mesmos, pendurados na parede.

Então Ernani de Castro passaria dois dias inteiros tentando captar o bate-papo de suas telas, mudando-as de lugar, colocando esta vermelha junto daquela verde, ou a azul entre uma com manchas de cores neutras e outra de faixas cor-de-rosa, e assim por diante, e nesses dois dias não comeria — no máximo tomaria um copo de suco — nem haveria de dormir direito. Nesses dois dias enlouqueceria os trabalhadores com seus gritos e seu bracejar incessante, suas súbitas imobilizações após um berro de “silêncio!”, como se assim pudesse surpreender esse diálogo que só existia em sua cabeça, suas ordens de “é preciso mudar tudo” e “adiante!” para, no começo da noite, depois que todos partissem e ele ali permanecesse, sozinho e desvairado, desfazer o trabalho feito e

refazer de outra forma “pois é preciso compreender o que os quadros dizem entre si, senão... senão...!”.

Mas a gente da galeria já se habituara a tais tempestades, porque Ernani de Castro era um gênio que mui justamente recebia os louros por sua genialidade, e só aturavam o doido porque sabiam de seu sucesso, dos altos preços de suas pinturas, das vendas que se faziam mesmo antes de abrirem-se as portas da exposição, do dinheiro que se ganharia com ele...

E deu seis horas, sete horas da noite do segundo dia, e Ernani de Castro — que passara boa parte da manhã sentado no chão examinando atentamente os quadros pendurados para concluir que aquela disposição não era satisfatória, e a tarde inteira mudando todos de lugar pela vigésima vez — respirou fundo, bufou em desespero, grenhudo, a camisa fina de linho branco (encardida e na qual faltavam dois botões) meio para dentro e meio para fora das calças, e parou desacorçoado no meio do salão.

Timidamente o porteiro da galeria apontou sua carapinha grisalha no vão da porta, à espreita, perguntando-se quando estaria terminado. Não fez qualquer ruído, mas Ernani, como se tivesse um sexto sentido, pressentiu que o observavam e voltou-se, deu com o homem ali e estacou, mal acreditando no que via: qual a intenção do infeliz vindo espioná-lo? perguntou-se; estaria com pressa de fechar a galeria e ir para casa? Mas que abuso! Afinal não era sua função permanecer ali até que tudo estivesse terminado? Não era pago para isso? Com que direito aparecia ali, a testa luzidia, a carapinha rala e grisalha, a lembrar com sua presença desagradável que já se faziam horas? Então ele, Ernani de Castro, não sabia que já se faziam horas? Como não saberia? Sim, sabia, sabia, mas... acontece que há coisas impossíveis, Deus do céu, será que não compreendem? Seria ele tão incompreendido assim? Estaria tão sozinho e desvalido para que até um mero porteiro, que se desincumbia também das funções de zelador (pois que também vez por outra empunhava a vassoura e o balde!), e ainda por cima preto, a bem dizer mulato, de qualquer forma um crioulo...!

Além do mais, exclamou no fundo de sua alma, ele, Ernani de Castro, não poderia estar sujeito às horas. Faziam-se horas, mas e daí? Que é que tinha a ver com isso? As horas é que deveriam estar sujeitas a ele, o tempo...

E avançou incontinenti na direção do porteiro assombrado, tomou-o pelo braço, exclamou:

— Acompanhe-me!

E seguiu para fora, desceu ao andar de baixo levando o pobre homem pela mão, ou melhor, não propriamente pela mão pois na verdade agarrara-lhe o punho frouxo da camisa e era pelo punho que o puxava atrás de si. Funcionava ali um bar/restaurante, quase vazio àquela hora.

— Preciso beber alguma coisa — disse Ernani escolhendo uma mesa junto à porta. — Mas não quero estar sozinho. Sente-se, é uma ordem. Garçom! — e deixou-se cair como um fardo numa das cadeiras.

Aparvalhado, o porteiro procurou sentar-se como a ocupar o menor espaço possível.

Mas Ernani não prestou atenção à presença do garçom que, ao seu lado, aguardava o pedido com o bloquinho e a caneta em punho. Pois para Ernani de Castro o mundo pusera-se mesmo às avessas: o que lhe restara de sua vida conjugal se, num momento quase trágico de sua existência, ele tinha de contentar-se com a companhia de um simples porteiro, ainda por cima crioulo? E abstraíu-se, perdeu-se de si mesmo, por um momento penetrou os domínios do Nada... mas foi arrancado desse lugar de paz celestial pelo movimento do garçom que, para chamar-lhe a atenção, curvou-se um pouco pigarreando levemente.

— Ah, você está aí!...

— Às suas ordens, senhor.

— Pareceu-me ouvi-lo pigarrear.

— Terá sido impressão sua, senhor.

— Não creio. Você é muito impertinente. Pigarreou para chamar-me a atenção.

— Não creio ter tido tal intenção, senhor. De qualquer forma, desculpe-me se fui inconveniente.

— Foi, foi sim, mas não tem importância. Estou vivendo um momento muito especial e posso ser tolerante.

— Sua exposição deverá ficar muito bonita, senhor. Parabéns.

Ernani então encarou com pasmo o garçom, como se lhe custasse acreditar no que ouvia — pois aquele homenzinho que mais parecia um boneco empalhado ousava formar um juízo de sua exposição! E que juízo! “Sua exposição deverá ficar muito bonita”! De onde ele tirara essa idéia? Que saberia aquele parvo a respeito de beleza? Ao menos faria uma idéia do que estava exposto para exprimir-se daquela forma?

— Por acaso o senhor viu os quadros? — foi só o que conseguiu perguntar.

— Por acaso, senhor, quando subi pela manhã para atender a um pedido.

Ernani desconsiderou. Preferiu não alimentar a conversar. Era só o que lhe faltava! Então sua exposição já fora aberta ao público!, pensou com um indignação fingida, e sem que ele sequer tivesse concluído a ordenação das pinturas na parede! “Ora essa!”

— Traga-me uma bebida — disse, como se não o tivesse ouvido.

— Qual a sua preferência, senhor?

— Uma bebida forte, qualquer bebida forte, *vodka*, por exemplo, e alguns salgadinhos — e para o porteiro ainda aparvalhado: — E você? O que bebe?

— Eu não tenho o hábito, senhor...

— Ora, o senhor por certo não me deixará beber sozinho! Far-me-á essa desfeita?

— Oh não, senhor, longe de mim...!

— Então *vodka* para ele também.

E quando o garçom inclinou-se para retirar-se:

— Não! Pensando melhor, *vodka* não. *Absintho*! — e Ernani enfatizou de tal forma a palavra que foi como se a pronunciasse assim mesmo, com *i* e *th*. — É do que estou precisando. Ah, o absinto...! Vamos, homem! Avie-se!

E o garçom retirou-se com passinhos miúdos e apressados, um tanto divertido com os ares e atitudes daquele artista excêntrico que ele conhecia de outras ocasiões.

— Então o senhor é o porteiro — disse Ernani sem olhar para seu companheiro de mesa.

— Sim, senhor, e...

— Mas eu bem o sei — atalhou Ernani —, já o vi, lembro-me de você! Afinal não é a primeira vez que exponho nesta casa!

— Eu também me lembro de outras exposições que o senhor fez aqui...

— Ah, bem... mas que há? Parece incomodado?

— Bem, creio que não deveria estar aqui. Temo ter abandonado meu posto...

— Bobagem! A portaria está fechada faz tempo, ninguém vem mais hoje.

— Isso é verdade, senhor — disse o outro baixando a voz. Sentiu-se encaulado ao ver que seu plano para evadir-se não dera certo.

Mas Ernani parecia deixá-lo em paz: recostado no espaldar alto da cadeira estirara as pernas embaixo da mesa, relaxando todo o corpo e respirando fundo, como se fosse esvaziar-se por completo feito um balão de borracha.

O garçom retornou com uma garrafa de *absintho* e dois copos. Depositou com cuidado a garrafa no centro da mesa e um copo diante de cada um dos dois homens. Serviu a ambos uma dose generosa, antes de afastar-se.

O porteiro olhou apavorado para a bebida, pois não estava acostumado, menos ainda a uma assim tão forte.

Ernani, por sua vez, num gesto mecânico — pois parecia distraído olhando para o teto e completamente esquecido de onde e com quem estava —, estendeu devagar a mão para o copo e o levou aos lábios, provando — apenas provando — a bebida. Em seguida depositou outra vez o copo diante de si, na mesa.

— Diga-me uma coisa — disse, sem olhar para o outro —, há quanto tempo é porteiro? Esta é uma ocupação certamente maçante. Não se enfada?

— Oh, não, senhor, quando já se está acostumado...

— Acostumado?

— Sim, já faz um bom tempo que trabalho aqui.

— Um bom tempo... quanto tempo?

— Quanto tempo?... Bem, deixe-me ver... creio que uns vinte anos... isso, uns vinte anos.

— Vinte anos — Ernani repetiu, pensativo. E, de um salto, aprumando-se, outra vez desperto: — Vinte anos! O que tem sido sua vida nesses vinte anos,

homem, abrindo portas, fechando portas, vigiando portas, atendendo pessoas? O que tem sido sua vida, diga-me lá!

— Uma vida comum, senhor... — o outro respondeu sem compreender bem a razão de tudo aquilo.

— Uma vida comum! — exclamou Ernani. — Então existe quem se contente com uma vida comum! Deus do céu!...

O outro o olhou meio aparvalhado.

— Decerto até o seu nome é um nome comum — continuou Ernani alvoroçado. — Como se chama?

— Antônio, senhor.

— Oh, eu bem sabia, eu não disse? Até o nome é comum!

— Eu sou um homem comum, senhor Ernani — o outro achou propício justificar-se, e julgou ter feito muito bem, afinal um homem comum não pode ter uma vida incomum. — Eu sou uma pessoa simples, gosto de servir às pessoas...

Ernani franziu o cenho como se não compreendesse aquele homem que ainda nem tocara na bebida.

— Sabe?, eu... nesses vinte anos tornei-me conhecido e amigo de todos... muitos artistas têm passado pela galeria, muitos têm voltado, o senhor sabe, o senhor mesmo é um dos que voltam sempre...

Ernani continuou olhando-o, esperando pelo que viria.

— E eu fico feliz quando uma dessas pessoas famosas mostra reconhecer-me e vem apertar-me a mão.

Ernani pareceu perplexo. Ali estava um homem simples que se chamava Antônio e declarava com simplicidade sentir-se bem servindo às pessoas, e feliz quando alguém famoso o reconhecia e ia apertar-lhe a mão! Por um instante Ernani tentou colocar-se na posição daquele homem simples e de cor, e imaginou-se sorrindo para as pessoas que entravam e saíam, e curvando-se quando alguém lhe desse uma ordem, e estendendo a mão, submisso, se um artista lhe concedia a graça de lembrar-se dele e cumprimentá-lo... “Fale-me de sua vida” pediu enquanto levava aos lábios o copo de absinto, abstraindo-se mais uma vez.

O porteiro sentiu-se embaraçado: falar de sua vida simples para aquele grande homem, grande e estranho, que afirmava ouvir o que os quadros pendurados na parede diziam uns aos outros; falar de sua vida pequena para alguém que talvez não fosse capaz de compreendê-la, conquanto não houvesse muito o que compreender... como falar de sua vida a alguém assim? (mormente porque enquanto levava a bebida aos lábios pela primeira vez, mal provando-a e recolocando horrorizado o copo na mesa decidido a não beber mais, o grande homem parecia distraído e seu olhar fixado em nada, ou no infinito)

E mais tarde, já perto da meia-noite quando um tanto aliviado pôde finalmente fechar a galeria, após uma vez mais voltarem ao salão para que Ernani

prosseguisse em sua tarefa de organizar e reorganizar os quadros na parede ouvindo o que diziam entre si, fosse lá o que fosse que conversassem; mais tarde, portanto, naquela noite, a caminho do ponto do ônibus, Antônio pensa em sua simplicidade: pois um homem simples tem uma vida simples, o que haveria de espantoso nisso para que aquele grande homem poucas horas atrás, sentado à sua frente e bebericando uma bebida horivelmente forte, abrisse de tal maneira os olhos?

Um tanto embaraçado, Antônio baixara a cabeça olhando para as mãos rudes, meio recostado na cadeira e pouco à vontade, por que não admitir?, pois não se sentia à vontade, não podia sentir-se à vontade arrebatado como fora por Ernani momentos atrás para acompanhá-lo ao bar.

— Mas não importa — dissera Ernani recuperando-se momentaneamente de sua abstração e virando de um só gole toda a bebida que ainda restava no copo —, mesmo alguém comum deverá ter coisas para contar. Assim sendo — e bateu o copo na mesa, fazendo o outro estremecer —, fale, diga alguma coisa, homem! Distraia-me!

— Distraí-lo, senhor?... Mas logo eu...?

— Sim, meu caro Antônio, pois então: eu preciso voltar lá para cima e chegar a um acordo entre os quadros. Não quero mais ouvi-los protestar, entende?, pois os quadros protestam quando não estão colocados de acordo... mas para isso preciso estar com o espírito puro, limpo, leve. Logo, é preciso que eu me distraia, e uma boa história...

Antônio sorriu entre complacente e amedrontado:

— E eu lá terei alguma boa história...? Oh, não...

— Mas sou eu que decido, meu pobre Antônio, sou eu que decido quanto à qualidade da sua história! Fale.

E ainda esta outra maçada: vigiando o relógio de pulso Antônio viu que perdera o onze e cinquenta, e agora só lhe restava esperar pelo último ônibus da noite daí a quase uma hora, “e tudo por causa das esquisitices dessa gente artista” resmungou.

Resmungou, mas o velho Antônio bem que gostava daquilo: daqueles vinte anos convivendo com esse mundo incompreensível ao qual não teria acesso se não fosse porteiro e zelador de uma galeria de artes. Gostava de ver essa gente estranha que fazia quadros e esculturas, gostava de servi-los e ouvi-los falar numa linguagem secreta da qual aprendera nessas duas décadas umas poucas palavras, mas pelo som e não pelo significado que acaso tivessem.

Antônio bem que gostava de chegar em casa e contar essas novidades — não para os filhos, pois não os tivera, não para a mulher, pois estava viúvo há quase dez anos e vivia só: contaria essas novidades para a cadela Pituka, uma vira-lata que ele recolhera da miséria das ruas, magra, faminta e repleta de vermes, mas que agora, limpa e saudável, cochilava à sua espera num cantinho da exígua varanda. Entrando em casa, Pituka saltaria sobre ele e o acompanharia à

cozinha, onde ficaria à espera de algum petisco; e enquanto preparasse o jantar, o velho Antônio iria falando à cadela, contando suas histórias como se ela o entendesse, e talvez até mesmo — lá do jeito dela — o entendesse e abanasse o rabo em resposta.

Então Antônio não teve alternativa a não ser falar de suas “aventuras”, contar para o outro que era apenas um homem de sessenta e cinco anos, viúvo e vivendo só, “só com minha cadelinha Pituka”, pois sua esposa não lhe dera filhos e por isso não teria netos, pois certo era também que ele, com seu temperamento pacato, não vivera aventuras extra-conjugais — exceto talvez em duas ou três ocasiões, por que não?, sim, em duas ou três ocasiões, mas sem consequências, portanto não tivera filhos fora de casa.

— E você não quis adotar uma criança? — interrompeu-lhe Ernani sem cerimônia.

— Ah, seu Ernani... — e sorriu contrafeito. Pois ele e a mulher em certa época haviam cogitado uma adoção, mas não se decidiram, e o tempo foi passando... — Fica pra depois, a gente diz, mais tarde, quando as coisas melhorarem, e assim vai... quando se vê...

Antônio pôs-se quieto, até um tanto embaraçado, enquanto Ernani parecia ter-se perdido outra vez de si mesmo, olhando para um tempo longínquo — um tempo e um lugar de onde só a muito custo regressaria: nesses momentos Ernani podia ouvir como em nenhum outro a voz que emanava de sua obra, esse diálogo entre seus quadros do qual falava e ninguém compreendia. Nesses momentos como que brilhava uma luz, as idéias se esclareciam e ele então era capaz de perceber exatamente quais as peças que deveriam ser encaixadas, e como o deveriam ser, pois era como num intrincado quebra-cabeças que se movimentava entre os quadros esperando pela *revelação*, essa harmonia que o conduziria à plenitude.

Porém Ernani recompôs-se, mexeu-se no assento, recolheu a mão. Olhou para o outro, sentado à sua frente e lembrou-se de que ele contava-lhe alguma coisa... o que seria mesmo?... Ah, sim, falava de si, de sua casa, de sua vida... dissera algo sobre uma cadela cujo nome não percebera e agora referia a morte da mulher — quase dez anos se passara desde então —, quando ficara só. “Alguns meses antes começara a sentir umas dores no peito” explicou com um certo constrangimento, como se a doença representasse uma vergonha.

— Foi tudo tão rápido, seu Ernani... abriu muito os olhos, levou as mãos ao peito, parecia que lhe faltava o ar... pobre Dulce...

E Antônio sentou-se sob a coberta, onde não havia mais ninguém, e pôs-se a esperar o ônibus olhando o relógio mais uma vez: meia-noite e cinco, “terei de mofar aqui ainda quarenta e cinco minutos” suspirou, contentando-se com a idéia de que pelo menos o dia seguinte, “não, não o dia seguinte mas o de hoje, pois já passa da meia-noite”, era sábado e poderia dormir até mais tarde.

Era quase com indiferença que pensava em sua vida obscura. Nunca fora

homem de grandes ambições, mal completara o curso ginasial começara a trabalhar para ajudar a mãe, os irmãos menores (um casal) ainda muito pequenos. Perto dos trinta anos casou-se com uma mulata bonita e, pacato desde sempre, acomodou-se mais ainda. Lamentou um pouco pelos filhos que essa mulata não lhe pôde dar — e foi por essa época, quando se esgotaram os recursos da medicina para que Dulce se tornasse fértil, que cogitaram uma adoção; mas era também uma época de vacas magras, e resolveram adiar. E assim, de um impedimento hoje, de um pretexto amanhã, a coisa adiou-se indefinidamente...

— Mas existe uma criança — disse Antônio a certa altura.

— Uma criança? — Ernani repetiu, como se pensasse em outra coisa. — Então há uma criança — disse. — Fale-me da criança.

— Ah, mas não há o que falar... é só uma meninazinha de sete anos... filha de uns vizinhos... não sai do meu quintal, melhor dizendo, vivemos todos no mesmo quintal... eu me afeiçoei a ela e ela à minha cachorrinha... — Antônio pôe-se nostálgico pensando na criança, pois às vezes sentava-se do lado de fora da casa, em um banquinho que havia nos fundos, e a criança se aproximava. Então Antônio a punha no colo e lhe acariciava os cabelos. Em algumas ocasiões trazia-lhe balas ou um embrulhinho de doces. A mãe estendia roupa no varal e sorria, “o senhor mima demais essa moleca, seu Antônio, já botou em mal costume”, “que nada, dona Silvana, crianças são assim mesmo”...

Um casal aproximou-se do ponto, e Antônio os observou de esguelha. “Crentes” pensou vendo o coque da mulher que, muito tesa, muito digna, segurava a bolsa diante do corpo; o homem, com um terno amarfanhado e gasto, uma Bíblia sob o braço, tinha um rosto anguloso, ossudo, e uns bigodes ridiculamente finos. Ambos ficaram para ali, arredados um pouco do ponto e em silêncio, conquanto também esperassem pelo último ônibus.

“Boa gente afinal de contas esses crentes” pensa, enquanto um carro passa veloz, fazendo barulho: dentro ia um grupo cantando e rindo, mas a algazarra desaparece, apaga-se ao longe, e o silêncio recai na rua deserta.

Já fazia algum tempo que o zelador Antônio parara de falar: Ernani, saindo de si mesmo, viajava por outros mundos. Se tivesse lido Platão, Antônio diria que o grande artista transitava agora pelo mundo das idéias, aquele dos objetos puros que existem apenas em essência, mas Antônio não lera Platão, não saberia ao certo o que seria um mundo de idéias se alguém lho referisse. Ainda assim pôde compreender que Ernani já não o escutava, portanto não havia mais motivos para continuar contando sua singela história.

E foi com sobressalto que o viu levantar-se de súbito e dizer: “Tenho de voltar, já sei como hei de fazer, sim, já sei como hei de fazer” e virando-lhe as costas, até mesmo esquecido de sua presença e de que insistira com ele para que o distraísse, retirou-se voltando para o salão de exposições. Antônio o seguiu meio apalermado, esperançoso de que Ernani por fim conseguisse pôr ordem em seus quadros; porém não foi bem o que aconteceu: demorou

ainda horas em seu desordenado ritual de arrumação até — para seu assombro — exclamar:

— Está faltando um quadro!

E sem mais:

— Fique aqui, Antônio, e aguarde-me. Vou até meu ateliê apanhar o quadro que falta. Sem ele, a exposição fica incompleta.

E saiu resmungando:

— Como não percebi isso antes! É a voz que falta nessa sinfonia! Meu Deus, é a voz que falta, como não me dei conta disso antes!

Quando voltou, às onze e meia da noite, e pendurou entre os outros aquele quadro miraculoso, recuou um passo e contemplou seu feito:

— Venha ver, Antônio, venha ver — e de seu rosto emanava como que uma luz.

Certo é que Antônio olhou e não pôde ver em meio àquela barafunda o que ele pretendia que fosse visto, mas a coisa parecia ter chegado ao fim: pois Ernani havia terminado, “ouça, Antônio, ouça...” murmurava como se emanasse das pinturas uma voz, uma música que ele tanto queria fazer o modesto porteiro escutar para que compreendesse, mas à qual o velho simplesmente parecia surdo! Ernani contemplava os quadros na parede e sorria, aplacado, em êxtase...

— Chegamos ao fim... chegamos ao fim...

“Mas não em tempo de eu pegar o onze e cinquenta.”

E agora Ernani, recomposto, descia a escada e se dirigia à sala de jantar, onde se encontrou com uma das moças da vila que Titina contratava para ajudar nos quefazeres da casa quando os patrões estavam. A jovem, cujo nome desconhecia, um tanto oferecida sorriu-lhe e com desabrimento manteve-se parada em seu caminho, a encará-lo. Ernani deteve-se momentaneamente e disse-lhe “bom dia” com a condescendência do deus que desce à Terra para estar com os pobres mortais e conhecer-lhes a vida. A garota, de rosto muito alvo e desprovido de uma beleza marcante, com umas sardas graciosas e olhos grandes e encantadores, respondeu, perguntando-lhe se iria tomar o café imediatamente, e Ernani disse-lhe que sim, pois tinha a intenção de sair em seguida para caminhar — e passando por ela foi sentar-se à mesa, onde através da janela chegava a luz da manhã, luz no entanto quebrada pela cortina branca de cassa que o vento balouçava.

— O senhor vai caminhar aonde? — perguntou a mocinha com uma familiaridade ingênua, acompanhando-o até a cozinha para servi-lo.

Ernani olhou para ela com surpresa, espantado diante de tanta confiança. Quem seria aquela atrevida? perguntou-se, encarando-a ainda sem saber o que dizer e, apesar de considerá-la petulante, sem conseguir aborrecer-se.

— Meu nome é Anete — ela disse sem que lhe fosse perguntado. — Moro na vila — continuou —, dona Titina foi buscar-me para ajudá-la durante a semana. É que eu já completei dezenove anos e não tenho emprego fixo...

— Ah... — e Ernani, observando o rosto agradável de Anete enquanto ela punha a mesa, sentia-se sem palavras. “Que moleca sem modos” pensava, cogitando em chamar atenção da Titina por não saber escolher a criadagem, “afinal eu sou o patrão” passava-lhe vagamente pela cabeça enquanto via naquelas maneiras um ultraje que, no entanto, o divertia em vez de irritá-lo: por exemplo, o sorriso muito franco da garota, sua maneira de encará-lo bem de frente, olhando-o diretamente no rosto. Franziu um pouco a testa, “afinal” dizia consigo mesmo, “e essa agora!... O que há?”, depois desviou os olhos.

— O senhor quer que eu esquite o leite?... Tem nata, se quiser eu posso retirar a nata...

Mas nesse exato momento, defronte a casa, naquele jardim secular o jovem Luciano, sentado em um banco sob as árvores, se refazia de seu encabulamento: minutos antes tinha-a avistado na janela de cima e lhe acenara (aquela — ele sabia — era a janela de seu quarto, e imaginar-lhe o quarto fez com que imaginasse também a intimidade do quarto, e daí seu pensamento saltou para a intimidade conjugal — mas susteve-se, não quis ir muito além, não achou conveniente macular a lembrança dela com um pensamento impuro). Lara parecera-lhe de uma naturalidade encantadora, como se o ocorrido na véspera não tivesse qualquer importância, ao passo que ele se ressentia desse embaraço perguntando-se como encará-la de perto outra vez, como estar em sua presença agora... E no meio de sua confusão deu-se conta de que fora um tolo: pois então não estava claro que aquilo não tivera, para Lara, qualquer importância? “Aquilo que para mim foi um sonho maravilhoso, para ela, no entanto...” e lembrou-se — e demorou-se na lembrança — do beijo.

Conhecera-a há pouco mais de dois anos numa exposição do marido, e se apaixonara por ela desde então. Lembra-se daquela noite em que Ernani de Castro transitava pelo salão de exposições seguido de repórteres, críticos de arte e o público em geral falando de sua obra, de suas idéias, de seus projetos para o futuro e apontando os quadros um por um, “este aqui...” dizia, ou “aquele ali...”, gesticulando com ênfase e todos parecendo ouvi-lo com uma atenção reverente pois, afinal, não era todo dia... Mas Luciano logo se desinteressara daqueles quadros enormes e repletos de formas não identificáveis, cores ora sombrias ora berrantes, coisas estranhas coladas sem o menor critério, e se desinteressara não apenas por nada ver neles de especial mas também porque avis-tara como que esquecida junto a uma janela aquela mulher tão linda e tão desvalida (pois fora essa sua impressão: o desvalimento que se podia ler por trás daquelas feições singulares) que conversava com uma velha excessivamente gorda, excessivamente pintada e com um chapéu descomunal — tendo então Luciano olhado uma e outra, perplexo, enquanto involuntariamente se dizia que “há pessoas que não sabem envelhecer” ao mesmo tempo que imaginava como seria possível que a outra pudesse envelhecer um dia, mesmo sabendo fazê-lo. E, no momento em que a velha gorda afastou-se na direção do bufê (“decerto vai

saciar a fome de hipopótamo” pensou ele com uma irritação maldosa), aproveitou para aproximar-se.

Tornaram-se amigos desde então, conquanto não se vissem com freqüência, e sabê-la casada, bem como sabê-la dez anos mais velha, teria sido para qualquer outro uma grande decepção, mas não para ele, que em sua natural timidez em nenhum momento chegara a cogitar um envolvimento amoroso. Aproximara-se tão só para vê-la mais de perto, para fruir mais intimamente aquela beleza cheia de mistério e presságios, mas a uma pergunta direta como “deseja-a para si?”, ou “espera que ela se interesse por sua pessoa” não teria respostas diretas, talvez nem mesmo tivesse respostas.

Fora apresentado ao marido algumas semanas mais tarde quando casualmente se encontraram num restaurante no centro da cidade e Lara o convidara para sentar-se com eles. Ernani olhou para o rapaz como para um objeto curioso do qual logo se desinteressaria, mormente quando Luciano comentou gostar da pintura clássica, comentário que encontrou, porém, em Lara a mais espontânea acolhida: “Você também pinta?” ela teria dito enquanto mordida com displicência um pastel, e ele — visivelmente embaraçado por estar diante de um nome tão proeminente no mundo das artes — disse que estudava desenho desde a adolescência, mas que “não tinha talento algum”. Ao se despedirem, Lara convidou-o a tomar um chá em sua casa na semana seguinte, quando daria uma pequena recepção, mas ele não se atreveu a comparecer, e só voltaram a encontrar-se daí a quase dois meses. Viram-se umas poucas vezes mais, sempre casualmente, ora no teatro, ora num *shopping*, ora num restaurante, sempre encontros rápidos nos quais se cumprimentavam e não se demoravam mais que cinco ou dez minutos, até que, dez dias atrás, encontrando-se numa livraria da Rua Sete de Setembro, ela o convidara a conhecer a fazenda.

— Fazenda? De sua família?

— Sim, do meu pai. Mas como ele não viaja mais para lá, a não ser muito raramente, eu me tornei a responsável pela propriedade. Passo lá uma temporada todos os anos.

— Ah...

— Eu vou desta vez com uma amiga. Se quiser nos dar o prazer...

Ainda assaltou-o o receio de que fosse incomodar, de que “talvez o Sr. Ernani não aprove”, mas anuiu ao saber que ele não se importaria, “em absoluto!” ela garantiu, além do que ele só deveria aparecer após a abertura de sua nova exposição.

— Ernani não gosta muito da fazenda — ela acrescentou. — Provavelmente chegará na madrugada de domingo e regressará ao Rio no mesmo dia à noitinha. É sempre assim. Eu, ao contrário, demoro-me. Ano passado fiquei três meses lá.

E foi assim que veio, e ali estava, e se sentia perdido porque na véspera havia beijado Lara.

Porém o ruído de passos abafados no gramado despertou-o de seus pensamentos. Endireitou-se no banco, levantou o rosto: Yolanda se aproximava — Yolanda, a amiga de Lara, uma mulher vigorosa mas um tanto amargurada por não ter-se casado (não que Lara estivesse certa quanto a essa amargura, mas não podia esquivar-se de tal impressão sempre que avistava sua figura devastada ao longe, solitária e por isso mesmo mais derruída em si mesma — Lara lhe falara dessa impressão em tom de confidência, o que o levou a observá-la agora com atenção e não deixando de concordar, pois era essa a mesma impressão que tinha ao vê-la); que não obstante se dedicava a causas sociais desde que se aposentara da universidade onde fora professora por muitos anos (Lara, inicialmente uma de suas alunas, depois sua amiga; Lara que, um pouco por simpatia, um pouco por piedade, a convidava para passar dias na fazenda sempre que vinha), e que ultimamente resolvera lutar pela questão feminina, acrescentando a um de seus campos de batalha essa região de interior onde as mulheres, um tanto ignorantes, permaneciam estacionadas no tempo antigo, submissas a seus maridos como cordeirinhos — usava de fato essa expressão, “como cordeirinhos”, pronunciando-a com voz forte e soerguendo o queixo numa atitude dominadora que tinha o poder de torná-la maior, conquanto não fosse na verdade grande, talvez um pouco roliça mas não muito alta, e a quem seus cabelos já um tanto grisalhos (pois completara cinquenta anos recentemente) conferiam um ar de cansaço, ainda que se esforçasse por demonstrar boa disposição e tivesse sempre as faces coradas.

Pois Yolanda aproximava-se do banco embaixo da amendoeira com um livro nas mãos — acostumara-se a isso: na fazenda entretinha-se às vezes a manhã inteira numa leitura ou, caso encontrasse alguém (como agora, que Luciano estava ali), num bom bate-papo, pois só sairia para sua cruzada depois do almoço (mas não hoje, domingo — e Lara intimamente sorria-se ainda, pois devia a si mesma essa imagem da antiga professora partindo para sua cruzada como um cavaleiro templário em sua armadura a combater os hereges na Terra Santa): então iria até a vila, reunir-se-ia com as ajudantes de campo, discutiriam estratégias, comícios, comeriam biscoitos tomando cafezinho, fariam a contabilidade a fim de ver se o que tinham em caixa bastava para imprimir algum folheto explicativo sobre esta ou aquela questão. Por fim retornaria para casa cansada mas não derrotada, abatida mas não subjugada: sim, havia dinheiro em caixa, era urgente um folheto que instrísse essas matutas quanto ao planejamento familiar, diria a Lara ao entrar na varanda de tardezinha — di-lo-ia ao moço que estava sentado no banco e a quem fora apresentada ao chegarem, esse moço que durante aquela semana (soube-o pela própria Lara) estivera pintando-lhe o retrato —; um folheto que lhes desse suporte quanto ao tratamento de saúde de seus filhos pequenos, à educação deles e, por que não?, à própria educação delas, as mulheres, “essas pobres matutas, coitadas!” exclamava, “mal assinam o próprio nome, mal sabem a letra ‘a’”.

(Lara se perguntava por que lhe vinha sempre a impressão de que a antiga professora procurava, com seu engajamento social, compensar-se por não ter-se casado, frustração que lhe doeria fundo nos momentos de recolhimento e solidão, dor que, no entanto, escondia dos outros a todo custo. Verdade é que nos primeiros anos de faculdade se afeiçoara a essa mulher solitária, quando a professora Yolanda mal completara quarenta anos e, conquanto não fosse bonita, poderia muito bem conquistar um homem — pois Lara estava certa de que qualquer mulher pode conquistar um homem, todas as mulheres nasceram para amar, e a professora Yolanda não seria diferente das demais; por que, então, sempre fora sozinha?)

“Conquanto nunca tenha se queixado...”

Pois a professora Yolanda, nem em tempos de estudos — quando se impunha uma certa reserva entre professor e aluno —, nem mais tarde, quando se solidificou a amizade entre ambas, fez qualquer referência a sua solidão, a seu descontentamento ou a sua amargura: destacava sempre a importância das causas sociais, fundara uma ONG da qual se desligara para continuar sozinha sua luta, por fim conhecera a fazenda para onde viera pela primeira vez há uns quatro anos, então resolvera instruir aquele povo perdido no tempo, “pois não são apenas as mulheres, Lara, minha querida” dizia, “não são apenas essas pobres coitadas: também eles, os maridos, e as pobres crianças...” — com isso mantendo-se sempre reservada quanto à sua vida pessoal.)

Luciano ouvira esses breves comentários durante aqueles dias, nos quais pouco contato tivera com Yolanda, mas observando-a avançar pelo gramado em sua direção, examinando-lhe a figura pesada e antiga, um tanto matronal, não podia deixar de reconhecer que, sim, havia qualquer coisa nela que...

Mas Yolanda, agora suficientemente próxima, acenou-lhe com a mão que segurava o livro e, com mais uma dezena de passos acomodou-se no banco ao seu lado.

— Então — exclamou —, aqui estamos!

— Aqui estamos — respondeu Luciano divertido, voltando-se para ela.

Yolanda respirou fundo, inflando o peito.

— Aqui respira-se — disse. — Oh, esse ar... esse ar da manhã... essa natureza!...

— À senhora agrada a natureza, pelo visto — ele disse.

— Oh, meu jovem, meu jovem, e não haveria de agradar! — e com o peito apumado circunvagou as vistas, examinou de passagem a casa antiqüíssima, o jardim, os montes ao longe recobertos pela mata e, baixando o rosto para o colo, onde pousara a mão, fixou-se na capa do livro que trazia.

— Sim, com efeito — disse estendendo as pernas e recostando-se, mais relaxada, no banco. — Agrada-me essa natureza, este lugar, esta casa... Sabe?, é como se eu já tivesse vivido aqui antes...

— Antes? — ele perguntou, sem compreender.

— Em uma outra vida... Mas, desculpe-me, não sei se o moço acredita nisso de vidas passadas? Acredita? Não?

— Na verdade não sei, nunca parei para pensar no assunto.

— Ah, sim... Bem, eu não sei... Não que eu seja crente no sentido lato da palavra... Mas ouvem-se com tanta freqüência as pessoas falarem disto e daquilo que...

E fez uma pausa expressiva.

Luciano procurou dar continuidade às palavras dela:

— Bem, a senhora quer dizer que de tanto ouvir falar sobre a possibilidade de vidas passadas acabou por acreditar?

— N-não propriamente... disse mais por dizer, se bem que, é certo, já ouvi outras pessoas falarem de suas crenças... e às vezes penso: “Por que não?”, não é? E se de fato vivemos em outro tempo, ou em outros tempos?

— É possível — Luciano comentou sem no entanto levar a sério tal idéia, parecendo-lhe que ela mesma não a levava muito a sério.

— Sim, se for assim... se de fato vivemos em outro tempo, uma outra vida... Então! Por isso tenho às vezes essa impressão: vivi aqui uma outra época, há cem anos quem sabe... por isso agrada-me estar aqui.

— Bem, a mim também me agrada — disse Luciano em tom de brincadeira —, como se eu pertencesse a este lugar; mas eu não tenho a mesma impressão, quero dizer, não me parece que já tenha vivido aqui noutra época... noutra vida.

— Ora, bem... — e Yolanda sorriu para ele. — Não que eu acredite de fato nessa história, por favor!... Aquele lá não é o Gumerindo? — e apontou para o fim do gramado, onde um negro alto passava acompanhado de um homem trajando roupas escandalosas (a camisa vermelha, por exemplo, e o chapéu de sola muito grande cujo laço atado acima da copa fazia dobrar as abas), ao mesmo tempo que um rapazola vinha em sentido contrário e se detinha um momento junto aos dois.

— Sim, é o Gumerindo.

— Aquele homem eu conheço, é proprietário nesta região... mas o rapaz... o rapaz deve ser o filho...

— Penso que sim, chegou anteontem, parece-me.

— Sim, isso mesmo, ele faz o serviço militar e chegou anteontem pela manhã. Ou à tarde, não estou bem certa... Tenho de fazer-lhes uma visita. Melhor dizendo, à mulher do Gumerindo. Como você sabe... Mas eu não sei se o meu jovem amigo sabe, eu me empenho numa missão...

— Já ouvi a respeito — Luciano disse. — Foi Lara quem me falou.

— Lara?... Ah, sim, Lara... Ajuda-me muito, sabe?, com doações... sem sua ajuda não seria possível fazer nem a metade do que fazemos.

— E a senhora tem obtido sucesso em sua “missão”?

— Oh, na medida do possível! Não é muito fácil, compreende?, as pessoas

são teimosas... estão por demais aferradas aos seus hábitos para se aperceberem de que há caminhos alternativos...

— Percebo... E então, sobre a mulher do Gumercendo...

— Ah, sim! Preciso visitá-la... Já conversamos outras vezes. Deixei-a pensando num certo assunto no começo da semana... estivemos juntas na terça-feira... Plantei uma semente, você compreende, e quero ver se germinou... Aliás ali é um terreno em que eu venho plantando sementes desde que venho para cá.

— Ela talvez seja um bom terreno — disse Luciano sempre bem humorado.

— Eu nem duvido — concordou Yolanda —, pois a Zefa tem um contato mais próximo com pessoas de outro nível cultural... Por exemplo Lara, que estando aqui... bem... mas mesmo assim existem resistências. — Fez uma pausa, e prosseguiu: — Porém eu me distraí com outros compromissos... sabe?, quando venho... temos um comitê na vila, há outras aqui como eu que compreendem a importância de nossa missão... daí que eu estive todos os dias ocupada entre reuniões e visitas e não pude conversar com a Zefa outra vez... mas pra dizer a verdade não tem tanta importância, pois — reitera — já temos conversado bastante em outras ocasiões...

— Parece que ela ainda conta com a filha — observou Luciano —, Mariinha, não é?... É moça, pelo menos...

— Oh, sim, a Mariinha é esperta, pelo menos estudou, embora não muito... parece-me que cursou o ensino médio... o que já é alguma coisa para alguém de sua condição... e eu conto com ela, sim, não tem o que ver...

— Porém o Gumercendo parece ser um bom homem.

— Oh, não... quanto a isso, sim, um bom homem, mas um tanto cru... Não deixa de ser um tanto cru... Porém podemos contar mesmo é com a Mariinha, é nela que eu tenho esperança. A esperança é esta, meu rapaz: a juventude! É nela que devemos semear. Sem nos esquecermos dos mais velhos, é no terreno jovem e fresco que devemos semear com mais empenho.

Luciano moveu a cabeça, concordando em silêncio, e baixou os olhos para as próprias mãos, entrecruzando os dedos.

— E Lara? — Luciano perguntou-lhe de repente.

— Lara?

Yolanda volveu o rosto, encarando Luciano com espanto: surpreendeu-lhe aquela indagação tão súbita e direta acerca de Lara.

Luciano tampouco deixou de surpreender-se consigo mesmo: durante a semana pintara-lhe o retrato, estivera assim mais próximo dela como nunca. Lara, contudo, lhe parecia um enigma, e a pergunta tinha mais a finalidade de buscar pelo menos uma pista para esse enigma do que propriamente ouvir de Yolanda uma resposta, pois estava certo de que a velha professora em nada poderia esclarecê-lo — mas ao mesmo tempo sentiu um súbito receio de que mencioná-lhe o nome de forma tão gratuita como agora pudesse denunciá-lo: estariam

seus sentimentos impressos na expressão de seu rosto ou na inflexão de sua voz?

— Ah... ela é encantadora, não acha?

E foi apenas isso que Yolanda pôde lhe dizer. Teria acrescentado com boa dose de razão que “não compreendia como uma mulher como Lara pudera casar-se com um homem como aquele”, mas não disse. E se ele, bruto e perigoso como era, estivesse por ali, escondido numa moita próxima a espreitá-la com o propósito de surpreender-lhe a opinião a seu respeito? (ouvira dizer que o marido de Lara chegara na véspera, embora muito tarde) Mas Yolanda sabia também que Ernani não poderia estar por ali, nem ele tinha como saber que ela, Yolanda, o considerava “um homem como aquele”, ou seja, além de bruto, perigoso, “embora pelo menos para ela seja um bruto, mas decerto não perigoso”. Não que não soubesse quem era Ernani de Castro, um artista do seu tempo, excêntrico, presunçoso, rigoroso consigo mesmo e com os outros, sobretudo um homem reconhecido por seu trabalho. “Mas e daí?” diria a antiga professora, sim, e daí? Pois todas essas qualidades, se é que tais caracteres podem chamar-se qualidades, todas essas qualidades faziam dele um homem melhor para sua mulher? Não que Lara se queixasse, mas ela, sua antiga professora e amiga, já havia percebido, nesses poucos períodos de contato com ambos, que havia algo entre eles, “algo”, ela pensava, “algo”, uma coisa que ela talvez não soubesse ao certo o quê...

E ficou pensando naquilo (mas, concretamente, o que seria?) que os tornava tão diferentes.

Encantadora — e era somente isso que a outra poderia lhe dizer. Decerto Yolanda não chegaria nunca ao cerne da questão, embora as duas mulheres fossem bastante íntimas. “É que o cerne da questão...” ocorreu a Luciano, alheando-se enquanto espriava as vistas pelo gramado, e com isso sentia essa doce opressão no peito que insinua o amor: Luciano amava Lara, amara-a desde sempre, “talvez já a amasse mesmo quando não a conhecia” ocorreu-lhe de forma um tanto absurda, pois como amar alguém a quem não se conhece? Mas isso não é impossível, ele dizia para si mesmo, o amor tem seus mistérios, e esse deve ser um deles: ama-se alguém que não se conhece, até que se encontra essa pessoa — então ficamos sabendo que não poderemos nunca sentir por outra o que sentimos por aquela.

“Nunca poderei amar outra mulher como amo Lara” pensou.

E então lembrou-se do quadro.

Pois na segunda-feira durante o jantar Lara anunciou que Luciano a retrataria a óleo e que por isso todas as tardes estariam na biblioteca, ela posando, ele pintando. Os presentes mostraram-se interessados, mas Luciano disse que manteria o recinto fechado até o domingo, quando a pintura estivesse pronta para ser exposta, “até o domingo, se bem que uma semana seja pouco para o retrato que pretendo” esclareceu. Assim todas as tardes estivera com Lara na bibliote-

ca, e conquanto fosse de seu feitio pintar sem pressa, dessa vez procurou avançar rapidamente: trabalhara nele durante toda a semana e ainda naquela manhã retomaria a pintura, já dispensando a presença da modelo, para alguns retoques.

Pretendia exibi-lo à tarde, quando sabia que Ernani estaria ali também para vê-lo. O que esperar do grande artista em relação ao seu quadro? Sabia que estava bom, captara à perfeição as feições de Lara, sua beleza singular — embora não se tivesse limitado apenas a uma cópia fotográfica do rosto, uma demonstração pura e simples de virtuosismo técnico, havia mais, muito mais naquela figura quase viva que parecia saltar do fundo neutro e ganhar volume, vida, e até mesmo espírito... algumas vezes deixava-a na biblioteca e ia examinar a antiga fotografia que ela havia dito ser “de uma antepassada minha”, contando-lhe vagamente uma história de família que ele não compreendera muito bem; olhando a fotografia sentia uma força sobrenatural emanar daquele rosto de um século que, no entanto, tinha diante de si, tão real e palpável que lhe parecia inacreditável não pertencerem à mesma pessoa. “Pois essa menina da fotografia e você são uma só” ele disse, “e no entanto são duas” continuou, perplexo, “com cem anos entre uma e outra”.

— Ah, a propósito, como está o retrato de nossa anfitriã? — Yolanda queria saber do quadro.

Reconhecia — como havia dito — que a pintura não estava de todo com gostaria que estivesse, necessitaria de mais tempo para isso, mas não podia queixar-se (mais ainda, pensa consigo mesmo, pois isso não poderia ser dito em voz alta, mais ainda porque Lara, na véspera, olhando o quadro quase pronto beijara-o... sim, beijara-o, e ele sentia ainda nos seus a delicada carícia dos lábios dela, o estremecimento a que se seguira uma vertigem, o quase desfalecimento que, pouco mais que fosse, iria dar com ele no chão).

Então uma ventania repentina agitou a copa das árvores, pássaros voaram, e algumas nuvens elevavam-se agora na direção do Sol — mas não seriam nuvens de chuva, não iria chover naquele dia, “pelo menos esperemos que não chova” disse Yolanda, pois deveria regressar ao Rio de Janeiro no dia seguinte pela manhã (ou talvez, se possível, hoje mesmo à tarde), já que uns compromissos a aguardavam por lá.

— Se eu puder ajudá-la de alguma forma — disse Luciano —, quero dizer, em sua “missão”...

Yolanda sensibilizou-se pelo interesse do jovem em sua causa, mesmo compreendendo que se tratava apenas de um oferecimento cortês, uma mera formalidade.

(...ou talvez não: quem sabe aquele moço simpático não poderia comparecer a uma de suas reuniões da próxima vez que estivessem ali, pronunciar-se, dizer algo interessante? Sim, quem sabe se...?)

Mas então já não tinham mais o que dizer. Yolanda continuaria ali, a ler, enquanto ele subiria à biblioteca a fim de dar as pinceladas finais em sua pintu-

ra para que à tarde estivesse em condições de transportá-la para a sala e exibi-la aos presentes.

— Já vai? — Yolanda perguntou.

— Oh, sim... — ele respondeu já distraído com seus pensamentos. “É o quadro” teria acrescentado frouxamente, a voz quase inaudível, e Yolanda compreendeu que ele se retirava para trabalhar no retrato de Lara, “decerto será isso” ela pensou consigo mesma, sem dúvida curiosa e ansiosa por ver a pintura.

Mas Luciano caminhou ao longo do gramado, afastou-se num percurso sinuoso entre os canteiros aproximando-se do ribeiro que corria além. Deteve-se sobre a ponte, debruçou-se no corrimão e ali se demorou olhando a água correr entre as pedras do leito e ouvindo o marulhar que fazia. No ar parado elevou-se o canto próximo de um pássaro que o fez voltar a cabeça — Luciano não conhecia pássaros, não conseguia identificá-lo pelo canto, não chegou sequer a vê-lo pois no instante seguinte, num vôo rápido e certo, a ave mergulhou na espessura do pomar adiante —, e esse som como um cristal no silêncio da manhã teve o poder de despertar em seu ser mais profundo uma sensação de perda que não pôde compreender: o que se perdia, afinal? O que ele perdia, o que estava em jogo que lhe poderia escapar de forma irremediável? Luciano não atinou de imediato, recostou-se no corrimão, os braços cruzados, a brisa fresca em seus cabelos claros, e ficou olhando agora na direção oposta: o ribeiro emergia dentre as árvores do pomar, à direita e numa posição elevada ficava a casa com suas doze janelas envidraçadas e seus balcões, e, olhando para o outro extremo do gramado ainda podia avistar no banco à sombra das árvores o vulto direito e irretocável de Yolanda, que agora se ocupava do livro que levava consigo.

Os olhos de Luciano foram pousar numa das janelas, cuja vidraça permanecera erguida naqueles últimos dias e onde avistava a cortina de renda branca balouçar...

Pensou no quadro, que pretendia retomar dentro em pouco para finalizá-lo e exibi-lo à tarde aos presentes, e se lembrou de que Ernani deveria emitir alguma opinião, idéia que a contragosto o incomodava, pois Ernani... Ernani... enfim, era o homem que se casara com aquela mulher de beleza quase irreal e nunca a tivera por modelo. Não saberia fazer retratos? Pois nunca vira dele nada parecido, apenas pinturas abstratas, experimentações, *assemblages*, coisas assim, mas nunca um retrato, nunca uma paisagem com uma árvore e uma casa, algo singelo, algo que exprimisse ao mesmo tempo paz e ternura... Luciano sentiu-se ainda mais incomodado ao refletir que seus pensamentos tinham a marca de sua juventude, uma ingenuidade natural que ele reconhecia, e teve receio de ouvir o que aquele artista brilhante pudesse dizer sobre o retrato de Lara: teve medo de que Ernani olhasse o quadro e, em seguida, olhasse para ele — Luciano — com um ar de curiosidade e talvez uma certa pena, “pois então esse menino ainda acredita nessas coisas” quase podia ouvi-lo antecipadamente

pensar, e o incômodo que lhe afligia pouco a pouco convertia-se numa espécie de medo que à última hora talvez o impedisse de mostrar o quadro — daria uma desculpa, “não ficou pronto ainda” diria, “faltam pormenores a meu ver essenciais, mas dentro de dois ou três dias”, pois em dois ou três dias Ernani já não estaria ali, era certo mesmo que já na manhã seguinte partisse, pois como lhe dissera Lara o marido nunca ficava na fazenda mais que o final de semana, voltando à cidade e ao seu ateliê quase sempre na segunda-feira pela manhã, quando não no próprio domingo à noite. Essa possibilidade o tranqüilizou um pouco, mas apenas por alguns momentos: sabia não ser possível adiar, pois durante toda a semana criara-se um suspense em torno da pintura, mesmo ele dizendo que, contrariando seus hábitos, trabalhava rapidamente e que por isso mesmo advertia para que “não esperassem nada de muito apurado”. (Lara, é claro, posava e também acompanhava o progresso da pintura, e o jeito de encará-lo exprimia — mais que sua satisfação com o resultado — seu encantamento, porém se mantinha discreta: atendendo a um pedido seu nada comentara, o que açulava as expectativas.)

No entanto, o que se perdia? Pois era certo que no momento em que o pássaro cantou e Luciano levantou a cabeça sobreveio aquela sensação que não podia definir: alguma coisa havia se rompido, como um dique, e a perda lhe parecia irremediável, porém ele não conseguia descobrir o quê e pensou em Lara, e pensou em Ernani, e pensou em si mesmo como artista no início de uma carreira que ele não podia afirmar promissora... e sentiu-se perdido. Nesse instante avistou Ernani ao longe, que havia saído pelos fundos e logo desaparecia, como se fosse passear — talvez desse uma esticada até a vila, talvez subisse a estrada, decerto passaria a manhã inteira fora, chegando somente para o almoço, mais tarde que os demais, pois a Ernani não agradava sentar-se à mesa com tanta gente (a mulher, ele, Yolanda, talvez aquele homem de roupas escandalosas, e as senhoras da fazenda Arcoverde, amigas de Lara, que haviam prometido não faltar... pois para Ernani mais de duas pessoas à mesa significava “tanta gente” e ele se sentia pouco à vontade almoçando na companhia de “tanta gente”).

Então Luciano resolveu entrar, e encaminhou-se para a biblioteca: retomaria o quadro, faria os retoques, demorar-se-ia na contemplação do rosto de Lara, em tocá-lo com os pincéis macios como se com os próprios dedos tocasse o pêssego de suas faces... talvez então se desse conta do que estava em jogo, do que poderia enfim perder durante aquele dia decisivo.

Mas Lara não estaria na biblioteca àquela hora: Lara, que tampouco entrevistara-se com o marido naquela manhã, pois Ernani saíra decidido a fazer um passeio e seguira estrada acima, e enquanto caminhava, enquanto ia espriando as vistas na soberba paisagem, enquanto respirava o ar refrescante do campo, Lara passeava também, mas entre as árvores do pomar. Pois ela terminara o café — comera apenas duas fatias de bolo com um xícara de café com leite enquan-

to conversava com Zefa, que dispunha as coisas muito bem: a xícara do Sr. Ernani de boca para baixo no pires, a colherinha, o açucareiro com açúcar mascavo — “Dona Yolanda disse que quer conversar comigo”, comentou enquanto regressava da despensa com o queijo —, e Lara sorriu pensando em como Yolanda estava decidida a fazer com que a Zefa fosse alfabetizada (“A pobre mulher mal sabe soletrar” dissera-lhe a ex-professora com uma expressão de piedade, enquanto balançava a cabeça, “é inacreditável que na última década do século XX... A bem dizer, às portas do século XXI!...”).

— A senhora vai sair agora, dona Lara? — Zefa perguntou vendo-a levantar-se e compor os cabelos.

— Apenas fazer um passeio pelo pomar, colher algumas laranjas. Vou levar o cestinho de vime.

— Ah, sim, mas pena a senhora não ter vindo na época das goiabas. Conseguimos colher ótimas goiabas, e eu fiz uma compota.

— Mas me parece que as laranjas estão ótimas.

— Sim, e também as tangerinas — e a água agora jorrava da torneira —, graúdas e doces.

Lara encaminhou-se para a saída. Deteve-se por um instante junto à porta, essa porta que teria cem anos, feita com tábuas muito rijas e pesadas, e na qual havia aquele coração e uma inscrição desenhados a ponta de canivete. Uma história antiga, pensou, sempre pensava nessa história que ouvira de sua avó, que por sua vez ouvira da antiga proprietária da fazenda. Uma velha história de amor e tragédia, e Lara teve um breve estremecimento...

Pois as grandes histórias de amor — pensou — foram também grandes tragédias, e lembrou: Romeu e Julieta... se bem que fazia ressalvas à história de Romeu e Julieta, por inverossímil, “aliás, Shakespeare é inverossímil até o âmagô” ocorre-lhe; mas havia outras, e faz um esforço de memória sem conseguir lembrar-se de nenhuma outra conquanto estivesse certa de que...

Mordeu os lábios. Fechou os olhos sentindo os cheiros e escutando os sons da manhã.

Relembrou o passeio à vila — fora na quinta-feira, ou na sexta?... Lara esteve momentaneamente em dúvida, mas agora se lembrava — e a bem da verdade nem chegara a esquecer, tudo não havia passado de uma momentânea confusão em sua cabeça: fora na quinta-feira pela manhã! Terminara seu jejum, levantando-se da mesa disposta como hoje a fazer um passeio, não pelo pomar, mas mais longe pois a manhã estava nublada e convidativa (já deixara o quarto com a calça de malha e o tênis, assim não precisaria subir outra vez para trocar-se): Lara não era sedentária e no Rio freqüentava uma academia de ginástica duas vezes por semana para manter o corpo em forma, mas não lhe agradavam caminhadas sob o sol pois transpirava e com o cansaço sobrevinha o desânimo; contudo, manhãs nubladas como aquela deviam ser aproveitadas e, ao caminhar decidida para a porta e sair, avistou Luciano que vinha em sua

direção. O jovem artista deteve-se com algum embaraço, indicando com um gesto a pesada porta de carvalho da cozinha:

— Tem um desenho ali — disse —, alguém riscou a madeira com um objeto pontiagudo, uma faca ou um canivete...

— Oh, sim, então você reparou... quase não se percebe agora por causa das manchas na madeira.

— Um coração... dois nomes... tudo bastante rústico...

— ...Sim, foi o antigo encarregado...

— Ele se chamava Jorge, presumo.

— Sim. Jorge. Há uma história por trás desses traços — Lara percorreu o desenho devagar com a ponta dos dedos —, uma tragédia...

Luciano encarou-a, “uma tragédia?” disse, e Lara moveu lentamente a cabeça.

— Quer me acompanhar numa caminhada? Eu lhe conto.

— Oh, sim... mas aonde...

— Vamos pela estrada... pretendo descer até a vila.

E agora desciam o suave e sinuoso declive que conduzia à baixada, ao caminho entre as árvores, ao agrupamento de casas no vale...

Inicialmente falaram do quadro.

— Todos o verão no domingo — disse Lara. — Virão as senhoras de Arcoverde — e sorriu para Luciano: — Você terá público.

— Assusta-me um pouco — ele disse.

— Bobagem. O quadro está lindo...

— Ainda faltam detalhes...

— Mesmo como está...

— Mas seu marido estará aqui... e ele...

— Ernani?... Sim, mas Ernani... ora, Ernani — e fez um muxoxo. — Não há o que temer, com certeza...

— Mas ele é um artista consagrado.

Lara se deteve e pôs-lhe a mão no braço:

— Luciano... — e se olharam intensamente nos olhos. Lara prosseguiu depois de um momento: — Você deveria ter mais confiança em si mesmo.

— Não é fácil, quando...

— Além do mais, nada tem a temer. Ernani tem lá seus defeitos, mas não seria deselegante a ponto de fazer uma crítica desagradável... Depois, eu também conheço alguma coisa... por força de conviver com alguém tão rigoroso nesse assunto acabei aprendendo... e posso garantir que...

Retirou a mão, avançou. Sentia-se bem caminhando na manhã nublada, agradava-lhe estar ao lado de Luciano; dizia consigo mesma — não sem alguma apreensão — que lhe agradaria ser vista na vila ao lado dele, daquele moço simpático, bonito, de maneiras distintas... muito em seu íntimo, não querendo admitir porém sem poder ocultar de si mesma o fato, deixava-a feliz pensar que naquele

lugar onde todos a conheciam as pessoas os veriam juntos e imaginariam um caso de amor, “quem será o rapaz” haveriam de perguntar-se, “algum namorado?” cochichariam as comadres, “será que dona Lara se separou do marido?”. Algumas quem sabe chegariam mesmo a conclusões mais graves, o que a deixava apreensiva e levemente excitada, porém sem dúvida divertida também. . .

Luciano ia imaginando algo parecido. Um homem vinha em sentido contrário conduzindo uma pequena tropa, quatro ou cinco animais transportando fardos; passou por eles, retirou o chapéu num cumprimento tímido e seguiu. Luciano sentiu-se subitamente feliz: aquele homem diria consigo mesmo “é o namorado de dona Lara”, sentiria quem sabe uma inveja respeitosa e à noite teria assunto para conversar com a esposa. Luciano não se esforçava em esconder de si o amor que sentia por Lara, o desejo de possuí-la, admitia-o agora e às vezes chegava a irritar-se com o fato de ela ser uma mulher casada. Ficava feliz ante a perspectiva de que aquele tropeiro e outras pessoas que os vissem juntos na vila pudessem imaginá-lo namorado de Lara, mas nada deixava transparecer: sua declaração de amor fora feita, de silêncio e de cores, e cabia a Lara dar-se conta disso. . .

— Mas você quer saber sobre a inscrição na porta — lembrou-se Lara, que vinha tagarelando sobre outras coisas, e enquanto caminhavam entre as árvores, naquele trecho arborizado que lançava sombras densas no caminho referiu a história de Jorge.

Luciano ouviu com interesse, enquanto com a imaginação ia reconstituindo os fatos — o amor do filho adolescente de um serviçal da fazenda por uma das meninas da família ilustre, a morte trágica da garota, a paixão que se perpetuou ao longo de sua vida. . .

— Ele gravou aquele coração na porta poucas semanas antes de morrer — Lara termina a narrativa —, pelo menos foi isso que a antiga proprietária nos contou. . . aliás, é o que consta do assentamento de óbitos na vila, isto é, a data em que Jorge morreu. . . poucas semanas depois daquele 15 de outubro. . .

— O que teria sido dele se a menina não tivesse morrido? — Luciano pergunta.

Lara suspira.

— Sabe-se lá — diz. — A velha proprietária não conhecia todos os detalhes da história, já antiga em sua época. . . mas a menina, chamava-se Glenda, a menina também gostava de Jorge, segundo ela ouvira dizer. . . talvez tivesse enfrentado a família por seu amor. . .

— Ou talvez tivesse obedecido aos pais rigorosos que não permitiriam que uma jovem de família distinta se unisse a um simples serviçal. . .

— Sim, talvez isso. . .

As primeiras casas da vila surgiam agora, brancas e silenciosas, embora naquele ponto ainda não houvesse calçamento. Somente as poucas ruas do centro eram calçadas com paralelepípedos.

— Andamos bem — comentou Lara.

— Quarenta e cinco minutos — Luciano consultava o relógio de pulso. — Faremos outros quarenta e cinco minutos na volta. Como preparo físico está ótimo — concluiu.

— E aqui estamos nós — disse Lara abrindo os braços e respirando fundo no meio da praça, onde duas palmeiras imperiais galgavam o céu e bancos novos de cimento haviam substituído os antigos e apodrecidos bancos de madeira. Os canteiros estavam bem cuidados, com arbustos floridos e a grama aparada, além de uma grande quantidade de pequenas plantas ornamentais.

— Eu gosto daqui — disse Luciano sentando-se em um dos bancos —, agrada-me essa tranqüilidade.

— Também a mim — Lara sentou-se ao seu lado. — Já me canso da vida tumultuária do Rio de Janeiro... de qualquer grande centro... essa vila, por exemplo, quase não mudou desde a primeira vez que viemos... eu tinha doze anos ... foi quando conheci a Mariinha, e naquela manhã viemos as duas sozinhas a passear... andamos por aí, compramos doces, depois voltamos. Para ela deve ter sido um passeio banal, para mim foi uma aventura.

Fez uma pausa.

— Esta vila continua a mesma. Esses bancos são mais recentes, mas a praça... os canteiros, por exemplo, sempre bem cuidados, sempre floridos... o trânsito é esse que você pode ver... talvez alguns carros a mais... mas o resto continua igual...

— E você não tem vontade de mudar-se de vez para cá?... Para a fazenda, quero dizer.

— Não há nada que me prenda ao Rio de Janeiro, a não ser o fato de eu estar casada com Ernani. Sou sua mulher, devo acompanhá-lo em suas viagens, suas exposições... devo estar lá, quando ele estiver...

— Mas desta vez você veio só. Não estará na abertura da nova exposição dele.

Lara pensava em seu gesto de rebeldia, o primeiro depois de anos. “Sim” ela confirmou, e depois ficou olhando para adiante quase sem ver, sem enxergar as pessoas que cruzavam a praça, o carro de bois que passava rangendo, o colibri a sobrevoar a moita próxima e depois pousar...

— Eu disse a ele que não tinha de ir... ou melhor, eu lhe perguntei o que é que eu tinha a ver com sua exposição. Depois acrescentei que já conhecia todos os quadros, e portanto já vira sua exposição... depois eu disse que não via nada de novo havia muito tempo... depois...

Lara se recordava da breve discussão entre ela e o marido na semana anterior. Vinha-lhe à memória a imagem de Ernani de pé à porta do lavabo, assombrado com sua atitude de revolta.

— Depois? — Luciano insistiu.

— Depois eu ia lhe dizendo... — Lara se voltou para o rapaz, olhou-o nos

olhos e o achou tão encantador que se sentiu tolhida. — ...eu ia lhe dizendo que não acreditava mais naquilo, quero dizer, no que ele fazia... é o que penso, Luciano, é o que sinto... Ernani esvaziou, não faz mais nada que preste, sua arte é apenas pompa e circunstância, é estéril... é... — deu de ombros. — Mas ninguém se dá conta... nem os colecionadores, nem os críticos... — Baixou a cabeça. — Um simples desenho seu, Luciano, me encanta... — olhou-o de relance. — O quadro que você está pintando... nem tenho palavras para dizer o que sinto quando olho para o meu retrato... — volta a encarar o rapaz: — Mas nada, *nada*, entenda bem, do que Ernani faz... — Lara suspira, fecha os olhos, mantém-nos fechados por algum tempo procurando perceber as coisas ao seu redor somente com os outros sentidos: o aroma do café que estão acabando de coar na padaria ali perto, o cheiro das flores no canteiro mais próximo, o roçar da brisa em sua pele, o ruído de um raro automóvel que passa, a voz das pessoas...

— Mas você não disse isso a ele...

— Naquele momento ele me pareceu tão só e tão triste que não tive coragem... Apesar de a nova produção inteira já estar vendida, e a que preços!... Eu não entendo isso... Ele não precisa de minha piedade, eu não teria de poupá-lo naquele momento, mas não tive coragem de dizer que... que tudo aquilo era uma impostura... Disse apenas que não iria porque as pessoas que normalmente freqüentam exposições são maçantes... o que não deixa de ser verdade. Disse ainda que eu me sentia enfiada e, como há muito tempo não vinha, estava com saudades da fazenda... e acrescentei que minha intenção era passar uma temporada...

— E vai ficar?

— Sim, vou. Pelo menos uns dois meses... talvez três...

— Mas você fica aqui sozinha... em algum momento não se sente enfiada também?

— Oh, não, tenho aqui tudo de que preciso... meus livros, minhas coisas... além do mais, quando estou aqui o Gumercindo ocupa boa parte do meu tempo dando-me conta de tudo que está em andamento na propriedade e pedindo-me orientações para coisas que na minha ausência faz sem precisar da ajuda de ninguém... Ele é um encarregado bastante capaz, uma excelente pessoa, mas tenho a impressão de que quando estou aqui sente que, tomando decisões sem consultar-me, estaria passando à minha frente, o que é uma bobagem, mas eu não posso decepioná-lo: ele espera minhas opiniões, e principalmente minha aprovação...

Luciano pensou se não seria temerário de sua parte dizer-lhe que, se ela quisesse, ele também ficaria mais alguns dias, pois viera para passar apenas uma semana, deveria partir o mais tardar no dia seguinte; porém... E contudo dava-se conta de que seria sim, temerário, de qualquer forma não teria coragem de fazer tal proposta, “o que ela iria pensar de mim? Favorece-me com sua amiza-

de, tem-me na conta de um amigo... como a decepçionaria se eu... Não! Impossível, impossível!”.

— Fico feliz com o que você disse, Lara.

Ela se voltou para ele.

— Por gostar dos meus desenhos... enfim, por acreditar no que eu faço, quando nem eu mesmo... e no entanto, você... logo você...

Lara sorriu, fez-lhe uma carícia nos cabelos.

— Venha — levantou-se —, vamos dar uma volta por aí. Ah, vamos à quitanda. Talvez tenham cerejas, ou pêssegos...

E na volta traziam sacolas com pêssegos e cerejas, e havia também uvas e morangos.

Na verdade a fazenda sempre produzia alguma coisa, não que Lara se preocupasse em desenvolver uma produção em alta escala, para negócio, plantava-se mais para o consumo doméstico; “o Gumercindo cuida muito bem do pomar” Lara achava justo elogiar o encarregado, “as laranjeiras, por exemplo, estão excelentes” comentava, e também a parreira de maracujá dera bons frutos, bananas havia de sobra, e tangerinas, mamões, graviolas, goiabas, mas os pessegueiros aquele ano não haviam chegado a florescer, e as uvas, ora, “pobre Gumercindo” dizia Lara, pois o pobre Gumercindo vinha tentando desenvolver o cultivo de uvas ano após ano, mas sem sucesso.

— Nem uma mísera uva até agora — dizia Lara.

Lara estava feliz. Percebeu que dariam o que falar, principalmente porque em dado momento, quando saíam da confeitaria onde haviam comprado algumas queijadinhas e umas cocadas muito tenras, dera o braço ao rapaz e, deixando que suas mãos se encontrassem, entrelaçaram-se os dedos, gesto que foi percebido não só pela dona da confeitaria como também por alguns fregueses que a conheciam bem. Caminharam assim pelas ruas; nenhum outro gesto de maior intimidade foi arriscado — Luciano não se encorajaria a tanto, e Lara preferia manter as coisas como estavam, em outras palavras, dar um passo de cada vez (esse pensamento de fato lhe ocorreu, e então ela se perguntou — e se perguntava ainda, agora, quando outra vez percorriam em silêncio e já afastados o caminho entre as árvores — o que significava aquilo de “dar um passo de cada vez”? Então ela previa outros passos a dar, o que significava dizer que haveria algo mais em suas intenções?). Contudo foram vistos caminhando de mãos dadas, “a dona Lara e aquele moço que veio com ela” estariam dizendo agora, fazendo suposições, chegando a conclusões muito óbvias...

Aquele fora um grande dia, e quando, à hora do almoço, as frutas e as queijadas foram servidas como sobremesa — presentes além de Luciano e da anfitriã, Yolanda, Mariinha e a jovem Virgínia, da fazenda Arcoverde — Lara ouviu elogios e sorriu de puro contentamento.

Aquele passeio acontecera três dias atrás.

Na véspera beijara Luciano rapidamente nos lábios (um beijo de puro agra-

decimento, nada mais, mas ainda assim um beijo). E naquela manhã de domingo escrevera em seu caderno: “Sonharei ainda!”.

Mas agora associava essa frase à história que havia por trás da figura gravada na porta da cozinha, e teve medo. “Mas do que é que eu tenho medo afinal?” perguntou-se uma vez mais enquanto erguia a mão para colher uma laranja, pensando no estremecimento que tivera ainda há pouco, pois tão logo sobresaltara-a o medo apanhara o cestinho de vime na varanda dos fundos e descera, internando-se no pomar.

E colheu a laranja, manteve-a segura entre os dedos como a examinar-lhe a pureza da casca, longe no entanto de pensar na fruta que segurava e sim com o coração ainda um tanto oprimido por aquele medo inexplicável. E em sua cabeça misturavam-se a imagem austera de Ernani, seu marido excêntrico e egoísta, e a lembrança de Luciano, o jovem pintor, um menino, “um doce menino”, a quem beijara na véspera e por quem se sabia apaixonada.

Pois então estava apaixonada?

Admitia esse sentimento assim de maneira tão clara, “tão límpida” ela pensa, “quanto a casca impoluta da laranja”? Um pensamento que subjazia nas curvas de sua mente, que ela não exprimira ainda com tanta segurança, “com todas as letras” ela diz consigo mesma, pois ainda na véspera quando o beijara — decerto já tomada por esse sentimento que pouco a pouco, durante aquela semana, fora se cristalizando, “que já existia, talvez” reflete, “que nasceu, quem sabe, quando o vi da primeira vez, seu rosto tão puro, suas maneiras tão finas” diz consigo mesma a título de justificativa, “um menino, só um menino...” —, fizera-o de forma espontânea e sem arrebatamento, como numa brincadeira consigo mesma, mas que não era uma simples brincadeira, e agora está certa disso: apaixonara-se pelo jovem artista, e cravando a unha na casca da laranja e arrancando-lhe uma pequena lasca, marcando-a, deixando nela o sinal de sua força, pronuncia essa frase simples, direta e decisiva:

— Eu o amo.

E percebe que havia um outro sentido em dizer essas palavras: pois era verdade que se casara com Ernani sem saber bem por quê — talvez estivesse muito só, pois apesar de tudo sempre fora uma jovem solitária; talvez se sentisse atraída por aquele homem estranho, inflexível, incapaz de transportes de carinho, até certo ponto belo, mas duro como o aço; talvez porque fosse hora de casar (ma afinal “o que é isso de hora de casar?” pergunta-se. Então existe uma hora certa para casar-se?); talvez porque...

Mas o certo é que nesse momento, examinando a marca que fizera na casca da laranja Lara percebe que seu casamento fora um equívoco, e enquanto retoma a caminhada entre as árvores indaga de si para si mesma se seria um equívoco reparável, conquanto ao mesmo tempo passe a refletir sobre as conveniências, essas questões impostas por uma sociedade insatisfeita com a natureza humana e que por isso procura a todo custo contrariá-la.

Mais uma vez se detém. A laranja rola dentro do cestinho de vime. Lara afrouxa o braço, deixa-o pender, solta-o, que cai...

Estaria ela disposta a arrostar a melhor sociedade, aquela na qual figurava como a esposa de um grande artista e que por isso mesmo freqüentava os melhores ambientes e era recebida por todos com afabilidade e admiração? E em troca de quê? De um simples capricho — um *affaire* com um menino mal saído da adolescência?

Uma ligeira vertigem fê-la dar um passo a esmo, por um instante pensou que fosse desfalecer — mas conseguiu recuperar-se, suster-se de pé: então o que pretendia com aquele menino era um simples *affaire*? Porém ainda há pouco dissera consigo mesma amá-lo, e o amor...

Ora, o amor é... é...

“O amor... o amor...”

Um ruído às suas costas faz com que gire sobre si mesma: ali estava Helena, sua mãe, que sorria para ela.

Era domingo e o porteiro Antônio levantou-se quase às dez, apesar dos latidos de Pituka no quintal e da voz estridente da menininha. Ao abrir a porta dos fundos deu de cara com Silvana, que estendia lençóis no varal.

— Como foi a exposição, seu Antônio? O senhor chegou tão tarde!

— Que contratempo, dona Silvana, que contratempo! Pois sexta de noite o homem cismou comigo, ordenou que eu ficasse até tarde e eu só cheguei em casa, a bem dizer, duas da manhã! Até uma bebida forte me fez beber, a senhora acredita numa coisa assim? E ontem...

Os lençóis no varal refletiam o sol como velas de um grande navio mar afo- ra, recendendo no ar não maresia mas um vago cheiro de sabão em pó.

Antônio, fechando os olhos e respirando fundo, vê-se ofuscado pela luz intensa Sol, sentindo contudo na pele o ar fresco da sombra projetada pela parede, e nesse cenário cotidiano e simples o amanhecer adquire qualquer coisa de irreal, como se detrás dos fenômenos corriqueiros por que se deixa absorver e que implicam no nascer do Sol, no despertar das pessoas, na brisa que agita os lençóis, houvesse algo mais que não possui nome nem substância que pode, entretanto, transformar tudo isso em mera impressão, converter o mundo num sonho, traduzir a concretude das coisas em imprecisão e ausência...

— O homem diz que os quadros falam, conversam entre si, e que ele escuta o que eles dizem, a senhora entende?

— E como é que eu ia entender, seu Antônio? Quadro falar, onde já se viu isso?

— Pois então! Mas o doido afirma que cada qual fala de seu jeito, e se não botar cada um no lugar certo, eles acabam brigando uns com os outros.

— Ora essa!

— Ontem foi a abertura da exposição — acrescenta. Pois na véspera fora o *vernissage* de Ernani de Castro, e mesmo Antônio não trabalhando aos sábados

mandaram buscá-lo, afinal o porteiro tem de estar a postos ao lado da porta feito uma sentinela, um Cérbero, um pobre Cérbero que possui somente uma cabeça onde os cabelos branqueiam e vigia tão só a entrada de uma galeria de arte, e não a das regiões escuras do Hades! — E mais uma vez eu tive de ficar até tarde...

Silvana move a cabeça, achando graça, enquanto pendura na corda uma camisa fina de linho. Desempena-se procurando sentir com a ponta dos dedos a delicadeza e qualidade do tecido, “quem usa uma roupa assim deve ter muito dinheiro” pensa; depois, os braços frouxos caídos ao longo do corpo, respira fundo olhando vagamente em volta.

A pequena vila acordava cedo e das casas próximas vinha naquela hora o bate-papo incompreensível dos moradores, o aroma do café que haviam acabado de coar, e em alguma cozinha ouviu-se o tinido de um talher caindo no chão.

Com o aparecimento de Antônio na porta de casa a cadela estacou, espetou as orelhas abanando o rabo à espera de que o dono estalasse os dedos. A criança, que se chamava Eunice mas todos tratavam por Nicinha, pôs um dedo na boca, na mesma expectativa.

Então Antônio estalou os dedos e, sentando-se no banquinho, fez um sinal à menina.

A cadela saltou-lhe ao colo e Nicinha aproximou-se, como sempre tímida a princípio, mais confiada depois que Antônio a envolveu num abraço.

— O senhor bota a moleca em mal costume, seu Antônio.

— Que nada, dona Silvana, Nicinha tem bons modos...

A lavadeira Silvana mudara-se para a vila dois anos atrás, uma mulher com pouco menos de quarenta anos, a pele queimada de sol que lhe acentuava os traços de mulata, conquanto tivesse os cabelos lisos e o nariz quase afilado. Com ela, a filha pequenina, nenhum homem, nem de visita. Vivia de lavar para fora, rumas de lençóis, colchas, cobertores, que ao fim da tarde saía para entregar. Nicinha, que desde o começo afeiçoara-se à cadelinha Pituka e, por extensão, ao dono, contava agora seis para sete anos.

— O senhor é que fez bem não querendo filhos, seu Antônio — comentou a mulher tirando um pregador da boca e fixando a ponta de um lençol. — Isso aí dá um trabalho que só Deus...

— Faço idéia, dona Silvana, mas...

— Se a gente não ficar de olho...

Um menino surgiu no portãozinho, deteve-se, espiou comprido para dentro e depois avançou pela avenida. Entrou numa das casas. Um velho estralejou ao lado seu catarro, que parecia pior pela manhã, e uma nuvem cobriu o sol.

“Não que eu não quisesse filhos...”

Mas Antônio preferiu não repetir a história que contara a Ernani, o excêntrico responsável por ele ter chegado tão tarde em casa por duas noites seguidas (falar novamente da pobre Dulce, da falta de oportunidades e tudo mais... ora...). Além do que a vizinha já conhecia sua história de homem sozinho.

Ocorria-lhe vez por outra, entretanto, uma idéia desajuizada: adotar Nicinha, e quando olhava a menina — como agora — sentar-se no chão à sua frente com a cachorrinha no colo, sentia-se enternecer.

“Uma filha... minha filha...”

Para isso teria de... e desviava os olhos medrosos para o vulto da mulher, de volta com o balde cheio de roupas: pernas grossas, nádegas volumosas, peitos fartos, devia ser um furor na cama... não, ele não poderia... estava velho demais para isso agora.

— Meu tempo passou, dona Silvana — murmurou com ar sonhador acariciando os cabelos de Nicinha, enquanto a cachorrinha saltava disparando na direção de um gato que apontara junto ao tanque.

Um ventinho suave que se intensificou aos poucos moveu os galhos de uma imensa jaqueira que esparramava sua sombra nos fundos da vila, onde alguns homens conversavam sentados ou em pequenos tamboretos ou no chão, e um farfalhar se sobrepôs às vozes que, de qualquer forma, não se ouviam com clareza àquela distância.

Nesse momento o Aldir saiu de casa, sentou-se junto ao tronco, recostou-se em silêncio e suspirou.

O Aldir não era novo nem velho, poderia ter tanto quarenta quanto cinquenta e cinco anos, e olhava para Silvana com vagas intenções, mas nunca se declarara. Quando a mulata viera para a casinha vazia isolada nos fundos da avenida, o Aldir ainda vivia com a mulher, mas fazia três meses que se haviam separado (o pobre Aldir falava em “separação”, mas todos ali sabiam que a verdade era outra, conquanto evitassem comentar para não entristecê-lo: ele a havia surpreendido saindo de um motel e, sem se intimidar com o negro de má catadura que a acompanhava, aproximara-se dizendo “a senhora não pisa mais na vila, pois lá é lugar de gente decente. Passe amanhã pra pegar suas tralhas, que estarão do lado de fora do portão”. Agora vivia só). Nesses três meses começara a esticar um olho incerto na direção de Silvana, sem ter por enquanto se decidido.

— Ora, seu Antônio — e a lavadeira punha dois pregadores na boca, interrompendo-se enquanto estendia as peças que ia retirando do balde. Por fim terminou. Bufou: — Shhh, creio que por hoje... afinal... domingo... não se é de ferro, é preciso um descanso... Mas o senhor ainda está moço, seu Antônio, devia era se casar de novo porque viver sozinho é atrapalhão...

O porteiro Antônio fez uma careta como que abismado. De que se abismava ele?

— Moço, eu?... Já foi tempo! Eu sou de 1933, faz as contas...

— Ah, mas nem parece ter a idade que tem...

— Sei não, dona Silvana... veja a senhora, está sozinha e está muito bem... eu também não tenho do que me queixar. Tendo-se saúde...

— Estou bem... sei lá... tenho essa menina pra criar... um pai faz falta pra

uma criança... e toda mulher carece de um marido, o senhor sabe... — pensou um pouco e acrescentou, com um tom brejeiro e sem maldade: — Não é só pras farras de cama, não... o senhor entende... é a companhia, o companheirismo do casal que se estima...

Antônio suspirou. Vigiou o céu que uma vez mais se abria, limpo de nuvens, o sol feito uma moeda de ouro refulgente.

— E essa menina, como gosta do senhor! — disse a mulher com ar mais grave, olhando a filha com ternura. — O senhor é como um pai para ela.

Os galhos da jaqueira ao longe farfalhavam...

Um dos prosadores levantou-se e entrou em casa, a conversa pareceu esmorecer, dois meninos cruzaram toda a avenida com varas de pescar e um homem botou a cara na janela fazendo uma advertência que não foi ouvida...

Pituka e o gato haviam desaparecido e Nicinha recostara-se às pernas de Antônio. “Essa menina, como gosta do senhor” Silvana havia dito, “o senhor é como um pai para ela” — não estariam claras as insinuações da mulata? “Não é só pras farras de cama não, o senhor entende...” Antônio sentiu-se confuso e medita: poderia ainda casar-se? E com uma mulher tão mais jovem? Qual!...

— A senhora sabe, dona Silvana...? — Antônio começou, mas calou-se. De braços cruzados, fazia um bico enquanto olhava qualquer ponto muito vago adiante, como que pensando...

— No que é que o senhor está matutando, seu Antônio?

— Nas coisas da vida... no que se perdeu, ou não se pôde ter...

— Mas o quê...?

— A senhora sabe que é capaz d’eu ter um pedaço de terra em algum lugar que eu nem sei onde é, nem a quem pertence hoje, nem nada?

— Um pedaço de terra?!

— Um pedaço de terra só, não... Talvez até uma fazenda inteira, alqueires e alqueires de terra... Mas onde? Em que lugar?

— Que história é essa, seu Antônio?

— Pois é, nunca contei isso pra ninguém... mas é verdade.

A mulher de pé, meio recurva ao lado do balde, o queixo apoiado na mão, encarava Antônio sem saber se ele estaria brincando, falando sério ou variando.

— E por que o senhor não procura? Não é seu?

Antônio fez um gesto de indefinição com as mãos, “será meu mesmo?” disse, pois seria dele essa terra que nem ao menos sabia onde ficava? E ainda que fosse, como encontrá-la?

— Ah, mas se é comigo — diz a vizinha —, se eu sei que tenho um pedaço de terra em algum lugar, um lote que fosse, vê lá se eu não ia atrás...

Antônio deu de ombros.

— Mas como é essa história, seu Antônio?

E Antônio conta à vizinha sua história simples, marcada no entanto por uma ponta de mistério:

— Meu pai se chamava Célio, era um homem branco que viveu com minha mãe um certo tempo e depois foi embora. O nome é quase tudo que sei dele... Como posso me lembrar de um pai que desapareceu quando eu mal tinha completado cinco anos?

Pois sua mãe lhe havia dito ter conhecido aquele homem já maduro, de hábitos simples e ar distante, conquanto lhe parecesse às vezes um tanto bisonho, numa feira onde se vendiam legumes, verduras, frutas e até mesmo animais domésticos numa confusão indescritível de vozes, ruídos e cheiros.

— Minha mãe era uma preta bonita — Antônio explica —, a senhora já viu o retratinho dela quando moça... mesmo sendo uma negra tipicamente africana, pois descendia sem mestiçagem de ex-escravos. Já meu pai era um homem de cinquenta e poucos anos quando se conheceram nos idos de 1930...

Pois foi no meio daquela balbúrdia, enquanto escolhia cebolas numa barraca, que a jovem negra de vinte e três anos percebeu um senhor ao seu lado que, distraído como parecia, voltou-se de súbito para ela e lhe sorriu.

Apesar de branco, o homem não se avexou em oferecer-lhe ajuda com as bolsas, “parecem pesadas” teria dito. “O cavalheiro não se preocupe” respondeu a jovem com acanhamento, mas ele — que manquitolava um pouco e fazia uso de uma bengala — já havia apanhado a bolsa maior pelas alças e com um gesto espontâneo disse “vamos?”, e foram.

A Célio não pareceu nem um pouco embaraçoso caminhar ao lado da negra por uma viela estreita, apoiando-se na bengala e carregando uma bolsa, enquanto as pessoas voltavam o rosto para olhar, pois quem seria — decerto se perguntavam — aquele senhor bem vestido que vinha na companhia da Gerusa? Tampouco a Célio pareceu inconveniente ser visto entrando pela portinha lateral para uma casinha de sala e quarto, uma cozinha minúscula e um quintal exíguo nos fundos onde trouxas de roupa se amontoavam num tanque de lavar e em alguns vasos antúrios abriam suas flores coloridas, quase obscenas.

“O senhor pode pôr aí em qualquer lugar” disse a Gerusa, desembaraçando-se por sua vez de um embornal no qual trouxera uma banda de melancia. “Vou preparar um café, se lhe agradar”.

Célio sorria em aquiescência, e pondo-se à vontade sentou-se em um tamborete que rangeu sob seu peso.

Foi-lhe servido um café forte e saboroso cujo aroma recendeu pelo ambiente, e enquanto bebericava conversaram. “Eu sou sozinha” dizia a moça, “vivía com minha mãe nessa casa, pois meu pai foi embora eu ainda era criança e nunca mais se soube dele... mas ela faleceu há um ano e de lá pra cá...”. Então Célio lhe perguntara se não era comprometida, “a senhorita não terá um noivo, pelo menos um pretendente?”, ao que Gerusa se mostrara encabulada dizendo que não, e que embora uns e outros aparecessem com propostas ela andava arisca, “pois homem no mais o que quer é se aproveitar, de compromisso não quer nem saber” explicou, “inda mais a gente sendo de cor”.

“A senhorita é de cor mas é uma moça muito graciosa” disse-lhe Célio pousando a xícara na mesa.

“O senhor me deixa é encabulada com esse tratamento de senhorita, ninguém nunca me chamou assim. É de negra Gerusa pra menos... Fico até sem jeito... O senhor vem de onde, não sendo da minha conta?”

Então Célio foi vago, “resido aqui há alguns anos” disse, “mas eu venho do interior”.

“E o senhor não estranhou a mudança? Eu lavo roupa pr’uma dona que também morava na roça e se mudou com o marido pra cidade. Escuto ela dizer que estranhou demais, e que tudo que quer é voltar pra lá.”

“Eu nem tanto... um pouco, talvez, no início, mas eu achei de dar um novo rumo à vida, e por isso... Acabei me aclimatando, agora gosto”, pois Célio vivia há oito anos na cidade e já se acostumara ao tumulto, à multidão que infestava as ruas, à confusa mistura de caleças, automóveis e bondes, conquanto sentisse vez por outra saudades da tranqüila rotina de casa.

“E o senhor pensa em continuar vivendo aqui?”

“Por enquanto sim... no futuro não sei...”

“Hã...”

Fora assim o começo.

— Minha mãe era moça — continua Antônio — mas se agradou daquele cavalheiro tão distinto, no dizer dela, um homem sem preconceitos, que passou a visitá-la e a levar coisas; que não lhe fazia perguntas nem lhe vigiava os passos, se bem que ela fosse uma mulher às direitas e não desse motivos pra desconfiança.

— Mas e a vizinhança, seu Antônio? Não estranhava?

— Devia estranhar, sim, decerto... Mas depois de se conhecerem ela ficou pouco tempo naquela casa, meu pai acabou levando-a para o apartamento onde morava, ali pros lados do Engenho Novo... Viveram juntos, minha mãe era tida como empregada mesmo depois que eu nasci, não imaginavam que um senhor branco fosse o marido da negra, ainda mais com uma diferença tão grande de idade. E assim o tempo foi passando, até que um dia ele fez as malas...

O porteiro Antônio se cala. Olha através do largo como se lá no final, junto ao muro, pudesse enxergar sua infância longínqua, escutando o farfalhar da grande jaqueira; os conversadores se haviam dispersado por um momento e à sombra da árvore ficara apenas o Aldir, que mastigava um talo de grama e agora parecia dormitar recostado ao tronco.

Uma mulher imensa surdiu dos fundos de uma das últimas casas da vila e chegou-se à porta da Janice costureira, metendo a cara para dentro e batendo palmas. Uma voz respondeu lá de dentro e a mulher imensa entrou na casa, desapareceu.

“Estou indo embora, Gerusa.”

“Indo embora?!”

“Sim, estou de partida.”

“Vai para onde, homem de Deus?”

“Volto para a fazenda, Gerusa.”

“E me abandona com esse menino?”

“Você não fica desamparada. Este apartamento está em seu nome, os papéis estão neste envelope. Aqui tem também uma quantia em dinheiro... é quase tudo de que disponho... levo apenas o necessário para a viagem...”

“Desagradou-se de nós, Célio?”

— Minha mãe me disse que naqueles dias meu pai parecia inquieto, nervoso... como se algo o afligisse. Ele, que de costume ficava quase todo o tempo em casa, que raramente saía sozinho... havia saído certa noite, regressando bem tarde, e depois outra vez na tarde seguinte... quando voltou para casa parecia mudado... estive assim alguns dias até que se decidiu a partir...

“Não, Gerusa. Só que esta é uma fase de minha vida que chega ao fim, se é que minha vida também não está perto do fim, pois já sinto umas canseiras...”

“Você parece bem, meu querido, talvez só um pouco cansado...”

“Cansado... sim, sou um homem entrado na velhice... Preciso rever minha casa, minha gente, ainda que bem pouca gente deve restar por lá... E além do mais...”

“Além do mais...?”

“Além do mais você é uma mulher jovem, precisa é de um homem da sua idade ao seu lado...”

“Nunca me queixei disso, Célio. Sempre gostei de você.”

“Eu sei, Gerusa, o que me deixa muito feliz, acredite. Mas o que estou fazendo é o melhor para nós dois.”

“O menino vai sentir sua falta...”

“É o melhor para ele também, Gerusa.”

— Célio partiu sem dizer se voltaria pelo menos para rever o filho... não voltou, e minha mãe não teve mais notícia dele.

— Então ele foi para as terras da família — comenta a vizinha. — O que ele dizia desse lugar? Não disse onde era?

— Pra minha mãe ele disse apenas que a família era dona de terras em algum lugar de interior... a família, ele teria dito, seriam apenas uma irmã e umas sobrinhas...

— E sua mãe? Casou-se outra vez?

— Tempos depois conheceu um homem da cor dela, agradaram-se um do outro e se casaram. Viveram bem, tiveram dois filhos, um casal, minha irmã ficou com o apartamento do Engenho Novo depois que mamãe morreu. Vive lá com o marido. Meu irmão mudou-se para Minas, raro em raro dá notícias, ou aparece...

— Mas, seu Antônio, e as terras?

— As terras? Parece que se tratava de uma fazenda enorme... não sei ao certo... não tenho idéia de onde fica...

— E o senhor decerto nem se lembra de como ele era... digo, o seu pai...

— Não — Antônio diz, sempre acariciando os cabelos da menina recostada em suas pernas —, eu era tão pequeno quando o vi pela última vez...

A mulher olhava para o chão, pensativa.

— Que coisa, seu Antônio, que coisa...

Então Ernani dirigiu-se à porteira disposto a fazer uma caminhada na direção da fazenda Arcoverde. Não, não pretendia chegar na fazenda, não tinha afinidades com os moradores embora os conhecesse superficialmente e as senhoras fossem amigas de Lara: iria naquela direção apenas porque lhe parecia mais conveniente, decerto não encontraria pessoas, pelo menos não muitas, e espriar as vistas pelos campos, pelos montes, ouvir o agreste e seus ruídos, vê-lo com suas cores traria um conforto, um descanso após toda a agitação da semana — pois sempre que expunha agitava-se, atormentava-se, sentia-se exasperar até a alma como se fosse incendiar-se por dentro, e depois de tudo sobrevinha esse cansaço do qual mesmo uma noite de sono não era suficiente para recuperar-se.

Ao chegar na estrada, porém, surgiu-lhe à frente Anete, que trazia nas mãos um pequeno buquê de flores silvestres. A moça se abriu num largo sorriso:

— Onde o senhor vai, seu Ernani?

A mocinha era mesmo abelhuda, pensou Ernani observando-a plantar-se à sua frente como que para impedi-lo de avançar. E que sorriso oferecido era aquele?

Ernani fez um gesto vago, como se lhe custasse responder:

— Vou apenas fazer um pouco de exercício — disse com um tanto de frieza, disposto a despachar de vez a garota, “será que ela não percebe o quanto é petulante?”.

— Ah... — e Anete baixou a cabeça, como se procurasse algo para dizer, e por um momento estiveram um diante do outro sem olhar-se, sem falar-se, num silêncio incômodo. — O senhor pinta quadros, não é? — ela perguntou por fim, com ingenuidade.

— Sim — ele respondeu, olhando-a com certa curiosidade. O que essa matutazinha entendia de quadros? Por que perguntava?

— E como são os seus quadros? Eu nunca vi...

Ernani não soube o que dizer: como explicar para uma garota provinciana que decerto mal completara o ensino fundamental e jamais saíra de sua roça a grandiosidade de sua pintura? Como fazê-la entender...? E nesse momento Ernani, dando-se mais uma vez conta de sua monstruosa grandeza, percebeu que estava distante de um certo público que não conhecia sua obra, não gozava desse privilégio, que não podia fruir de sua genialidade, e com isso sentiu-se como que amputado num membro, como se lhe faltasse uma parte do corpo.

— Aquele moço que veio com dona Lara também pinta quadros — diz Anete levantando os olhos para Ernani.

— Que moço? — perguntou Ernani com pouco interesse.

— Chama-se Luciano, ele.

— Ah... — e Ernani lembrou-se desse amigo de Lara, não mais que um garoto. Sim, ouvira qualquer coisa sobre isso, esse menino garatujava alguma coisa, mas ele nunca vira nenhuma de suas pinturas. Seriam boas? perguntou-se, mas já duvidando de que fossem, “imaturas decerto” pensou consigo mesmo, “tem gente que pensa que pode ser artista a qualquer custo”.

— Ele está pintando um retrato de dona Lara — Anete disse, e acrescentou com malícia —, ficam lá trancados todas as tardes na biblioteca.

— Ah, Lara está sendo retratada? — exclamou Ernani e, contrafeito: — Ridículo. Pois se eu... — e calou-se. O que poderia dizer? Que ele nunca se decidira a pintar um retrato da mulher? Ou que talvez não o soubesse fazer como gostaria? Como admiti-lo? Principalmente, como dizê-lo diante dessa roceirazinha que aparecia ali para provocá-lo? Pois afinal o que ela tinha a ver com isso de aquele rapaz estar pintando um retrato de sua mulher? E por que fizera questão de mencionar que os dois passavam a tarde trancados na biblioteca? Ora essa!... Ernani se deteve um segundo ou dois pensando nisso mas logo deixou a preocupação de lado: que até dormissem sozinhos na biblioteca, disse consigo mesmo, ele confiava em Lara, ela não seria capaz de traí-lo, e mesmo que fosse parecia-lhe absurdo que escolhesse logo quem?!... Um moleque mal saído dos cueiros que alegava saber fazer uns rabiscos!

Ernani sentiu-se momentaneamente irritado com a criadinha, “abusada” pensou em dizer-lhe, mas achou melhor não revelar sua irritação. Seria melhor, mais tarde, advertir a Titina sobre essas molecas que...

— Hoje à tarde ele vai mostrar para todos o retrato que fez dela — Anete diz ainda —, foi o que ouvi dizer.

Ernani limpou a garganta impaciente, desejando livrar-se dessa importuna, mas ela não lhe dava trégua:

— O senhor não pintaria um retrato meu?

— Um...? Quê?! — Ernani olhou a garota quase sem acreditar no que ouvia. Então a menina, além de petulante, ainda ousava pedir-lhe que pintasse um retrato seu? Deus do céu, que falta de senso! Teria ela noção do preço que...?

— Um retrato meu — Anete repetiu. — Depois o senhor me dava ele de presente pra eu pendurar em meu quarto — e piscou-lhe um olho: — Eu ia ficar toda boba, seu Ernani.

Ernani sorri com descrença, desvia os olhos para o céu, para algum lugar ao longe, volta a encarar a moleca, agora sério, o cenho franzido.

— Ah, se o senhor quiser... mais tarde, depois do almoço... eu o levo para um passeio...

— Um passeio?! — exclamou ele cada vez mais estupefato. — Com você? — gaguejou. — E onde...?

— O senhor já caminhou pela margem do açude?

Ora essa! Então era isso: pela margem do açude. Pois então ele nunca haveria de ter caminhado pela margem do açude!

— É que tem um recanto lá que eu aposto como o senhor nem conhece... porque quase ninguém por aqui conhece.

— Um recanto? — ele repete a contragosto.

— Lá no finalzinho... em vez de seguir em frente desce-se por uma vereda... fica escondida, é preciso saber que há um trilho ali... e chega-se a um recanto tão lindo...!

— Ah... mas...

— Eu o levo lá, se o senhor quiser...

— B-bem... veremos...

— ...e lá poderemos ficar a sós, só nós dois.

E diante daquilo, daquelas palavras inusitadas, abriu muito os olhos de surpresa, moveu os lábios para dizer alguma coisa mas não saiu deles palavra alguma, e não teve outra reação a não ser aceitar o pequeno buquê que ela tinha nas mãos e acabava de oferecer-lhe, “pro senhor” ela disse, “fui eu mesma que colhi”, e subitamente ruborizada passou por Ernani, cruzou a porteira e desapareceu no interior do jardim.

Ernani girou sobre os pés para vê-la, mas a moça já não estava à vista. Olhou o buquê, olhou novamente na direção da porteira, deixou pender o braço que o segurava.

Pelo gramado, vindo da frente da casa e dirigindo-se para os fundos surgiu um moço negro, o andar gingado, as mãos nos bolsos da calça larga e mal arrumada no corpo. A camisa branca de malha parecia muito encardida e via-se um puído numa das mangas.

Vinha mastigando um talo de capim, e mesmo de longe cumprimentou-o com um movimento de cabeça e um olhar que lhe pareceu desagradável, pelo menos impróprio em tal situação.

“Quem será esse preto?” perguntou-se Ernani, que continuava a segurar o buquê, e seguiu o crioulo com o olhar tentando recordar-se de onde já vira aquele tipo.

Mas em seguida se distraiu: com o vento a porteira range nas dobradiças, a estrada parecia ter sido ensaibrada há pouco, via-se o saibro grosso espalhado, pedregulhos aqui e acolá, e mais adiante cavalos pastavam batendo as moscas com movimentos ritmados de rabo.

Para onde, afinal...? disse consigo mesmo. Ergueu a cabeça, uma ideiazinha começou a germinar em seu cérebro, deu o primeiro passo quase a esmo, a idéia parecia ter firmado pé conquanto mal tivesse sido concebida, e deu o segundo passo... Ernani decidiu-se por fim: avançou, resolvido a seguir estrada acima.

Gumercindo, mesmo aos domingos, cedo estava de pé. Durante toda a semana costumava levantar-se ainda antes de o Sol nascer, nos domingos um pouco mais tarde, mas não permaneceria na cama depois das sete. Abriu, portanto, os olhos e vigiou o relógio no criado-mudo: estava na hora: espreguiçou-se e sentou-se na cama procurando no chão com os pés os chinelos, que costumava deixar por ali. Já calçado levantou-se, abriu a janela do quarto enquanto da cozinha vinham os rumores da Zefa quebrando gravetos para manter o fogo aceso.

— Zefa — disse aparecendo na porta da cozinha —, frita aí umas fatias de angu. Na manteiga, se me faz o favor.

— Na manteiga se me faz o favor — arremedou-lhe a Zefa fingindo uma zanga que estava bem longe de sentir. — Não sei que luxos são esses, já não lhe agrada a banha de porco?

— Não são luxos, é que me apetece...

— Ora, lhe apetece... a mim também me apetece às vezes, mas nem por isso...

E o Gumercindo aproximou-se da preta por trás e a abraçou:

— Deixe-se de rabugices, mulher, vamos tomar juntos o café com angu frito na manteiga.

A Zefa enterneceu-se.

— Deixa-me lá, que eu lhe faço a vontade.

— E a Mariinha?

— Por aí, com o marido. Levantaram-se tem quase hora. Otávio gosta de andar pelo mato quando vem... Devem estar para o curral.

— E o moleque?

— Ora essa...

— Onde está?

— Dormindo.

— Esse moleque... aparecer-me de supetão assim... sei não... tem coisa errada nessa história.

— O que pode ter de errado? O pobre recebeu dispensa, veio passar uns dias em casa com a família, só isso.

— Sei não... foi muito de repente... não andou preso há pouco tempo? Antes esteve preso por dez dias por causa de briga com outro soldado...

Pois o Donato chegara na sexta à noite alegando ter sido dispensado pelo final de semana, e não dera qualquer explicação acerca de sua prisão. O Gumercindo preferiu não tocar de pronto no assunto, esperar que o filho tomasse a iniciativa de falar seria o melhor, porém até agora Donato não havia dito uma palavra.

Na véspera esteve em casa, dormiu a manhã inteira e à tarde desapareceu. Regressou à noite sujo, ralado e com cheiro de álcool, mas ainda assim o Gumercindo não fez perguntas: deixaria para conversar com o moleque quando acordasse. Então teria de explicar-se.

— Ora, Gumercindo — Zefa mostrava-se complacente —, quartel é assim mesmo, um soldado é preso por qualquer coisinha. . .

— E o que é que você entende disso, mulher? Você sabe que não foi por qualquer coisinha, não desta vez: ele desacatou um oficial, ficou um mês preso. Não foi o que disse na carta?

— Foi.

— Então! . . . Está bem, ficou preso, foi solto. . . Mas depois do que fez iriam lhe dar uma dispensa assim, sem mais nem menos?

— E por que não? Ele errou, pagou pelo erro. O que tem a ver a dispensa que deram depois disso? . . . Ora, Gumercindo, não implica com o menino!

— E ontem? Viu o estado dele ontem, quando chegou?

— Coisas da mocidade.

— E você sempre com panos quentes, Zefa, sempre com panos quentes! Eu também fui moço e nem por isso chegava em casa bêbado.

— Deixa estar que com o tempo, Gumercindo, com o tempo. . . Vamos tomar café agora que é melhor.

Gumercindo espia para fora, pensativo. Passa vagarosamente a mão pela barba. Remorde as pontas do bigode.

— Essa história está mal contada. . .

Então um pássaro levantou vôo dentre as moitas próximas com um súbito estralejar de asas, cortando o ar feito uma flecha, e Yolanda — que se detivera sobre a ponte que cruzava o ribeiro — voltou-se num sobressalto.

Mas fora só um pássaro, via-o no alto agora num vôo lento e semi-circular, porém olhando na direção da casa, em cuja frente destacavam-se as doze grandes janelas e os seis balcões acima da extensa varanda de treliça verde, avistou, sentadas na calçada, Lara e a mãe.

Conversavam? Sim, pareciam conversar.

Yolanda sabia desse clima de tensão entre mãe e filha, havia ali uma “história”, algo sobre o pai de Lara, que não chegara a conhecê-lo.

— Quando ia fazer quinze anos minha mãe falou-me dele. . . não muito, só que era um homem bem mais velho.

Helena nunca havia dito nada à filha sobre o pai, e Lara, que apesar da curiosidade preferia não tocar num assunto que parecia penoso para a mãe, evitava perguntas. “Um dia, filha, um dia conversaremos” Helena lhe havia dito, e Lara a partir daí respeitou-lhe o silêncio. Certo dia a própria Helena tomara a iniciativa de falar, mas o que tinha a dizer era tão pouco que Lara se perguntava se a mãe estava sendo sincera e revelando toda a verdade. “Eles se separaram” Lara lhe havia dito durante um passeio por Copacabana, no qual escolheram uma discreta sorveteria para descansar um pouco e conversar mais à vontade, “porque meu pai, que era mais velho, dizia-lhe que ela precisaria de alguém jovem ao seu lado, ‘Helena, você só poderá construir uma família ao lado de alguém da sua idade’ ele disse, então foi embora e minha mãe não soube mais dele”.

Lara estivera quieta por alguns momentos enquanto mexia com a colherinha na taça de sorvete. “É esse o trauma que ela carrega e parece não ter superado de todo” diz, “e ele... nem por minha causa...” acrescentou então e levantando os olhos para aquela mulher madura e feia, mas boa e amiga que fora sua professora, nem sorriu, apenas contraiu os lábios, “seria natural que quisesse ver-me, mas nem por minha causa...”

Yolanda avança, atravessa a ponte, está agora do outro lado, desce até a margem do ribeiro, descalça os sapatos largando-os sobre a grama, segue caminhando devagar pela margem estreita e arenosa.

Revelaria algum dia o seu segredo?

E então parou, manteve-se de cabeça baixa olhando para a água fresca que agora lhe corria sobre os pés e por um momento distraiu-se: depois retomou o fio de seus pensamentos, pois tinha um segredo que guardava a sete chaves, “todos temos nossos quartos escuros” pensou, “com criaturas estranhas trançadas lá dentro”.

Durante aquele passeio por Copacabana um episódio teve o condão de distrair Lara de sua angústia: enquanto conversavam entrou na sorveteria uma mulher alta, de traços rústicos e gestos masculinizados. Os cabelos, cortados rentes, eram visivelmente tingidos de loiro, pois sendo negros ou talvez castanho-escuros adquiriram aquele tom acobreado do loiro falso das tinturas mal aplicadas. A mulher tinha um jeito desagradável de pôr as mãos nos quadris e olhar para um lado e para outro com uma superioridade forçada e quase agressiva. Ao entrar dirigira-se para o balcão, sentando-se num dos tamboretos altos que havia ali e passara as vistas pelo salão, quase vazio, como que a investigar quem estava presente. Como o *barman* tardasse um pouco, deu dois ou três tapas no balcão para alertá-lo e mostrar que tinha pressa de ser atendida. Pela liberdade demonstrada parecia íntima do *barman*, que se aproximou com um mau-humor fingido que logo se converteu em risotas e piadas.

Yolanda e Lara olharam-se disfarçando um sorriso. Lara movera a cabeça numa atitude de reprovação enquanto Yolanda dava mais uma olhada na direção da desconhecida.

— São nojentas — Lara sussurrou então, referindo-se à mulher.

— Coitada! — Yolanda exclamou baixando a voz.

— Nojentas — Lara repetiu. — Causa-me asco, repulsa, esse tipo de gente.

Yolanda estranhou a cortante frieza de expressão da ex-aluna, até então dona de uma doçura espontânea: aquela face nova e inesperada de Lara a surpreendia.

— E os homens então? — e Yolanda descobria agora nos olhos e no sorriso de escárnio de Lara uma outra Lara que ela não suspeitava. — Com aqueles trejeitos, aquela voz... — e curvando-se na direção da ex-professora, a voz mais surda, mais cruel: — Não passam de falsificações asquerosas.

— Lara! — Yolanda exclamou abrindo muito os olhos: — Caramba, eu não sabia que...

— Nem homens nem mulheres... Deixe-me contar-lhe um caso engraçado: dias atrás eu entrei com Ernani num *shopping* em São Paulo e numa das lojas havia um negro. Você devia ver aquilo: um negro de quase dois metros de altura, braços e pernas descomunais, ombros largos, parecia um lutador de sumô. Quando entramos ele estava parado diante de uma vitrine, olhando alguma coisa. Logo em seguida, porém, ele se moveu, e falou... Yolanda, eu quase soltei uma gargalhada mas Ernani, que já me conhece, apertou-me o braço e olhou para mim como a dizer “fique quieta”, e eu fiquei — e agora Lara a custo controlava o riso: — Eu tinha vontade de rir, custava-me não rir, Yolanda, custava-me ficar quieta como Ernani ordenara e eu o arrastei dali o mais rápido que pude...

— Mas por quê...?

— O negro... um homem daquele tamanho, com um jeito de lutador espartano, um verdadeiro monstro (não que fosse feio, monstro em outro sentido)... o negro se revela em seus gestos ridiculamente afeminados, uma voz langorosa e arrastada mais falsa do que nota de sete reais, jogando os ombros, movendo as munhecas, dando pulinhos feito uma adolescente... Quando enfim saímos dali, quando chegamos no estacionamento... eu não me contive e desatei a rir... ri a tal ponto que até Ernani já estava ficando impaciente...

— Lara! Lara... — Yolanda movia a cabeça, um sorriso de perplexidade mal lhe movendo os lábios. — Caramba, eu não sabia...!

Lara faz um muxoxo:

— Ora, Yolanda, não sabia o quê? — pela primeira vez na vida Yolanda notava um assomo de orgulho naquela mulher que até então lhe parecia dona de uma simplicidade e de uma meiguice sem termos de comparação: — Eu sou mulher até o fundo de minha alma — Lara disse elevando vaidosamente o queixo e dando de ombros —, custa-me aceitar esse tipo de coisa. Aliás, na verdade eu não aceito... olha pra essa daí? Nem mulher nem homem... Que repugnante!

E depois de bebericar o resto de sorvete que havia derretido em sua taça:

— Merecem é o paredão de fuzilamento, todos eles. Eu apertaria o gatilho com prazer.

Yolanda estava assombrada: Lara estaria certamente ferida pela lembrança do pai, que após a separação fora embora e não retornara; nem por ela, a filha, ele retornara, e essa dor — mas esta seria a única explicação para que uma pessoa tão doce... — essa dor tornava-a amarga e injusta. Decerto quer descontar em alguém sua mágoa, e então...

“Mas não” pensa Yolanda, que agora subira para o gramado e ainda se mantinha de cabeça baixa olhando o suave correr das águas entre as pedras.

Pois alguns dias mais tarde, em que a visitara aceitando-lhe o convite para

jantar em sua companhia, “Ernani estará aqui, acho que vocês gostarão de conversar, para ele será ótimo ter alguém para ouvi-lo discorrer sobre seus quadros”; nesse dia, portanto, em que Lara se encontrava alegre e bem-humorada, Yolanda mencionou à mesa o passeio pelo centro da cidade, a sorveteria aonde entraram para descansar e refrescar-se...

Então Lara, parecendo descontraída e muito animada, disse:

— Ia tudo bem, até aparecer aquela mulher horrível.

— Mulher horrível? — Ernani, que levava à boca uma taça de vinho, secou os lábios com o guardanapo e encarou a esposa: — Quem? — quis saber.

— Uma lésbica — ela respondera.

— Ah... — e para Ernani a explicação bastava. Talvez já estivesse acostumado com aquilo e não se escandalizasse.

— Horrível, Ernani — ela dissera em seguida —, igual a um homem, mas era apenas uma falsificação. Quando vi aquilo tive de contar para Yolanda sobre aquele... aquele crioulo que vimos no *shopping* em São Paulo há pouco tempo, lembra?... Lembra como eu o arrastei correndo de lá para fora, e como eu ri quando chegamos no estacionamento?

Ernani, de ordinário sério e distante, parecia agora divertido com as palavras da mulher:

— Minha mulher não aprova os... — e fez um gesto de imprecisão com as mãos, como se procurasse uma palavra. — Os “invertidos”, digamos assim.

Yolanda moveu a cabeça e forçou um sorriso, não como se concordasse, tampouco discordando, como se apenas achasse engraçada a atitude de Lara.

“Lara não aprova os invertidos” Yolanda lembrava-se de ter ouvido Ernani dizer.

— Ela costuma dizer — Ernani havia acrescentado antes de pedir licença para retirar-se — que são falsificações, ou seja, não são nem mulheres nem homens autênticos — e pondo-se de pé: — Não me incomodam, devo dizer, não... mas pensando bem é isso mesmo, não são nem mulheres nem homens de fato... sendo assim, não passam de falsificações, a senhora não acha?

Yolanda olhava-o com curiosidade e assombro:

— Bem — respondeu —, se o senhor diz...

— E agora peço licença para retirar-me. Vou para o ateliê. Lara, leve sua amiga até lá daqui a um pouco mais, quero mostrar-lhe minhas últimas pinturas.

Desde então Yolanda calava-se sobre si mesma. “Como arriscar-me a...”, sim, como arriscar-se a perder a amizade de Lara, pois se esta viesse a perceber, a descobrir que...

Yolanda leva ambas as mãos ao rosto esfregando-o vigorosamente e depois abrindo os olhos para a paisagem. “Nunca poderei deixá-la saber...”

Pois Helena também caminhava entre as árvores do pomar quando avistara a filha e, avistando-a, deteve-se a observá-la: não fora vista, Lara estava de cos-

tas e caminhava devagar levando um cestinho de vime, e vendo-a assim Helena sentiu pela filha uma imensa ternura, um sentimento que era como se a aquecesse por dentro; a jovem agora interrompia os passos como se de súbito fosse tomada por algum pensamento incômodo, algo que a preocupasse, era esse seu jeito desde menina, Helena sabia-o: nesse momento Lara sentia-se desamparada, pelo menos insegura e, imobilizando-se, deixara cair na relva o cestinho de vime. Foi então que caminhou em sua direção e o ruído de seus passos fez com que a filha se voltasse:

— Mãe!

E essa palavra que a deixara insensível em outra época a enternecia agora, e cada vez mais. Então Helena sorriu, inquieta sim, pois não sabia se essa exclamação e se o sorriso com que fora acompanhada não se deviam apenas à surpresa e logo em seguida dariam lugar a uma expressão de contrariedade como se ela, a mãe distante, fosse uma intrusa e invadissem seu pequeno círculo de paz. Helena sorriu, mas também parou à espera, como se tudo (tudo o quê? perguntava-se) dependesse do próximo instante.

Mas o instante seguinte foi acentuado pelo sorriso amplo e feliz de Lara, por seus olhos brilhantes, pela delicadeza de sua voz:

— Também veio colher frutas?

Lara mostrava-se receptiva, como não podia deixar de ser — Helena pensou — pois era ela, e não Lara, a pessoa difícil, de caráter arredio, de poucas palavras e temperamento ácido; e Helena deu-se conta de que não precisava manter suas defesas, compreendendo vagamente que não seria ela a manter-se na defensiva, mas a filha rejeitada, a criança, a adolescente, a mulher, todas essas que eram uma só...

“Como pode uma mãe não amar uma criança tão bela?” perguntara-se Helena há muitos anos enquanto via a filha crescer, sem lhe parecer irracional essa frieza, essa ausência de amor, porque podia ser explicada com o fato de Lara ser filha “daquele homem”.

E agora, diante da filha, uma mulher linda na plenitude de seus trinta anos, mais uma vez repetia essa pergunta: “Como pude não amar minha filha?”

— Não, não propriamente colher frutas... apenas andar um pouco por aí.

— Estranhei quando a vi chegar ontem, mal tínhamos acabado de almoçar — Lara diz —, logo você, que não gosta da roça.

Helena abaixa-se e apanha o cestinho caído na relva.

— Vamos colher mais algumas laranjas — diz.

Porque alguns minutos antes estivera caminhando à margem do açude e quase ceder ao impulso de navegar: havia ali um barquinho a remo, parecia reformado de pouco, pelo menos a pintura era nova, o sol refletia-se nas águas tranquilas cuja superfície a brisa, ora mais branda, ora mais forte, fazia enrugar...

De súbito um pássaro mergulhou com a rapidez de uma flecha.

“É o martim-pescador” pensou, observando a ação rápida e precisa da ave que emergia outra vez com um peixe preso no bico.

E enquanto caminhava pela margem do açude, enquanto observava as aves, enquanto sentia o sol em sua pele e o vento em seu rosto e os ruídos do campo desvelavam-se para ela em nuances sutis, Helena ainda se perguntava como se decidira tão repentinamente a vir para a fazenda. Soube que Ernani preparava uma nova exposição, por isso não esperava encontrar Lara, ainda mais com amigos; muito menos que o genro fosse aparecer intempestivamente. No fundo esperava estar sozinha ali durante o final de semana e chegara mesmo a fazer planos de permanecer uns dias mais, talvez até a quarta ou quinta-feira. Trouxera uma boa provisão de livros e durante a viagem chegara a ver-se remando pelo açude e depois, o barquinho à deriva, vira-se a si mesma distraída com alguma leitura.

Contudo não se aborrecera ao ver que Lara estava ali e trouxera amigos, e embora a presença de Ernani não a agradasse, tampouco se aborrecia com o fato de ele ter vindo, pois se apercebia de que lhe era possível estar só com seus pensamentos não importando quem mais se encontrasse na casa: bastava que ela própria se recolhesse à sua concha e não permitisse a entrada de ninguém...

“Exceto...”

Sim, exceto uma pessoa: Lara.

— Ainda agora pensei em remar um pouco — ela disse estendendo a mão para uma tangerina que dourava entre o verde da folhagem.

— Oh, podemos remar juntas, quem sabe amanhã — Lara achava a idéia excelente. — O barco é para duas pessoas.

— Talvez vá atrapalhar alguma coisa que você tenha a fazer — Helena disse, com dúvida.

— Mas não, mamãe, não tenho nada de especial para fazer. E o tempo tem estado tão agradável, os dias tão bonitos...

— Bem... se você diz... sim, por que não?...

— Então está combinado: amanhã, depois do almoço.

— Aquele seu amigo — diz Helena depois de uma pausa, e mudando de assunto —, o moço que está pintando seu retrato...

— O que tem ele?

— Ele pretende mostrar o quadro hoje à tarde, não é? Confesso que estou curiosa.

— Está lindo, mamãe... eu não podia esperar que... — e Lara baixa os olhos um pouco embaraçada. Temia que com sua expansividade pudesse dar a entender à mãe seu sentimento em relação a Luciano.

Agora mãe e filha caminham juntas pelo pomar.

Era possível andar por ali sem qualquer obstáculo, pisar sem medo o tapete verde da relva pois o Gumercendo mantinha o terreno limpo, livre do mato alto e dos espinhos. Esses cuidados eram típicos do encarregado, que cumpria com

eficiência suas funções e de quem anos atrás viera a idéia de recuperar o açude, “pois há de ficar muito bonito um açude aqui, dona Lara” teria dito, “a senhora poderá ter até um barquinho para remar de vez em quando”.

Lara, surpresa com a idéia do encarregado, ponderou se o gasto valeria a pena, embora o Gumercindo garantisse que não sairia tão caro, “primeiro é preciso esgotar o fundo” disse, e explicou que esgotar consistia em abrir uma vala ao longo do leito para que a água se concentrasse num córrego e secasse em volta, “depois” continuou, “com um trator manda-se raspar o fundo a fim de remover o entulho, que poderá ser empurrado para lá” e apontou numa direção qualquer enquanto caminhavam pela antiga margem que ele próprio havia roçado (isso fora há cinco anos). Dever-se-ia, contudo, afundar pelo menos um metro e meio, sugeriu, até chegar no chão firme, e só então refazer a barragem, “uma barragem móvel, que é o certo, pra quando for necessário desassorear”...

— O Gumercindo é muito expedito — Lara comentou enquanto se detinham sob uma laranjeira. — E a mulher sabe fazer queijos...

— Queijos...

— Sim, o Gumercindo tira leite todas as manhãs — Lara explicou (conquanto a mãe já soubesse desses pormenores, pois afinal aquela não era a primeira vez que vinha à fazenda), e indicou uma direção, “lá” ela disse, pois lá, ou seja, depois daquelas montanhas, havia um vale onde fora construído o curral, e ali o Gumercindo separava as vacas de seus bezerros à noite para aproveitar o leite pela manhã, e também naquela direção ficavam os melhores pastos, “são pastos a perder de vista” dizia Lara, e neles o encarregado criava suas reses, um belo rebanho que lhe permitia fazer um bom pé-de-meia.

Helena chegava às vezes quase a duvidar de que se desse tão bem com a filha, pensando uma vez mais naquele tempo em que a simples presença da menina a incomodava, a alegria natural e expansiva da criança parecia-lhe desagradável e inconveniente, e mesmo irritante na maioria das vezes.

“Era como se não fosse minha filha, tão diferente de mim... era como se ela fosse filha de minha mãe, já que se pareciam tanto, e eu... eu, apenas uma estranha...”

Helena se ressentia, porém sem deixar transparecer, da infância da filha à qual estivera no mais das vezes ausente — ausente ainda que próxima em convivência, pois embora Helena fosse uma mulher independente e vivesse em sua própria casa, mantinha um relacionamento estreito com os pais, em cuja companhia, de resto, a menina crescera —, ausente por não amar a criança, voluntária ausência que no mais das vezes fazia com que a afastasse de si sob qualquer pretexto, “crianças sempre nos amassam a roupa com essa coisa de vir se encostando” ou então “eu acabei de fazer as unhas, pelo amor de Deus!, sai pra lá” ou ainda “não tenho tempo agora, preciso sair” e com o tempo Lara tornara-se não neta, mas filha de sua mãe, como ela mesma costumava reconhecer...

— ...porque a Zefa sabe fazer também excelentes compotas — Lara seguia

tagarelando — por isso temos compota de goiaba, leite fresco e queijos caseiros para o café da manhã, para o lanche da tarde...

E enquanto falava Lara se deteve e voltou-se para a mãe, sorriu-lhe francamente, como uma garotinha, as mãos cruzadas na frente do corpo, os dedos entrelaçados.

— Lara — disse Helena com um sorriso repleto de ternura —, Lara...

A filha parecia ter agora doze anos, o seu gesto fora o de uma menina, uma quase criança.

Pois Helena havia encontrado o rumo ainda em tempo de vê-la crescer. Ainda em tempo de reconquistar seu amor. E quando isso aconteceu, e foi tão simples e fácil porque o amor estava ali mesmo, preservado no coração puro e afetuoso da menina; quando isso aconteceu Helena reencontrou também uma espécie de paraíso, pequenino, muito particular, unicamente seu, e pela primeira vez em muito tempo sentiu-se plenamente feliz.

Então Zefa levou para a mesa o caldeirão com a sopa. Os pratos de ágate. O jarro com limonada. Os copos. As colheres. E regressou com a concha.

— A Mariinha vai almoçar na casa grande — disse. — Convite de dona Lara.

— Já é costume — observou o Gumerindo.

— Dona Lara é pessoa simples — disse a Zefa —, igual à falecida dona Suzana, não tem soberbia.

Para Zefa aquela era a chave da existência: que uma pessoa não tivesse soberbia, que pugnassem pela simplicidade, pois para ela o mundo tinha de ser simples, e com ele as pessoas. Lembrava-se, porém, de Helena, dona Helena “que andava de nariz em pé”, que não era como a filha e certamente desaprovava a presença da Mariinha no almoço da casa grande, fato que o Gumerindo fez questão de lembrar:

— Já é costume — repetiu —, mas quando dona Helena está seria melhor que não fosse. Dona Helena não é como a filha...

E a Zefa se deteve um momento à porta:

— Mariinha não é como nós — disse —, casou-se com um homem direito e de boa situação. E ano que vem vai continuar os estudos...

— Não é o que conta — retorquiu o Gumerindo —, mas a cor da pele.

Zefa sabia que o marido dizia a verdade. Mas reconhecia também que ultimamente dona Helena mostrara-se mais amável — quando fora mesmo? Fazia dois anos ou pouco mais que ela não aparecia, mas da última vez Helena chegara a entrar em sua casa e provar ali do seu café de caldo, seu típico café feito com caldo de cana, do qual não gostara por ser excessivamente doce, “eu às vezes tomo o café sem nenhum açúcar” havia dito à título de escusas.

Gumerindo suspirou.

— Nossa Mariinha é uma mulher — disse —, e parece que esse tempo todo durou não mais que um dia, ou dois...

— Nossa Mariinha é uma mulher, nosso Donato um homem...

— Um moleque, isto sim. Sem juízo nenhum.

— Ora, não comece com suas implicâncias.

— Sem juízo nenhum. Menos de um ano de caserna e já foi preso duas vezes por indisciplina.

— Coisa de moços.

— Não, coisa de gente sem responsabilidade. A vida militar não é brincadeira. O mesmo ensino que ele teve, a Mariinha teve, e veja a diferença entre os dois.

— Nosso Donato é um bom menino. Logo você vai ver que ele toma rumo na vida.

— Tem mulher que vale por muitos homens.

Assomou à porta de fora o vulto comprido e esguio do Donato. Tinha um ar petulante, e sem nada dizer foi sentar-se à mesa.

— Mãe, me traz uma faca.

— Não senhor — interpôs o pai —, o senhor trata de se levantar e apanhar a faca na cozinha. Sua mãe não é sua empregada. Aliás, não é preciso: não se toma sopa com faca, para isso basta a colher, e tem uma aí ao lado do prato.

— Tem carne na sopa, velho — disse o rapaz.

— Em pedaços pequenos — disse o Gumercindo com má cara. — E é bom aprender um pouco de respeito por seu pai, que há muita diferença entre nós.

— Está bom, pai, desculpa, não quis faltar com o respeito.

— Mas faltou. Agora se quiser uma faca, vá lá na cozinha e apanhe.

Donato se levantou com má vontade e foi até a cozinha, de onde trouxe um garfo e uma faca.

— Só quero ver se vai tomar sopa de garfo — observou o Gumercindo.

Donato sentou-se outra vez e serviu-se em silêncio.

— Aposto como a mana está lá — e indicou a casa grande com um movimento desdenhoso de cabeça.

— Sim — disse a Zefa —, ela e o marido foram almoçar com dona Lara. Como convidados.

— Convite que não foi extensivo ao senhor, diga-se de passagem — complementou o pai.

— Falta de vergonha — disse Donato com rancor. — Não conhece o lugar dela.

— O lugar dela é tanto aqui como lá — disse o Gumercindo com severidade. — É uma moça preparada, casou-se muito bem, e é amiga de dona Lara desde que se conheceram ainda crianças. Já você...

— Já vai implicar, não é, pai? O que tem eu?

— S'encaminha mal na vida, ou já se esqueceu de que foi preso duas vezes.

— Não cometi crime nenhum.

— Mas foi preso.

— O senhor sabe muito bem por quê.

— Não justifica.

— Gumerindo, Donato — a voz da Zefa, conciliadora.

— Deixa, mãe. Pai sabe por que eu fui preso: porque dei na cara de um colega de pelotão que me chamou de preto. Com descaso.

— E você não é preto? — disse o Gumerindo.

— Ele falou com descaso, com deboche.

— E da segunda vez? Ainda vai alegar que tinha razão?

Donato calou-se. Da segunda vez a coisa fora bem mais grave. Estivera preso por trinta dias, e continuaria preso por mais trinta... E nada justificava sua insubordinação: respondera com maus modos a um oficial que lhe corrigira a maneira desleixada de vestir-se e de prestar continência. Podia alegar que o oficial fora rude, “mas oficiais sempre são rudes com os novatos” dissera-lhe um colega mais antigo a título de advertência, é a maneira de fazerem compreender o que é hierarquia, “e pra ser franco” dissera-lhe o mesmo colega, “nem é o caso de serem rudes, mas de serem rígidos na disciplina”. Donato baixara a cabeça sem discutir, mas não aceitava aquele tipo de tratamento: o oficial o tratara com rudeza, humilhara-o perante a tropa, por isso dera-lhe uma má resposta, e quando ouviu o grito, acrescentou um palavrão, e quando foi tomado pelo braço deu-lhe na cara.

Quando viu estava na cela, e os comentários que lhe foram chegando eram primeiro que ficaria preso por sessenta dias, depois que seria expulso, que não haveria contemplação, que o coronel era um homem terrível e não admitiria que um de seus oficiais fosse desacatado por um novato e a coisa passasse “em brancas nuvens”.

Donato nada pretendia relatar aos pais, mas depois de muito pensar reconheceu que não seria conveniente esconder-lhes o ocorrido. Se fosse expulso, se chegasse em casa com essa notícia teria de explicar-se, e seria mais fácil se já lhes tivesse contado — a seu jeito — o que acontecera. Então escreveu-lhes uma carta.

Enfim, era hora de pôr-se à mesa, pois já passava do meio-dia e a própria Lara admitia estar faminta.

— Não que eu esteja habituada a almoçar cedo — explicou, de pé à cabeceira da mesa, enquanto os comensais ocupavam seus lugares —, no Rio nunca almoçamos antes de uma da tarde. Ernani, por exemplo — acrescentou, explicando que o marido nunca deixava o *atelier* antes desse horário, e como não lhe parecesse adequado almoçar sem que ele estivesse presente, acostumara-se a esperá-lo.

— Lara está certa — confirmou Ernani junto à outra cabeceira. — Eu costumo começar minha jornada às oito, mais raramente às oito e meia, e penso que interromper o trabalho às onze ou ao meio-dia atrasa-me, de forma que... — e suspendeu a frase, tanto porque já se fizera entender quanto por ter de ajudar a Sr^a Palmira a sentar-se, por causa das muletas.

Ernani, que preferia estar só, que não apreciava muitas pessoas à sua volta a não ser nos dias de *vernissage*, quando ele se tornava o centro das atenções, e que em sua casa no Rio preferia almoçar apenas na companhia da esposa e de algum raro convidado; Ernani, contudo, desta vez fazia a concessão de “aparecer”, isto é, de estar presente ao almoço com tantos convidados: o número de convivas, que em outras circunstâncias o aborreceria, desta vez — e para surpresa de Lara, que já esperava reclamações mais tarde — parecia não afetá-lo, e ele exibia “uma boa cara”.

Mas acabavam de entrar a Mariinha e seu marido Otávio, “perdoem o atraso” justificou-se a moça, “mas uns cuidados de última hora...”, e Lara sorriu-lhes, “não faz mal, sempre é tempo” disse.

— Estejam à vontade — acrescentou.

Otávio, na retaguarda, nada respondeu, apenas pendeu a cabeça ligeiramente num assentimento silencioso. Lara já se acostumara àquele tipo de poucas palavras, conquanto não fosse um caturra. Porém Helena, que se voltara à entrada da Mariinha, evitou fazer má cara, pois se não reprovava sistematicamente a ligação da filha com subalternos — fazia mesmo um esforço para compreender a amizade de Lara com a Mariinha, amizade de infância: lembra-se muito bem de como pareciam conhecer-se desde sempre quando as duas se encontraram pela primeira vez —, afinal estando ali tinha de lidar diretamente com eles, não achava conveniente que os filhos destes se pusessem à mesa como iguais numa ocasião em que os da casa recebiam convidados. Manteve-se portanto indiferente, simulou um sorriso e ocupou seu lugar à mesa com o aprumo que lhe era natural.

— Eu, para mim não tem hora — adiantou-se no entanto o homem das roupas escandalosas, Emílio Borges, que com seu pouco tato não esperou ser convidado: convidara-se a si mesmo e fora um dos primeiros a entrar. — Tantos são os afazeres — acrescentou — que há dias em que almoço à uma, outros às onze, ou até mesmo às dez e meia... depende do roteiro de trabalho... Às vezes nem almoço... Mas a senhora dona Lara decerto está sentindo o efeito dos ares da roça. É o que sempre digo: esses ares abrem o apetite.

Lara por um momento não respondeu, hesitou mesmo se devia dar alguma resposta pois não lhe passara despercebido que Emílio Borges se insinuava para ela de forma inconveniente, e não deixava de ser antipática a mania de falar de seus negócios, de suas atividades políticas, de suas propriedades, fazendo questão de sobressair-se como “homem rico”, ainda que provinciano (se bem que — dizia Lara com seus botões — pouco se lhe dá parecer ou não provinciano, talvez nem mesmo se dê conta disso ou do que isso representa). Porém reconsiderou e achou melhor não se mostrar deselegante, mesmo que responder-lhe a observação pudesse de alguma forma estimular sua queda por ela, e daí quem sabe chegasse mesmo a tornar-se desagradável. Em seu íntimo Lara não deixava de imaginar como seria ouvir daquele tipo uma proposta qualquer, um galan-

teio desajeitado que ele decerto julgaria oportuno: ao mesmo tempo que essa possibilidade lhe parecia um tanto repugnante, não deixava de despertar-lhe a curiosidade e até mesmo atizar-lhe a vaidade feminina. Tudo isso lhe passou pela cabeça num brevíssimo instante, por isso disse:

— Decerto, senhor Emílio, serão os ares — mas não pôde evitar uma certa mordacidade: — Embora eu já conheça bem a roça e os ares da roça não sejam nenhuma novidade para mim. Afinal venho para cá desde criança.

— Claro, claro — respondeu Emílio sem dar-se por achado —, eu, contudo... — e resolveu explicar, atropelando as palavras, que era do interior de Minas. — Rapazinho, porém, resolvi correr mundo, a senhora compreende... — mencionou por alto umas viagens, conhecera muito o interior sem, contudo, negligenciar os costumes citadinos — oh, sim, a senhora decerto compreende, homem novo, solteiro... e a cidade tem seus atrativos... a noite, por exemplo, o que vale na cidade é a noite... — deteve-se por um momento como se rememorasse sua juventude, achou por bem mudar de rumo e acrescentou que as coisas da mocidade haviam por fim cedido seu lugar às conveniências da idade: pois afinal já estava para completar seu trigésimo aniversário e o casamento começara a ser uma exigência da família; assim, pois, ali estava ele: havia cerca de vinte anos resolvera estabelecer-se comprando uma grande propriedade naquele lugar.

Todos permaneceram imóveis, encarando-o e esperando que terminasse sua arenga. Ao fim, pigarreou:

— Enfim, é isso...

— Bem, creio que podemos nos acomodar — disse Lara sem responder, e o almoço teve início.

— Ah, sim — exclamou Emílio Borges como algo que lhe ocorresse de última hora —, ouvi comentários de que a senhora foi retratada a óleo, dona Lara, e que o retrato será mostrado hoje à tarde — e sem mais cerimônias aboletou-se.

Todos os olhares foram para a anfitriã, pois era certo que muito se comentara durante a semana que Lara estava sendo retratada a óleo pelo jovem Luciano. Porém as maneiras diretas de Emílio chamavam atenção, e a alusão ao retrato não pareceu a propósito.

— Penso que quanto a isso... — e Lara hesitou um pouco, irritando-se consigo mesma por se sentir momentaneamente embaraçada com uma observação feita por “aquele tipo” — ...devemos deixar que o próprio artista, o Sr. Luciano, no momento oportuno... — e, para disfarçar, baixando a voz voltou-se para a Mariinha, que se sentara a sua esquerda: — Mariinha, e o Donato?

Mariinha respondeu à meia voz:

— Anda por aí — olhou para o marido, que não gostava do cunhado por sabê-lo um irresponsável e não fazia questão de esconder sua antipatia. Otávio, contudo, homem de poucas palavras, manteve-se indiferente e preferiu nada comentar. — Sumiu a manhã inteira, voltou há pouco.

Continuaram confabulando em voz baixa enquanto os demais se voltavam para Luciano e falavam de seu interesse no retrato de Lara.

— Essa história da dispensa — comentou Lara, pois o Donato fora punido com prisão disciplinar, decerto não receberia uma dispensa.

— Ele garantiu que veio com autorização — mas Mariinha não escondia um certo temor quanto ao que o irmão pudesse fazer.

— Eu não conheço o trabalho do Sr. Luciano — disse Ernani com um tom gélido que não passou despercebido. — O senhor estuda belas-artes, Sr. Luciano, ou é autodidata?

Luciano, que se sentara à direita de Lara, olhou-a com timidez e em seguida voltou-se para Ernani. Não se sentiu à vontade: interpelava-o um homem que ainda na véspera fizera uma exposição que mais uma vez o alçaria ao topo; um homem cujo nome era celebrado no mundo das artes como o de um mito vivo — e esse homem, esse mito, queria saber de sua formação.

— Não, senhor — respondeu —, eu não estudo belas-artes.

— Então é autodidata — apressou-se Ernani em dizer. Disse-o com alguma secura, como quem não admite contradição, mas ao mesmo tempo com uma indiferença que serviria para “botar esse garoto em seu devido lugar”, pois é certo que Ernani não acrescentara para si mesmo essa frase, isto é, não pensara claramente nesses termos, menos ainda o diria em voz alta, mas a intenção (ou Luciano estaria exagerando ao julgar a intenção de Ernani?) não seria outra.

— Fale-nos de sua vocação, meu jovem — pediu a Sr^a Palmira olhando Luciano com uma ternura de mãe. — Saiba que eu, na juventude, tive certos penhores para a arte, mas...

— Talvez não haja muito o que dizer, senhora — Luciano respondeu com um sorriso encantador, voltando-se para a Sr^a Palmira —, apenas gosto de desenhar... foi sempre assim, desde a infância... e na adolescência comecei a interessar-me também pela pintura.

— Ah...

— Como vê — Luciano concluiu —, não há nada de interessante...

— Mas há comentários de sobra acerca do retrato que fez — disse Virgínia com um afago no braço da mãe, cuja enfermidade a obrigava a ter com ela constantes atenções.

Luciano deu de ombros:

— Espero não decepcioná-los — disse baixando a voz e os olhos para o prato. — Eu não sou... enfim... eu não...

— Ou o senhor é ou não é, Sr. Luciano — atalhou Ernani com uma rudeza que lhe era natural em tais casos. De súbito aquele menino aparecia a sua frente como um desafiante, um concorrente, alguém que estivesse tentando afrontá-lo. Como é que alguém ousaria apresentar-se como pintor, estando ele, Ernani de Castro, presente?

Todos se calaram por um momento, pois a frase cortante de Ernani causara

um certo desconforto entre os presentes — exceto Emílio Borges, que não se deu conta de nada, só não comentando porque mordida uma coxa de frango e tinha a boca cheia.

A Sr^a Palmira, contudo, resolveu o problema falando de sua juventude e de seus pendores, reprimidos pelo pai, um homem austero e conservador que não admitiria que uma filha sua fosse artista.

— Papai não era um homem cordato — disse —, e tratou de casar-me mal completei dezoito anos.

— Mas a senhora submeteu-se, dona Palmira — exclamou Yolanda com verdadeira indignação, embora contendo-se para não se mostrar mal-educada. — Nunca deveria ter aceito tal imposição por parte do senhor seu pai.

— Eu era só uma menina, dona Yolanda — respondeu a enferma, que era a caçula da casa pois nascera em 48 e o pai, Gustavo Azevedo Pinto, quando a fez casar-se já era um homem de sessenta anos, não tão velho, porém já cheio de manias. — Além disso, nem minha mãe conseguia reagir à sua vontade férrea... a gente de fora, mesmo algum parente mais chegado, não ousaria contrapor-se...

— Deus do céu! — Yolanda não sabia o que dizer, e temia acabar exagerando, por isso meneou a cabeça sem acrescentar mais nada.

— Mas a senhora chegou a produzir alguma coisa? — Luciano quis saber.

Palmira fez um gesto de indefinição:

— Umas bobagens que não vale a pena recordar, uns quadrinhos insignificantes... talvez se eu tivesse sido estimulada... agradava-me misturar as tintas, ver as formas aparecendo na tela em branco, adquirindo volumes...

— Não se emocione, mamãe — disse-lhe Virgínia em voz baixa, curvando-se para ela —, a senhora bem sabe que deve evitar...

— Ora, minha filha, não faz mal... só estou lembrando... essas coisas já ficaram para trás... há tanto tempo...

— Eu nunca entendi bem a arte — disse Helena pela primeira vez. — Não me interessa por quadros... desculpem-me... não quero parecer insensível... principalmente tendo minha filha como marido um artista de renome... retratos ainda são alguma coisa, e paisagens, admito que aprecio retratos e paisagens, mas o resto... essas coisas incompreensíveis que são expostas hoje em dia nos museus...

Helena não conseguia esconder seu rancor contra Ernani, que não soubera fazer feliz sua filha — ainda que não reproduzisse sua própria experiência com os homens, pois Helena tivera envolvimento mas ali estava, só; nascera para amar mas o que resultara de suas expectativas? E assim sendo, como tolerar que sua única filha pudesse seguir seus passos? “Já basta uma infeliz na família” dizia consigo mesma nessas ocasiões. Sim, ela não era uma mulher sensível, talvez fosse prática demais para interessar-se por “essa história de quadros”, como costumava dizer, mas a principal razão de sua atitude seria o rancor que

Ernani lhe inspirava. De soslaio percebera certos olhares de Luciano na direção de Lara, “ái tem coisa” pensara com satisfação, pois mais cedo, quando haviam se encontrado no pomar, evitara mencionar-lhe o nome, mas não lhe restava dúvida sobre o interesse do rapaz por ela, “pois afinal Lara é uma mulher de trinta anos, mas que mocinha de dezoito ou vinte pode se comparar a ela? Quem tem um rosto assim?... E quem, a não ser o imbecil do marido, não se apaixona?”.

— Talvez a senhora não compreenda minha pintura, minha sogra — disse Ernani defendendo-se, porém sem baixar a guarda: mantinha-se distante e frio, falava sem exaltar-se. — Meu trabalho não é propriamente o que a senhora qualifica de “essas coisas incompreensíveis”. Pelo contrário, é perfeitamente compreensível, basta que se queira compreender. Com o que faço eu busco transcender a questão do abstrato e do figurativo, conceitos que já não se aplicam a um quadro meu, pois o que é o figurativo, eu pergunto, se não o abstrato virado pelo avesso? E o que é o abstrato se não a própria figuração vista no espelho? Nos dias atuais esses conceitos perderam sua força, e justamente para novos caminhos que vêm sendo trilhados por alguns, entre os quais eu sou um dos pioneiros, se não o pioneiro. Como, aliás, alguns pouquíssimos críticos, e mesmo assim entre os maiores, conseguiram entender, porque, saibam todos, isso de críticos... não é para falar mal, oh! não, longe de mim... mas isso de críticos, que gente obtusa, verdadeiramente obtusa!

Helena não respondeu de imediato. Parecia alheia enquanto mastigava devagar, os olhos sem fixar-se em nada nem em ninguém.

— Sou uma mulher prática — disse por fim sem olhar o genro. Falava para ele ou para os demais? — Talvez não tenha sensibilidade para a arte... Aliás, é certo que não tenho... ouço às vezes um pouco de música — deu de ombros —, e o mais... — fez uma pausa: — Mas a verdade é que quando olho para um quadro eu prefiro ver um rosto e saber que é um rosto, ou uma casa e saber que é uma casa... mas se eu olho para um quadro e os dois olhos do rosto estão no queixo e o nariz no alto da cabeça... francamente...

Nesse momento ouviu-se fora um tropel e vozes exaltadas:

— Não — dizia alguém —, corra! Não a deixe passar para a parte de baixo.

— É preciso fazê-la voltar para a estrada — respondeu uma voz aguda e áspera enquanto o ruído de passos rápidos, como de alguém que corresse, retumbasse bem próximo à varanda.

— O que estará acontecendo? — perguntou Mariinha alteando o busto, pois reconhecera na primeira voz a de seu pai.

— Não faço a mínima idéia — disse Lara olhando na direção da janela, através da qual, porém, não podia enxergar os amplos jardins laterais.

Ouviu-se então um mugido.

— Ela está aflita por ter-se perdido da cria — disse ainda a voz aguda. — Talvez tenha ficado no pasto.

— Vamos tocá-la para a estrada — disse a primeira voz.

— Ei, vocês aí, abram o portão para que ela possa sair.

— Mas final como ela terá entrado? — quis saber a primeira voz.

— Há um moirão quebrado mais acima, seu Gumercendo — disse alguém que falava pela primeira vez.

— Deve ser apenas uma vaca — comentou Helena com indiferença e a Títina apareceu no salão:

— Dona Lara, uma vaca entrou no jardim, mas já a puseram para fora. Estou avisando para o caso de alguém sair... que já não há perigo...

E o incidente parecia ter chegado ao fim, as vozes agora se distanciavam e o tropel já se fora. Ouviu-se um novo mugido ao longe, decerto do outro lado da estrada, e depois mais nada.

A Sr^a Palmira, que não chegara a alarmar-se com a correria e as vozes, corta agora a carne em pedacinhos pequenos em seu prato e Virgínia, tendo tomado um pouco de vinho, pousa a taça mas continua segurando-a com os dedos frouxos, como se por um momento se distraísse com algum pensamento, uma lembrança qualquer que a absorvia.

— Mas a senhora dizia — Yolanda retoma a conversa — que lhe agradam paisagens.

— Ah, sim... paisagens... e retratos... não que eu conheça, entenda que eu não... O que eu quero dizer é que não conheço muita coisa, além do que nunca tive grande interesse... Não nego, porém, que estou curiosa para ver o retrato que este jovem fez de minha filha.

— Espero que não a desagrade, dona Helena — disse Luciano com certa timidez, e após um instante acrescentou: — Caso a senhora aprove o quadro, então terei certeza de não ter trabalhado em vão.

— Eu vou lhes dizer uma coisa — disse Helena olhando em volta e fazendo uma pausa —, uma coisa que... — suspirou, baixou os olhos, ergueu-os de novo e, com solenidade: — Minha filha Lara é dona de uma beleza incomum...

— Mamãe! — exclamou Lara contrafeita com aquele elogio inesperado e, a seu ver, inoportuno.

— Ora, filha, é uma coisa visível, não é?

— A senhora tem toda razão, dona Helena — apoiou Emílio Borges com um gesto largo e maneiras antiquadas —, nossa anfitriã, sem dúvida... com todo o respeito, está visto... sim, com todo o respeito...

Mas foi interrompido por Helena, que prosseguiu como se ele não tivesse dito nada:

— Como dizia, Lara possui uma beleza incomum que merece ser preservada. Um retrato, um bom retrato não é mais do que fazer justiça a essa beleza. Não que a fotografia... bem, a beleza de minha filha já foi fotografada muitas vezes... e por grandes fotógrafos, é preciso que se diga... Saibam mesmo que

eu tenho um *hobby*, e que o meu *hobby* é colecionar os artigos de revistas em que Lara aparece bem fotografada...

— Mamãe! — e Lara parecia divertidamente escandalizada. — A senhora nunca me falou disso!

— Ora, Lara, não falei porque... porque... bem, porque não houve oportunidade, é isso! Mas o fato é que esse é meu *hobby*, e quando estivermos no Rio vou lhe mostrar os álbuns que fiz... Sim — e de novo Helena voltava-se para os convivas —, eu tenho diversos álbuns onde preservo esses registros... como aquele da Vogue, no ano passado... Lara ocupou nada menos que dez páginas da Vogue...

— O que ela deve um tanto a mim, minha sogra, lembre-se de que meu nome é citado e eu também apareço...

— Sim, meu genro, o senhor também aparece, uma foto de meia página ao lado de Lara no começo da matéria, e só. Todo o resto foi dedicado a valorizar o rosto de sua mulher, mas o senhor parece que se mantém insensível...

— Mamãe! — Lara põe-se rubra. — Por favor, vocês dois!... Temos convidados!

— Mas é verdade, Lara, ou não é? — e encara a filha com seriedade. — É verdade! Senhores... é isso... Eu coleciono em álbuns tudo que sai na imprensa sobre a beleza de minha filha... Mas eu penso que a pintura a óleo... não que eu seja uma conhecedora, volto a dizer... penso contudo na tradição... as grandes damas do passado eram retratadas a óleo... está visto, por ainda não existir a fotografia... o que, no entanto, tornou-se uma tradição, criou a tradição, melhor dizendo — Helena olha em volta com um meio sorriso: — Portanto, senhor Luciano, essa foi uma grande responsabilidade que o senhor assumiu: registrar a beleza de Lara.

Luciano suspirou:

— Sim... por tudo que acaba de dizer, vejo que sim... e, mais uma vez, espero não desapontá-los.

— Enfim — Lara, para disfarçar a atrapalhão em que a mãe a deixava, achou por bem manifestar-se —, conhecendo o talento do nosso hóspede como eu conheço, estou certa de que ninguém sairá desapontado...

— Boa notícia, minha senhora — exclamou Emílio Borges ensaiando um aplauso com um entusiasmo despropositado. — Atiça-nos a curiosidade!

— ...pois eu acompanhei o desenvolvimento do quadro e posso garantir...

— ...principalmente — Helena continuou com azedume — porque meu genro parece nunca ter prestado atenção a essa beleza.

— Mamãe!... Por favor!...

— A verdade tem de ser dita, Lara! — e para Ernani: — Quando foi, meu genro, que o senhor se propôs pintar um retrato de sua esposa? Você não é pintor?

Todos olharam para Ernani, que em vez de embarçar-se sorriu, levando à boca com tranquilidade um naco de carne espetado no garfo.

— Talvez eu não tenha me inspirado para isso — respondeu como quem de tudo sabe. — A arte não se faz assim, do simples querer: quero fazer isso, então está feito. Há todo um processo que a senhora certamente ignora, já que não é artista e nem se interessa pelo assunto.

— Certamente que eu não sou artista, e compreendo quando você diz que arte não se faz assim, do pé para a mão. Sei que existe *todo um processo*, como você diz. Mas o que me espanta é você admitir que nunca se sentiu inspirado com a beleza de Lara. Por que se casou com ela então?

— Jesus, mamãe! A senhora está me deixando envergonhada!

— Deixe de bobagens, Lara. Eu reconheço que você é uma mulher bela, e me orgulho disso. Se eu tenho algum motivo de satisfação na vida é o de ser sua mãe. Já o senhor, Sr. Ernani — e voltou-se para o genro — ...afinal, que homem que se orgulha da mulher a deixa largada num canto, feito um traste de luxo mas assim mesmo um traste, como você faz nas suas exposições ou onde mais se torne o centro das atenções?

— Pelo amor de Deus, mamãe! — exclamou Lara pondo-se escarlate de vergonha e não acreditando que a mãe estivesse disposta a atacar Ernani daquele jeito, durante o almoço e na frente de todos.

— A senhora se torna inconveniente, minha sogra — disse Ernani sem perder a calma e com um sutil sorriso de ironia. — Nossos convidados decerto não estão dispostos...

— A conhecê-lo, meu genro? Decerto, isso só estragaria a digestão — e para os convivas: — Eu peço que me desculpem esse pequeno desabafo... é que uma mãe às vezes se cansa... bem, enfim...

— Todos a desculpam, minha sogra — disse Ernani afetando um ar de fina ironia —, todos a compreendem perfeitamente bem, pois afinal a sua única alegria na vida...

— Ernani — interveio Lara —, por favor você também...

— Ora, Lara, sua mãe está me atacando, eu só me defendo.

Por alguns instantes fez-se um incômodo silêncio ao redor da mesa. Os convivas ocuparam-se em servir-se de um pouco mais de carne ou de salada, em comer, em disfarçar seu embaraço.

Helena não se deu por achada e continuou comendo com tranqüila indiferença. A Virgínia ocorreu recordar quando havia conhecido Lara, dois ou três anos depois de seus avós terem comprado a casa, “éramos adolescentes, umas meninas”.

Pois Virgínia tinha quase a mesma idade de Lara, seria dois anos mais nova se tanto, e ainda se recorda daquela tarde em que saíra para cavalgar e deparou com uma outra jovem amazona à beira da estrada, que parecia distraída diante da paisagem. Virgínia detivera seu cavalo e dirigira à outra um sorriso: fora também fígada pela beleza da garota.

Desde então se haviam feito amigas, se bem que não se vissem com frequên-

cia, pois Virgínia era sócia numa pequena empresa de turismo em Petrópolis e só vinha à fazenda nas férias ou em algum raro final de semana.

— Sim — confirmou Lara —, quando nos conhecemos fazia uns três anos que vovô havia comprado esta casa.

— Oh, quanto cavalgamos naquela tarde — disse Virgínia.

— A senhorita gosta de cavalgar, senhorita Virgínia? — Emílio Borges quis saber. — Se lhe agrada, tenho em minha propriedade excelentes pôneis, que deixo à sua disposição.

— Agradecida, senhor Emílio — respondeu Virgínia, que não sabia ser irônica conquanto não lhe passasse despercebido que aquele homem era um galanteador canhestro. — Admito que ficaria feliz em cavalgar em sua propriedade.

— Pois está à disposição, senhorita, quando quiser. E também a senhora, dona Palmira. É só mandar avisar, para que encontrem tudo preparado.

— Com certeza, senhor Emílio — tornou Virgínia.

— Você me referiu certa vez que a antiga proprietária desta casa chamava-se Dora, Helena — disse a Sr^a Palmira.

— Sim — Helena confirmou —, Dora... uma dessas senhoras à antiga, sabem?, empertigada, altiva, mas muito simpática.

— Hum — a Sr^a Palmira moveu a cabeça —, lembro-me desse nome... Dora... creio que não cheguei a mencionar isso antes...

— Conheceu-a, dona Palmira? — quis saber Emílio Borges de forma intempestiva.

— O senhor por acaso ouviu falar dela, Sr. Emílio? — perguntou a Sr^a Palmira.

— Não, está visto que não... mas pelo modo como se referiu a essa pessoa, imaginei que...

A Sr^a Palmira voltou-se para Helena:

— Oh, Helena, que coisa... não quero repetir-me, por isso lhe pergunto: eu já lhes falei disso antes?

— Não que eu me lembre, Palmira — Helena respondeu.

— Dora... eu creio que teria sido... sim, com certeza...

— Quem, mamãe?

— Parece-me... mas é um caso que eu ouvi de minha mãe certa ocasião... Meu pai quando bem moço teria cortejado uma jovem desta casa... a jovem chamava-se Dora... deve ser a mesma...

— É possível — disse Helena —, pois essa senhora descendia da família que residira nesta casa, aliás uma família muito antiga.

— Papai ter-se-ia apaixonado por essa jovem — continuou a Sr^a Palmira —, mas segundo mamãe ela fora um tanto rude com ele...

— Parece-me que ela era mesmo bastante impetuosa — continuou Helena —, uma mulher decidida. Mas a senhora talvez tenha ouvido seu nome associado também à música...

— À música? — a Sr^a Palmira franze a testa.

— Sim — Helena confirma —, à música de concerto. Dora era uma pianista de sucesso, diz-se ter dado concertos até mesmo no *Carnegie Hall*.

— Oh, então talvez seja isso, embora eu não tenha freqüentado concertos em minha mocidade.

— Mas — disse Emílio Borges — a senhora disse que essa moça rejeitara seu pai na juventude...

— Sim, senhor Emílio, meu pai chegou a propor-lhe casamento, porém...

— Mas... não entendo... aquela não era uma época em que os pais impunham sua vontade aos filhos, principalmente às filhas? É estranho como uma jovem daquela época pudesse...

— E fez ela muito bem, Sr. Emílio — disse Yolanda apurando-se. — Claro que — e voltou-se para a Sr^a Palmira em tom conciliador —... a senhora entende, não é? Eu nada teria para dizer contra o seu pai, até mesmo porque não o conheci. O que eu quero dizer é que a mulher deve sempre impor-se em questões de sentimento... principalmente em questões de sentimento, afinal é ela quem vai se casar, não o pai ou a mãe, mas ela... e se a essa moça, Dora, não é?, o noivo escolhido pelo pai não agradava...

— É verdade que papai era um homem galante — disse a Sr^a Palmira, que vira alguns retratos seus de juventude. — Mamãe conhecia bem a história porque papai, antes de casar-se, abriu-se com ela... referiu que havia se apaixonado por outra mulher, a quem pretendia desposar mas que fora rejeitado de forma escandalosa. Chamava-se Dora, e ele ainda não a havia esquecido, mesmo depois de tudo... Mamãe apreciou a honestidade do noivo e o aceitou assim mesmo, e acabaram sendo felizes a seu modo...

— Mas teria acontecido alguma coisa de grave, senhora? — Emílio Borges perguntou com sua natural falta de tato. A Sr^a Palmira, contudo, não se incomodava com as maneiras do fazendeiro, já o conhecia desde muitos anos e não se espantava com seu jeito.

— Oh, sim, uma história lamentável... num outro dia, talvez...

— Mas, senhora — insistiu Emílio Borges —, deixa-nos a todos curiosos e depois se cala!

— Oh, senhor Emílio, perdoe-me — respondeu a Sr^a Palmira —, mas é que são casos de família muito... delicados... o senhor compreende...

— Não, está visto que sendo assim — e Emílio quis parecer um homem “de sociedade”, moveu as mãos num gesto incisivo —, claro que sendo assim... porém talvez eu pudesse referir alguma coisa da minha própria vida... se for de interesse...

— Sim — respondeu Ernani entre sério e divertido, pois o homem, apesar de sua falta de traquejo social, tinha uma certa graça rude. Ocorria a Ernani que justamente essa rudeza conferia-lhe um quê de interesse, por isso achou que talvez devesse deixá-lo falar: — Conte-nos o que quiser, Sr. Emí-

lio... a menos que alguém se oponha... a senhora minha sogra, por exemplo...

— Creio que ninguém se opõe, meu genro — respondeu Helena com um azedume disfarçado. Verdade é que lhe enfadava a voz de Emílio Borges (ainda que não possuísse um timbre desagradável, seria talvez seu jeito, seus modos), e para si mesma não podia esconder que a presença da Mariinha também não a deixava muito à vontade, “uma negra, afinal de contas”, mas sabia o quanto sua filha sempre fora amiga da filha dos caseiros, “desde que viemos... desde o primeiro dia se juntaram” ela se lembra com uma irritação que por nada deixaria transparecer. E por que a Mariinha tinha ainda de trazer o marido, um tipo calado e antipático que ali estava todo aquele tempo sem dizer um “a”? “Outro negro. Às vezes penso que minha filha não tem mesmo jeito” e vigiou Lara de relance, que não se mostrava agastada com a presença de Emílio Borges a devorá-la com os olhos; pelo menos Lara não o demonstrava, e embora a pessoa do fazendeiro devesse parecer-lhe maçante, mantinha-se alheia, superior, evitando qualquer aproximação com seu jeito tranqüilo e de uma delicadeza glacial. Helena admirava de verdade aquela mulher linda, feito uma menina, e mesmo que reprovasse nela “certas concessões” não podia deixar de reconhecer o quanto sua filha se impunha em sua vida.

Entrementes Emílio Borges discorria:

— ...pois éramos três irmãos — dizia, depois de ter explicado que nascera de uma família abastada no interior de Minas, entrando em minudências que, ao falar de si no momento em se punham à mesa, havia deixado de lado. — Eu era o mais novo, e tinha dezenove anos quando me decidi a viajar — e explicou que tal decisão causara surpresa aos pais, que contavam vê-lo seguir as pegadas dos irmãos — Meus irmãos haviam se casado cedo e já cuidavam de suas vidas como pessoas independentes — esclareceu. — Minha irmã, por exemplo, casou-se aos dezenove e o mais velho aos vinte. Já haviam dado netos aos nossos pais, mas tal idéia nem passava pela minha cabeça: pedi licença ao velho e parti. Está claro que com proventos próprios, nada requeri deles além de uma licença concedida contra sua vontade, pois eu trabalhava desde praticamente criança e acumulara recursos — fez uma pausa após falar nos recursos de que se valeria para sair de casa, como se fosse revelar o montante, mas não chegou a tal extremo e passou a discorrer em amplas pinceladas sobre as viagens que fez. — Mas eu não me preocupava apenas em divertir-me, folgo em dizer que minhas andanças tinham também um fim educativo, pois não apenas conheci melhor nossa terra, nossa gente, como também nossas riquezas, e me dei conta de que a pecuária seria o futuro — e fez parêntesis para ressaltar a importância da pecuária na economia do país, economia da qual ele queria participar — ainda que como um modesto proprietário rural com rebanhos pouco numerosos. Sim, senhor — e suspirou —, aprendi tudo que havia para aprender... Então voltei para casa.

Emílio fez uma pausa longa enquanto se concentrava em trincar uma asa de peru assado.

— E foi só, Sr. Emílio? — e estas foram as primeiras palavras de Otávio, que se mantivera atento à narrativa de Emílio.

— Oh, não — disse, imobilizando as mãos que seguravam a faca e o garfo. — Não... se fosse contar tudo... mas não... Quando retornei depois de alguns anos de ausência...

Yolanda curvara-se para cochichar alguma coisa com Virgínia, decerto algo relacionado à “sua missão”, pois não lhe escapava que na Fazenda Arcoverde havia mulheres que careciam de esclarecimento, que não se entendiam como pessoas participantes, que talvez nem sequer julgassem que podiam ter alguma voz na ordem geral das coisas. “Essas pobres mulheres” murmurou ainda curvando-se para Virgínia, que lhe sorriu com simpatia, fazendo que sim com a cabeça.

Mas o domingo já ia a meio, não seria desta vez que iria até lá, “numa outra ocasião, com certeza” disse, e seu olhar encontrou-se com o da Sra Palmira, que também conhecia, ainda que por alto, a “missão” da professora aposentada.

— ...mas naquela altura a família se encontrava bastante desestabilizada — prosseguia Emílio —, pois com a separação de minha irmã... enfim, os senhores compreendem, era uma família tradicional, ainda que de uma cidade interiorana... mas com lastros na capital — pois os pais de Emílio eram pessoas ilustradas e o pai, conquanto nunca tivesse tido pretensões políticas, não deixava de ter amizades entre membros do primeiro escalão. — Frequentavam a sociedade, tinham um nome a zelar, e então minha irmã faz aquela enormidade...

— Mas a que enormidade o senhor se refere, Sr. Emílio? — quis saber Yolanda.

— Pois então, minha senhora, separar-se, desfazer o casamento... isso, numa família tradicional... de bom nome...

— E por que ela tomou tal atitude? — insistiu Yolanda.

— Bem, minha irmã na verdade era uma pessoa esquentada... precipitou-se ao saber de umas aventurazinhas inconseqüentes do marido... coisa de pouca monta, porém...

— Pois a mim me parece que sua irmã agiu com muita correção — disse Yolanda.

— Não posso concordar, senhora, pois afinal o que estava em jogo...

— O que estava em jogo, Sr. Emílio — interrompeu-o Yolanda, sempre disposta a defender as mulheres —, era a felicidade de sua irmã. Eu penso que ela não estava disposta a ser traída e aceitar isso com naturalidade. E fez muito bem em não aceitar. E lhe digo mais: ela deveria ter feito o mesmo. Sim! Antes de pedir a separação, deveria ter arranjado uns dois ou três amantes, tantos em número quantas foram as aventuras do marido.

— Mas... senhora... o que é isso!... Saiba que a atitude de minha irmã trouxe conseqüências... meus pais, por exemplo... meu irmão mais velho...

— Senhor Emílio — e Yolanda fazia um gesto imperioso com as mãos. — Senhor Emílio, por favor! Por favor!

E agora Yolanda tornava-se o centro das atenções, todos os olhares iam dela para Emílio Borges, de Emílio Borges para ela:

— O que é que o senhor entende por “coisa de pouca monta”? Decerto o seu cunhado freqüentava prostíbulos, sim, pois isso é coisa de pouca monta, afinal o que valem aquelas pobres mulheres...?

— Pobres mulheres! — Emílio Borges parecia escandalizado.

— ...ou então tinha amantes, não talvez de maneira ostensiva, mas decerto com casa posta, e serviçais, e muito luxo, pois seu cunhado seria um homem de posses, como o senhor mesmo faz questão de ressaltar: que a sua família era uma família de posses!

— Sim — gaguejou Emílio Borges, que com seu “sim” confirmava as poses da família, não o comportamento do cunhado, o que não foi bem compreendido por Yolanda —, sim, mas...

— Pois então pronto! — exclama Yolanda. — Já vê o senhor que a coisa não era de tão pouca monta assim. E ainda que fosse, ainda que ele tivesse tido uma única amante, e por uma única vez... Se fosse a sua irmã a proceder dessa forma, “de pouca monta” como o senhor diz, e ele viesse a saber...

— Mas senhora...! — começou Emílio Borges, porém Yolanda não lhe deu trégua:

— O que o senhor não entende, senhor Emílio, é que não foi a atitude de sua irmã que trouxe essas conseqüências a que alude...

— Como não, senhora dona Yolanda?! Como não?!

— A atitude de sua irmã foi, isto sim, conseqüência da falta de vergonha do marido. Como pode o senhor ficar contra a sua irmã e a favor de seu cunhado, se foi ele a agir erradamente primeiro?

— Bem, bem — interveio Lara, contempORIZANDO —, vamos deixar de lado essa questão de quem é o culpado e quem o inocente. O fato é que a irmã do Sr. Emílio separou-se e procurou seu próprio caminho e sua felicidade, e pronto. O resto não interessa.

Lara pretendia que com esse “o resto não interessa” ficasse claro que a história de Emílio Borges decerto também não interessava mais, mas Emílio não compreendeu e retomou a narrativa.

— Sim, deixemos de lado essa questão... A verdade é que eu estava prestes a completar trinta anos e daí a dois meses me casaria com uma excelente jovem, muito do gosto dos meus pais...

— Era do seu gosto também, Sr. Emílio? — perguntou Yolanda.

— Mas claro, dona Yolanda, e por que não seria? Do lar, prendada, não sabia o piano, embora tivesse tido professores particulares... desinteresse, tal-

vez... mas em compensação tinha mãos de ouro para a costura e o bordado... além do mais fazia uns quitutes!... Só vendo!... Não que fosse bonita, lá isso... teria talvez algum encanto, mas bonita não era... um pouco gordota, conquanto muito educada... Porém de uma família excelente, pessoas notáveis, de muitas posses e posição social elevada, enfim, era a mulher que traria o equilíbrio pelo qual meus pobres pais ansiavam...

— Então o senhor media o seu gosto pela moça de acordo com as prendas domésticas que ela demonstrava possuir — disse Yolanda com uma cara azeda. — Não era bonita, não tocava piano, mas se soubesse esfregar o chão da cozinha estaria bem...

— Eu não disse isso, dona Yolanda! — exclamou Emílio Borges, confuso.

— Mas foi só o que faltou dizer, Sr. Emílio. Em nenhum momento o senhor disse que estava apaixonado por ela, que havia amor entre vocês. O senhor mencionou apenas as conveniências de família.

— Yolanda, querida — disse Lara num tom de suave censura, novamente evitando um confronto. A professora aposentada aquietou-se a contragosto, deixando que o fazendeiro prosseguisse.

— Eu entendo a senhora, dona Yolanda — disse Emílio Borges olhando em volta —, uma pessoa romântica, por certo... Mas nas circunstâncias em que estávamos... e além do mais eu não estava apaixonado... por ninguém, entendam... por isso uma ligação como a minha com a jovem Rosana... pois este era o nome dela...

— Mas, senhor Emílio — disse a Sr^a Palmira —, talvez uma ligação movida apenas pelas conveniências... e nos tempos que correm...

— Compreendo perfeitamente, senhora... hoje eu certamente pensaria mais nas questões do amor — e de propósito, correndo os olhos pelos circunstantes, tardou um pouco encarando Lara, que lhe sustentou o olhar com frieza e indiferença —, mas então... pois faz quase vinte anos, e... — baixou a cabeça, concentrando-se, e franziu a testa. — Meu irmão mais velho não quis envolver-se no caso de minha irmã, lavou as mãos, como se diz, mesmo vendo o embaraço em que ficavam nossos pais...

— Mas e sua irmã, senhor Emílio — tornou a Sr^a Palmira.

— Minha irmã? Ora... — Emílio moveu desajeitadamente as mãos. — Fez o que fez, estava decidida, apesar dos rogos de mamãe... hoje vive em São Paulo, dirige seus próprios negócios, não temos muito contato, eu e ela... sempre ficaram ressentimentos...

— Um absurdo isso — diz Yolanda em voz baixa, como que para si mesma —, afinal ela tinha toda razão em dar o rumo que julgasse mais conveniente à sua vida.

Fez uma pausa, e concluiu:

— A vida era dela, afinal de contas.

— Mas, Sr. Emílio, o senhor por fim casou-se — disse Ernani.

— Sim, foi uma grande festa... muitos convidados importantes... até mesmo o governador compareceu, pois haviam sido colegas de faculdade ele e papai... Sim, foi um dia memorável... Eu e minha mulher tivemos uma lua-de-mel curta em Buenos Aires e quando voltamos viemos direto para cá... Fazia poucos meses que eu havia adquirido a Magnólia...

— Pelo menos a sua esposa estava feliz com esse casamento arranjado, Sr. Emílio? — perguntou Yolanda, que não se continha.

— Ora, e por que não haveria de estar? Amava-me, disso estou certo, pois Rosana era uma mulher sensível...

(Yolanda o olhou com assombro, perguntando-se como uma mulher sensível poderia amar um tipo como aquele, e o mais engraçado fora o modo como ele havia dito aquilo: parecia querer dizer que a pobre Rosana o amava justamente por ser uma mulher sensível, “sensível o suficiente para descobrir as grandes qualidades desse biltre?”)

— ...mas... enfim... — e agora o biltre parecia com efeito comovido, pois via-se que seus olhos se punham vermelhos: — Rosana e eu estivemos casados por pouco tempo... pois veio a enfermidade, e... — baixou a cabeça — ...antes de completarmos seis anos de matrimônio... não houve tratamento que desse jeito, e até fora do Brasil procuramos recursos médicos...

E agora o biltre olhava os convivas um por um, e já não se detinha em Lara que, a contragosto, sentiu-se penalizada.

— No fim das contas, dona Yolanda — disse o biltre —, a morte de Rosana abalou-me... e ainda hoje, sabem?... — suspirou. — Faz-me falta, muita falta...

(Yolanda, que parecia disposta a não ceder, pensou “talvez façam-lhe falta os quitutes que ela fazia”, não obstante calou-se.)

— Lamentamos sua perda, Sr. Emílio — disse Otávio —, vemos que ainda se sente afetado por ela.

— Oh, sem dúvida, Sr. Otávio... apesar de eu não ter estado apaixonado por Rosana... e de ver nela apenas as prendas domésticas, conforme o julgamento da senhora dona Yolanda... ligava-me a ela uma afeição extremada... pois a verdade é que laços se criam num casamento... se fortalecem...

Calou-se por dois ou três segundos:

— Ficou dela, contudo, uma lembrança... um rebento... Pois Rosana deu-me um filho... um belo menino, agora com dezessete anos... Mas desde estão eu... enfim... não voltei a comprometer-me...

Yolanda por fim baixou a cabeça embaraçada e comeu em silêncio. Não podia esperar que “um tipo como aquele” pudesse... “pudesse... ora essa, pudesse ter esse tipo sentimento” e se sentiu deveras contrariada.

Mas Virgínia salvou a situação:

— Eu penso que nem sempre o amor é o suficiente ou o necessário para que um casamento dê certo.

— É possível — concordou Lara.

— Às vezes, contudo — Helena disse —, o amor é tão absurdo quando liga duas pessoas muito diferentes, que não chega a justificar uma união.

Ernani imaginou se a sogra estaria se referindo a ele e Lara, mas preferiu não dizer nada. Lara, por sua vez, tampouco respondeu a provocação da mãe, mas em seu silêncio duvidava do amor de Ernani (num relance de olhos fitou-lhe a face, mesmo receando ser percebida, o que não chegou a acontecer), e quanto ao seu, se existiu algum dia, estava tão ressequido, tão apagado que a deixava assustada pensar nele.

— Eu não tive vontade de casar-me — continuou Virgínia. — Não por enquanto. Temo deixar mamãe...

— Ora, filha — disse a Sr^a Palmira —, você sabe como eu gostaria de vê-la casada... bem casada, claro, não de forma irresponsável... e afinal você não teria de deixar-me.

— Talvez não, mamãe, mas meu coração não está propenso, pelo menos por enquanto, ao amor.

— Entregue-se ao amor, senhorita Virgínia — disse Yolanda, feliz por poder desfazer a má impressão que havia deixado, mas ao mesmo tempo não muito certa de o conseguir. — Que mais pode justificar a vida?

— Talvez, dona Yolanda, é mesmo certo que... no entanto...

— Não, não digo que se apresse, que seja afoita, que não reflita, pode ser que o amor, do jeito que é, do jeito como o conhecemos, não combine muito com a reflexão, mas... De qualquer forma, não se deve passar a vida sem conhecer o amor, o verdadeiro amor.

— A senhora conheceu o verdadeiro amor, dona Yolanda? — Ernani perguntou, encarando Yolanda com franqueza, até mesmo com certa rudeza.

Yolanda imobilizou-se, olhou Ernani por um momento como se estivesse diante de um oráculo: seria ele capaz de devassar seu pensamento? De conhecer seu segredo? Afinal Yolanda era uma mulher que jamais se casara, deixara longe sua juventude e, se algum dia tivera algum atrativo físico, não restara dele o menor vestígio; dedicava-se à causa feminina com uma paixão que se podia dizer substituíra qualquer sentimento carnal (essa a impressão de ouvi-la falar de sua "missão"). Yolanda perguntou-se naquele instante se Ernani estaria mofando dela; tentando penetrar-lhe as intenções nada vislumbrou além de sua expressão rígida, "uma rocha de indiferença" pensou, e concluiu que talvez ele perguntasse apenas para provocar-lhe uma confissão, mas sem intenção de escárnio.

No entanto, o que poderia responder? O que teria para falar do amor naquele momento?

— Senhor Ernani — começou então —, esteja certo de que ninguém passa a vida sem, pelo menos uma vez, experimentar esse sentimento.

— Então a senhora conheceu o amor? — Ernani insiste.

— E o senhor não?

Ernani não se perturbou. Esperaria por tal resposta? Talvez não, mas ainda assim não titubeou:

— Eu me casei por amor, senhora.

Os olhares agora se voltaram todos para ele, e mesmo Helena não evitou um movimento de cabeça que lhe denunciava o espanto — pois para ela tal afirmação partindo de seu genro, conquanto não parecesse artificial na forma como fora dita, apesar da presteza e inteira segurança com que Ernani respondera a Yolanda, não seria verdadeira. “Não” pensa Helena, “isso não é verdade, não pode ser verdade”.

Lara teve um instante de hesitação, lembrou-se do que havia escrito em seu caderno pela manhã e de tudo mais, e se sentiu confusa. Em que momento Ernani lhe demonstrara seu amor? Não saberia dizê-lo: lembrava-se de seus primeiros tempos, o namoro e logo em seguida o noivado — Lara não duvidava de si mesma, sentira no início, e mesmo nos primeiros anos de casada, uma certa admiração pelo marido, por sua personalidade estranha, por sua aura de artista reverenciado nesse meio exótico que ela mal penetrara, feito uma visitante que não compreende o que vê; não podia negar que então se sentira envolvida por aquele homem ácido e distante, e que se casara movida por esse sentimento cujo nome ela não conhecia ao certo, sentimento que persistira, apesar de tudo... mas por quanto tempo? Verdade é que depois de um certo tempo a convivência entre ambos tornara-se apenas *pro forma*, e mesmo quando se tocavam tudo não passava de um faz-de-conta após o qual pairava entre ambos um incômodo “por quê?”. Lara não se deixava molestar por essa indagação que se recolhia ao um nicho obscuro de seu cotidiano: era uma mulher casada, e isso devia bastar.

“Mas...”

Durante aquela semana, porém, alguma coisa havia despertado dentro de si. Agora, olhando firmemente o marido, que acabara de pronunciar com segurança uma frase que deveria soar falsamente em sua boca mas não soava, Lara sentiu uma ponta de remorso e se questionou, de olhos baixos, servindo-se em silêncio de um pouco mais de vinho, o que havia de verdadeiro nas palavras escritas em seu caderno... A presença de Luciano tornava-se subitamente incômoda e fez com que por um instante contemplasse sua face juvenil, mas desviou o olhar em seguida temendo ser surpreendida por ele, ou mesmo ser percebida por qualquer dos convivas, ainda que dentre os presentes somente sua mãe talvez desconfiasse de alguma coisa...

“Deus do céu... no que foi que estive pensando?”

Tudo fora, contudo, momentâneo: num instante Ernani dissera aquela frase e Yolanda, sem esperar, havia respondido que “sim, Sr. Ernani, não podia ser diferente, é como eu disse: todos são capazes de experimentar esse sentimento, pelo menos uma vez na vida”.

— O amor é apenas química — disse o silencioso Otávio para surpresa de todos. — Infelizmente a fisiologia pode ser inteiramente explicada pela Química.

Mariinha sorriu baixando os olhos, acostumada às idéias do marido bacharel em Química, e Helena, que não se conformava com essa mania de sua filha admitir “essas pessoas” à mesa, não se surpreendeu menos que os outros, talvez até mais que todos, pois sempre julgara Otávio (vira-o duas ou três vezes se tanto, e nada sabia de sua vida) um paspalho.

— Mesmo o sentimento do belo diante da arte? — perguntou timidamente Luciano.

— Mesmo a fé em Deus, Sr. Otávio? — perguntou a Sr^a Palmira.

— Sim, é o que penso, mas não há nada de estranho nisso. É do que somos feitos, de processos físico-químicos, não podia ser diferente.

— Então para o senhor não existe uma alma, ou um espírito? — comentou Yolanda.

— Penso que não, minha senhora. Não existe alma, nem espírito, nem nada similar. É tudo matéria.

— Não reparem — disse a Mariinha —, meu marido é muito quieto, mas quando diz alguma coisa é para provocar celeuma.

— Ora, minha querida — contrapôs Otávio —, não foi essa minha intenção — e para os demais: — Desculpem se não foi conveniente...

— Que nada, seu Otávio — disse Emílio Borges —, cada qual com seu modo de entender as coisas.

— Sim — disse a Sr^a Palmira —, não há do que se desculpar, mas... bem, é que eu sempre tive na fé em Deus... — e a velha senhora olhou em volta sem saber ao certo como prosseguir: — Não que eu seja uma carola, não... não sou dessas de fazer novena, acender velas, acompanhar procissão, nada disso... mas Deus é uma noção que está presente em minha vida desde a infância... eu nunca descri da existência de um ser onipotente que estivesse comigo, sabem?, como um pai amoroso... e de repente...

— A senhora não deve se sentir embaraçada com sua fé, minha cara Palmira — disse Lara encarando-a com um sorriso. — Estou certo de que o Otávio não pretende menosprezar a crença de quem quer que seja...

— Certamente não — disse Otávio sem qualquer embaraço, mas também sem acrescentar mais.

— Sim, mamãe — Virgínia reforçou voltando-se cuidadosa para a mãe —, são opiniões... as opiniões divergem, mas as convicções são de cada um...

— Virgínia tem toda razão, minha amiga — Lara acrescentou.

— Ah, sim — murmurou a Sr^a Palmira —, sendo assim...

— E agora — disse Lara apurando-se e elevando ligeiramente a voz —, se já podemos servir a sobremesa...

— E será uma boa pedida! — trovejou Emílio Borges batendo palmas, mais que tudo sobressaindo-se suas roupas extravagantes.

Então a mesa foi retirada e a sobremesa servida.

O almoço chegava ao fim.

O almoço chegara ao fim e agora os presentes se haviam reunido no salão para onde o retrato de Lara fora transportado, no próprio cavalete, e ali permanecia velado por um pano. Acercaram-se todos, movidos pela curiosidade, então Luciano aproximou-se e removeu o pano.

Ouviu-se então um murmúrio de aprovação, enquanto cada qual por sua vez avançava um passo para olhar melhor, mais de perto, deixar-se mais absorver pela mágica beleza de Lara reproduzida com fidelidade realista numa finíssima tela de seda.

— Muito bem! — exclamou Emílio Borges elevando-se duas ou três vezes no bico dos pés e olhando em volta para ver se davam atenção ao seu comentário. — Muito boas cores! Total semelhança! — acrescentou, e não disse mais nada pois não lhe ocorria o que pudesse dizer com propriedade.

Virgínia e a mãe puseram-se uma de cada lado da pintura e contemplavam o retrato com admiração. Helena julgou surpreender um olhar entre Lara e Luciano, sorriram-se, conquanto procurassem disfarçar; tocava-os decerto a reação das pessoas, mas havia algo mais naquele olhar e naquele sorriso e o quadro era uma comprovação de sua suspeita, pois para Helena Luciano demonstrara seu amor pela modelo através do magnífico retrato que ora exibia, e nenhuma dúvida lhe restava de que a filha correspondesse a esse sentimento. “Tudo que quero é que ela seja feliz como eu não fui” pensou, “como não poderá ser vivendo com esse imbecil do marido”. Mariinha foi abraçar a amiga, parabenizou-a, dizia-se encantada e insinuou que lhe roubaria o artista, “pois eu também quero ser retratada a óleo” e piscou um olho para Luciano que assentiu, curvando-se ligeiramente, “teria muita honra” disse. Yolanda, por sua vez, deixou-se submergir nas águas profundas, à comoção inicial — pois a arte exercia sobre si esse poder — seguiu-se uma sensação de paz e repouso, pois a reprodução do rosto singular de Lara numa pintura que parecia elevar-se da tela como se estivesse vivo (e como não estaria? O que é a vida, afinal; que compreensão se tem dela para que se diga com segurança “esse retrato não está vivo”?) aparecia-lhe como um símbolo e uma certeza de que ainda havia esperança, “sim, ainda há esperança”... Porém, esperança de quê? perguntou-se no instante seguinte, e voltou os olhos para a própria Lara que então respondia com um sorriso e algumas palavras (que não conseguiu ouvir) um comentário feito pela Sr^a Palmira — e se houve nesse momento algo que pudesse querer, e de fato houve, pois quis, e com tal intensidade que se sentiu acometida por uma ligeira vertigem, foi o desejo de que Lara não envelhecesse, pois aquele rosto não merecia ser perpetuado apenas num retrato a óleo, ou numa fotografia (e pensou na antiga fotografia que Lara afirmara ser de uma antepassada sua), ou mesmo nos álbuns em que Helena colecionava as publicações sobre Lara na imprensa da moda, conquanto essas fossem as únicas maneiras de perpetuá-lo, pois Lara

envelheceria, o impiedoso Tempo corromperia com suas garras a pureza daquelas feições, destruiria a suavidade de sua pele, a perfeição de suas linhas, e nem mesmo lembrança restaria de sua beleza se não houvesse aqueles meios de preservá-la — e então refletiu que na verdade não havia esperança, não havia qualquer esperança.

Ernani, contudo, nada dissera: absorvendo o impacto não chegou sequer a franzir o cenho e seu rosto permaneceu indiferente, uma escultura na pedra, na mais dura rocha, mas dentro de si formou-se uma crosta de gelo. “Decididamente isso já não se faz” pensou. “Já não faz sentido pintar essas coisas, o caminho não é esse” ocorria-lhe, dando-se conta — porém não o admitindo — de que aquele era o caminho. Não fez qualquer comentário, observou não como artista mas como crítico, e um crítico predisposto a não gostar, a atirar no lixo o que via. Tampouco encarou Luciano que, por sua vez, não ousava olhar na direção de Ernani, temeroso de ler em seus olhos ou na expressão de seu rosto aquilo que de antemão sabia estar ali: reprovação.

Virgínia agora passava defronte à tela e curvava-se um pouco para observar mais de perto algum detalhe, e com isso obstruiu-lhe a visão por alguns momentos; mas logo em seguida retirou-se e Ernani voltou a ter diante de si o retrato de Lara que ele nunca ousara pintar. Aquilo incomodou-o, assim como incomodavam-no os comentários, como se aquelas pessoas “fossem grandes peritos em arte e estivessem diante de um Rembrandt ou de um Caravaggio”.

Todos agora cumprimentavam Luciano com palavras de estímulo, “você é um artista completo, meu jovem” ouviu a Sr^a Palmira dizer enquanto apertava-lhe a mão, “jamais desista de seu talento”, e Ernani se perguntou o que ela entendia por *artista completo*. Sentiu-se desolado porque não se lembraram dele, por não o terem consultado como especialista (justo ele que, apesar de sua grandeza e do aborrecimento com o que acabava de ver, sentia-se disposto à benevolência, a tecer um comentário prudente porém positivo), por terem esquecido que no mesmo recinto onde o jovem diletante expunha uma única tela havia alguém que naquela semana brilhara em uma exposição gloriosa... Sentiu-se não apenas desolado, mas só: “Sou um homem solitário” pensou, num confuso desprezo pela perfeição técnica daquela pintura, por aquele beco sem saída em que o rapaz se metia, “pois será que vai continuar fazendo essas coisas pela vida afora?”, e então resolveu deixar o salão.

Não fez ruídos ao sair, e certamente ninguém notou sua ausência.

Por fim: o quadro fora exibido, fora visto por todos e até mesmo os que não tinham qualquer conhecimento se detiveram diante do cavalete para apreciá-lo: a Titina, que se encantou exclamando “é a dona Lara escritinho!”, a Zefa com o Gumercendo, que elogiaram a sabedoria do moço pois “não é pra qualquer um não” espantou-se o encarregado, ao que a mulher reforçou “é dom de Deus”, e até mesmo as duas mulheres que haviam vindo da vila para ajudar a Titina nos preparativos do almoço pararam admiradas com a pintura.

Depois disso todos se haviam dispersado e Lara, um tanto perturbada com os últimos acontecimentos — martelavam-lhe a cabeça as palavras de Ernani a Yolanda, “eu me casei por amor, senhora”, confundiam-na os olhares de Luciano durante a mostra do quadro —, recolhera-se ao seu quarto para repousar, “nem que seja só por uma hora” e engoliu um analgésico. Helena, contudo, entrou intempestivamente no quarto no instante em que se preparava para deitar-se:

— Lara — disse —, preciso falar com você. E tem de ser agora.

Lara espantou-se, e encarou a mãe com estranheza.

— Caramba, mãe! Você me assustou!

— Lara — Helena começa —, eu menti para você. Pelo menos... não lhe contei toda a verdade... — conclui.

— Mãe! — Lara diz com um sorriso voltando-se com um travesseiro nas mãos. — O que é isso agora? A que verdade está se referindo? — aproxima-se de Helena.

— Falo de seu pai, Lara. Eu não lhe contei tudo sobre ele. Há coisas que...

— Oh, mãe, mas por que...? O que está acontecendo?

Helena, nos primeiros anos após seu reencontro com Lara, achou por bem mantê-la na ignorância acerca do pai: certa vez em que a filha tocara no assunto ela havia dito que chegaria a hora de falarem daquilo, “não por enquanto, filha, embora” acrescentara para tranquilizá-la “não haja nada de sério... é só uma lembrança que me deixa um pouco triste”, e a garota, mesmo não conseguindo esconder uma ponta de ressentimento, não insistiu. No entanto, poucos dias antes de Lara completar quinze anos chamou-a ao seu quarto e lhe contou uma história na qual um homem e uma mulher mantinham um breve romance e desse romance nascia uma criança. “Seu pai era uma homem estranho” ela havia dito, “não que às vezes não fosse afetuoso, mas...”, pois o pai de Lara era um homem bem mais velho que Helena, que ao se conhecerem contava pouco mais de dezesseis anos. E então se seguiu aquela história simples e triste de um homem que renuncia ao amor ao reconhecer a impossibilidade de constituir família com uma mulher muito mais jovem — renuncia e parte, não dando mais notícias e nem procurando saber acerca do filho que deixara para trás.

— Mas não foi só isso, Lara, não foi só isso — diz Helena, ao que a filha interpõe, com um gesto:

— Mãe... Mãe, por favor... se esse assunto a deixa triste, por que falar dele? — e reitera: — Já conversamos sobre isso!

Helena tem os olhos cheios de lágrimas.

— Sente-se aqui — diz sentando-se na beira da cama. Apanha uma das mãos da filha entre as suas e a cobre de beijos. — É preciso que eu fale, Lara, aconteceram coisas que tornam impossível a permanência desse segredo... pois há um segredo... que eu nunca lhe revelei... que se manteve como tabu em nossa família... seus avós sabiam de tudo, conheciam toda a história mas se calaram, pois eu lhes havia proibido falar daquilo.

Lara aquiesce, sentando-se de frente para Helena.

— Ele se chamava Abelardo, mas isso você já sabe, Abelardo Boaventura. Eu estava apaixonada, apesar de seu pai ser um homem de quarenta anos feitos quando o conheci — pois o pai de Lara era um homem maduro, porém conservado e elegante, vestia-se com despojamento mas também com muito bom-gosto, e quando se aproximou daquela garota que tomava sorvete no balcão da padaria e já o havia olhado algumas vezes, o fez francamente atraído por ela: não que Helena fosse bonita, tinha o rosto claro e os cabelos negros, o que fazia dela uma espécie de morena, “mas não tanto” como ele dizia depois em tom de brincadeira; os olhos grandes de Helena, seus lábios de uma cor natural muito acentuada — pois a menina não usava batom —, seu corpo miúdo mas bem proporcionado... Tudo isso despertara no homem maduro um sentimento que ele talvez não soubesse descrever muito bem, algo como excitação, vontade de tê-la nos braços como mulher e ao mesmo tempo de protegê-la como filha...

— Foi o que ele me disse naquela noite, depois de... — Helena sorri. — Ele dizia sentir-se excitado por mim, ao mesmo tempo querer-me como mulher e amar-me como filha... E eu ficava sem entender...

Pois Abelardo nunca se dissera apaixonado, e quando ela falando-lhe de seu amor esperava ouvir dele as mesmas declarações ardentes e ele apenas dizia querê-la muito, precisar dela, adorá-la (“adoro você” ele dizia, “adora, mas não ama” ela replicava, “perdoe se não posso mentir para você, mas eu não compreendo meus sentimentos”), Helena sentia-se ferida e decepcionada.

— Além do mais ele não acreditava de fato no meu amor — Helena continua —, “não, você não me ama” ele dizia, “está apenas entusiasmada por se relacionar com um homem mais velho, mas isso vai passar”. Não que não houvesse um certo bom-senso em sua maneira de perceber a situação, era natural que pensasse desse jeito, mesmo porque o que se via, o que se vê nos envolvimento de mulheres muito jovens com homens mais velhos é apenas um jogo de interesse... Mas não... não no meu caso. Eu estava apaixonada por ele, o fato de ter quarenta anos e eu dezesseis não me afetava, não significava nada para mim... se ele tivesse, digamos vinte e cinco, eu não poderia amá-lo mais do que já o amava...

Helena desvia os olhos.

— Perdoe-me pelo que vou dizer, Lara... mas tudo que eu mais quis para você é que conhecesse o amor que eu conheci... não cometendo os mesmos erros que eu, não, mas que sentisse o que eu senti por seu pai — encarou a filha com intensidade: — Perdoe-me mais uma vez, mas eu não acredito, nunca acreditei no seu casamento com Ernani... É um casamento absurdo... sem amor de nenhuma das duas partes... Pois Lara... não negue, olha para mim, sou sua mãe e a amo mais do que tudo na vida — curva-se para a filha e toma seu rosto entre as mãos: — Olha para mim, não fuja... não há no mundo ninguém que

possa amá-la mais do que eu... portanto ouça-me... pode ser desagradável o que lhe estou dizendo, mas ouça assim mesmo e depois... depois faça o que quiser... despreze-me até, se quiser...

— Sabe que jamais a desprezaria, mãe... sabe que eu esperei por você quase toda a minha infância... Como poderia desprezá-la? — e Lara sente lágrimas deslizarem por suas faces.

— Então, pela última vez procure compreender-me: eu não creio no seu casamento, pois não consigo acreditar que um casamento sem amor possa ser preservado. Oh, sim, é o que mais se vê por aí... conveniências e tudo mais... Para os outros pode valer, para minha filha não, pois não posso acreditar que minha filha não aspire pelo amor.

Lara baixa a fronte.

— E tampouco Ernani a ama, disso eu tenho certeza. Aquilo que ele disse durante o almoço... oh! Lara... não, aquilo não é verdade... E você sabe que não é verdade: ele só disse aquilo porque Yolanda o encurralou. Eu aprendi a conhecer os homens. Ernani é um egocêntrico que ama apenas a si mesmo e a sua arte. Ele casou-se com você, mas seu matrimônio de fato é com a arte e mais nada. Você... ora, você na vida dele não passa de um bibelô de luxo... um objeto de decoração...

— Mãe... por favor... pobre Ernani...

— Não, “pobre Ernani” coisa nenhuma... faça você o que quiser da sua vida, não esconderei o que penso... Ernani não a ama, você não o ama... não pense que eu quero destruir o seu casamento, filha... se houvesse um casamento a ser destruído, e não uma farsa... Saiba que foi por ter amado seu pai da maneira que amei, por ter sofrido por ele o tanto que sofri, por ter feito depois o que fiz numa espécie de sórdida vingança... eu, uma menina de dezesseis anos, movida por uma paixão doentia... que não posso crer que minha filha não aspire pelo amor.

Helena se cala, tentando desviar os olhos. Leva as mãos ao rosto num gesto de desolação: sabia que se continuasse com aquilo acabaria por magoar a filha. Agora, porém, é Lara quem busca olhar a mãe, como que numa entrega, deixando-a ler em si o que ela não poderia esconder.

Helena respira fundo. Concentra-se. Retoma o curso interrompido de sua narrativa.

— Creio que fiquei grávida de você uns três meses depois de termos começado a namorar. Três meses... tempo durante o qual nosso namoro se transformou de paraíso em inferno...

Helena faz uma pausa.

— Eu traiu seu pai.

— Mãe! — Lara sobressalta-se, levanta-se espantada: — Você nunca me disse isso!

— Sente-se e procure entender. Não lhe falei há pouco que havia coisas que

eu não lhe havia contado?... Pois há... A verdade é que eu não lhe contei quase nada...

Fitou a filha, penalizada.

— Mas você não o amava? — Lara senta-se outra vez de frente para Helena.

— E que tem isso?... No começo nos demos muito bem. Ele era um homem só, falou-me disso sem nenhum embaraço. “Eu tenho uma namorada aqui, outra ali” ele me disse, “mas não me fixo com ninguém”... namoros rápidos, sem compromisso, sem paixão... Comigo, no entanto... Não sei explicar o que aconteceu, como as coisas foram se modificando da maneira como se modificaram... Eu estava feliz, muito feliz no início, depois comecei a me sentir insegura... Até que ponto aquele homem bonito, maduro, cheio de mulheres gostaria realmente de mim?... Era um homem afetuoso, sim, muito afetuoso, mas às vezes... era com se estivesse a léguas de mim... afinal, eu era para ele uma mulher ou uma filha?... que tipo de confusão havia em sua cabeça que nem ele mesmo conseguia explicar?... “Eu nunca me apaixonei de fato” ele dizia, às vezes até meio em tom de brincadeira, “eu gosto muito de você, mas não estou apaixonado”. O que eu podia fazer?... Ele me magoava quando dizia essas coisas e creio que não se dava conta... Quantas noites eu passei em claro, chorando, por causa de coisas aparentemente inofensivas que ele dizia...

— Por que continuar com isso, mãe? Se a magoa...

— É preciso, Lara. Em minha insegurança eu passei a importuná-lo. Exigia sua presença todos os dias, todas as horas, infernizava sua vida com minhas reclamações, com minha ira... ele se exaltava, a princípio continha-se mas depois passamos a brigar com frequência... mesmo assim não ia embora, continuava ao meu lado... A tensão chegou a um ponto insuportável para mim e comecei a traí-lo... Não uma vez apenas, não com um único homem... eu me tornei uma puta...

— Mãe!!

— ...sim, uma puta, é a verdade, é a única verdade. Eu estava grávida de você... e mesmo assim... você já era um ser humano, estava dentro de mim e eu tinha o dever de respeitá-la, mas não... eu me transformei numa puta, tudo para atingi-lo, para magoá-lo da maneira mais cruel... queria que ele soubesse que eu estava saindo com outros homens... dois, três...

— Deus do céu! — lágrimas corriam pelas faces pálidas de Lara.

— ...sei lá com quantos... muitos... Mamãe angustiava-se, papai nada dizia, limitava-se a olhar-me com piedade... a filha única deles, uma puta de carteirinha... uma rameira que poderia fazer sucesso na Vila Mimosa...

Helena se cala por alguns momentos, olha em volta como se o mundo lhe parecesse diferente, estranho, deslocado de seu lugar.

— O que eu fazia não era apenas para me vingar por não... digamos, por não ter conquistado plenamente seu amor... não era só uma desforra pelo que

ele me fazia sofrer ao dizer aquelas coisas... era uma tentativa... desesperada... de chamar a atenção dele, de fazê-lo acordar para o fato de que tinha uma mulher que o amava e que ia lhe dar um filho... “Como eu posso saber se esse filho que você tem na barriga é meu?” ele disse, quando já não havia chance de reconciliação entre nós. “Afinal, já devia estar nessa vida quando a conheci, só que eu não soube. Aliás, nem você deve saber quem é o pai”... E eu ouvi isso calada, encarando-o em silêncio. Poderia contestá-lo? Sim, ele tinha razão, como ele poderia saber se eu já não o estava traindo desde muito antes?...

Helena sorri encarando a filha com franqueza.

— Mas não... Eu não me envolvera com ninguém desde que nos conhecemos... aliás, eu havia tido tão poucas experiências até então... eu era uma boboca, medrosa... não é hora para falar disso, claro, mas só para que saiba... Sim, Lara, esse homem a quem amei tanto, eu, uma moleca de dezesseis anos, esse homem é mesmo seu pai... Então ele foi embora, não quis saber da criança que não acreditava ser dele, e quando você nasceu Abelardo já havia desaparecido no mundo. Ele já fazia planos de viajar, de mudar-se sem saber ao certo para onde; apenas partir para algum lugar, como costumava dizer, para mudar de vida, e às vezes falava em levar-me com ele... Quando ele dizia isso eu ainda tinha esperanças... Eu me enchia de alegria... Ainda acreditava que poderíamos ser felizes juntos... mas... Ele partiu sem que eu ficasse sabendo. Na última vez que nos vimos, um encontro rápido e acidental no centro da cidade, passamos um pelo outro, nos detivemos brevemente, mal nos falamos... eu estava com raiva dele e não queria ouvi-lo... ele, não sei, talvez não quisesse também falar comigo... Sei apenas que mal nos detivemos e seguimos em frente... Não que eu não quisesse ficar com ele... voltar pra ele... entregar-me a ele... mas estava com tanto ódio naquele dia... tanto ódio, meu Deus!... Então você nasceu, e... eu pensei que se ele a visse, se percebesse que apesar de tudo havia traços seus naquela criança... que eu podia depois ter procedido feito uma vagabunda mas que você era mesmo filha dele... eu pensei que talvez pudesse haver uma esperança para nós... Então fui procurá-lo com você nos meus braços... mal fui recebida pela família, que parecia detestar-me... não quiseram sequer ver a criança que eu levava para apresentar a eles... jogaram-me na cara que “filho de uma mulher como você não tem pai”... disseram tão só que ele havia partido... só isso... e não o vi mais desde então...

— Mas... mãe... você me havia dito que ele tinha se mudado sem dizer para onde nem deixar qualquer indicação... porque não tinha família, pelo menos aqui no Rio... lembro-me de ouvi-la referir uns parentes de meu pai em alguma cidadezinha interiorana de Minas...

— Eu menti, Lara...

— Por quê, mãe?

— Para poupá-la... você só tinha quinze anos, uma menina despertando

para a vida, não merecia saber nada disso... não merecia sofrer por isso... Sei lá se fiz bem ou mal, mas quis apenas evitar que você sofresse.

— Santo Deus, mãe!

— A família de Abelardo na verdade estava reduzida apenas ao pai, idoso, e a uma irmã mais velha que ele uns dez anos. A mãe morrerá pouco antes de nos conhecermos, e havia uns tios que residiam — sim — em Minas, no interior de Minas, mas nem ele mesmo sabia ao certo onde, já que os laços afetivos com esses parentes estavam desfeitos havia muito tempo... Foi, portanto, na casa do pai, que vivia agora apenas na companhia da filha, que eu a levei naquele dia... Mas foi inútil... o velho nem sequer apareceu ao saber de quem se tratava, e a irmã de Abelardo... culpava-me pelo desaparecimento do irmão. “Por que você teve de entrar na vida dele?” perguntou-me lançando chispas pelos olhos, “por sua causa, pelo mal que fez a ele, ele partiu! Disse-nos que não queria mais saber de sua existência” foram essas as palavras dela, “e que iria embora para afastar-se de você de uma vez por todas”.

— Não podemos culpá-los, mãe... para eles você foi a responsável pela perda do único membro da família que lhes restava...

— Oh, e você acha que eu não me disse isso centenas, milhares de vezes desde então? Acredita que eu os tenha odiado por se recusarem a dizer-me onde ele estava? Como eles iriam compreender o meu amor por Abelardo? De que maneira fazê-los entender que tudo o que eu queria era o perdão dele, voltar para ele com nossa filha, pertencer-lhe outra vez e para sempre?

Helena pára, levanta-se e caminha até a janela, de onde contempla com ar sonhador o jardim, demoradamente. Nesse momento parecia esquecer-se de si mesma e suas feições se tornam serenas. Volta-se e olha o antigo retrato de Rosinha em sua moldura na parede. “Existem coisas que não têm explicação” pensa.

— A única coisa que eu sei é que ele foi embora — ela diz —, só isso, foi embora...

Lara suspira, está trêmula, seca as lágrimas das faces com as mãos.

— Envolvi-me com outros homens... tornei-me cautelosa, para não destruir de vez minha vida, mas procurei em outros homens o que eu sabia que não iria encontrar... foi uma procura obsessiva e inútil... decepçionava-me sempre e com isso acabava decepçionando-os também... não que eu não tenha encontrado homens bons, não que eu não tenha tido esperança... Mas também foi por essa época que passei a me distanciar de você...

Lara move lentamente a cabeça, como se entendesse a mãe cada vez menos.

— Não quero parecer menos culpada do que de fato fui, mas eu não saberia explicar. Eis aí uma coisa que eu talvez não saiba mesmo explicar. Durante seu primeiro ano de vida, Lara, senti meu amor por você arrefecer... Teria sido a frustração do amor perdido? Não sei... pode ser que isso explique, pelo menos parcialmente, o que aconteceu, mas não sei... só sei que aos poucos aquela criança começou a parecer um estorvo na minha vida... atrapalhava-me, meus

pais reprovavam meu comportamento, condenavam minhas atitudes, mas nada podiam fazer a não ser acolher a neta, cuidar dela, dar-lhe o amor que a mãe desnaturada lhe negava... tanto que você viveu quase toda sua infância em casa deles... Você mesma deve lembrar-se de que raramente passávamos juntas dois ou três dias, e quando isso acontecia que diálogo havia entre nós? E não porque você não tentasse aproximar-se... Eu me lembro com o coração despedaçado, Lara, de suas tentativas de cativar-me, de chamar minha atenção... E eu insensível a tudo isso... Durante aqueles anos eu tinha apenas duas preocupações: formar-me para conseguir um bom emprego e não depender mais dos meus pais, o que acabei conseguindo: com vinte e um anos já estava empregada e pagando meu próprio apartamento... então eu a deixava de lado, deixava o pequeno estorvo com os velhos sem nenhum remorso pois precisava esforçar-me não só para não perder o que havia conquistado, como também para conquistar ainda mais... e a outra preocupação, você sabe, a outra era aquela busca insana pelo amor que de antemão eu sabia impossível... e assim você foi uma quase estranha para mim até os doze anos... até a época em que meu pai comprou essa casa e nós viemos...

Helena cobre o rosto e chora. Lara, que permanecera sentada, levanta-se acercando-se da mãe. Acaricia-lhe os cabelos esperando que ela se acalme.

Por fim, Helena olha para a filha:

— Não sei como consegui reconquistar seu amor, Lara, mas para mim... meu Deus, como eu me chamei de estúpida, egoísta, louca e sei lá mais o quê... por não ter compreendido há mais tempo que não podia haver na vida nada mais importante para mim que a minha filha...

— Já passou, mãe, não é preciso martirizar-se mais por isso.

Helena sorri com tristeza:

— Você diz isso porque aquela criança não me odiava, portanto perdoar minhas faltas não era apenas fácil, era na verdade tudo que ela queria, bastava que eu permitisse, bastava que eu lhe abrisse os braços. Mas eu, Lara, eu... eu me odiei muitas vezes... eu mesma não me perdoei pelo mal que lhe fiz... ainda não... até hoje... quando resolvi lhe contar tudo para que meu coração conheça a paz...

Faz uma pausa. Hesita, não sabe se deve ser explícita ao falar do amor que Lara pode conhecer, e que está tão perto, tão perto que basta estender a mão...

— Mas não só por isso — diz, reconhecendo que é melhor deixar que a filha adivinhe o que lhe pode estar reservado. — É também porque eu não quero vê-la desperdiçar a felicidade, viver como eu a desilusão, ainda que por outras razões, e passar a vida sem conhecer o amor... não sei se você é capaz de um gesto... uma decisão... mas se for por amor...

Lara cobre-lhe a boca com a ponta dos dedos, “não mãe, não...” ela diz, “por enquanto não... por favor...”, e se abraçam, choram uma no ombro da outra, “por favor...”, numa expectativa de resignação e esperança.

Por fim Luciano velou outra vez o quadro para protegê-lo, pois a tinta ainda não secara por completo.

Os presentes se afastaram comentando e parabenizando Lara, que se havia revelado uma modelo perfeita. Emílio Borges agora conversava na varanda com as senhoras de Arcoverde, Helena havia acompanhado a filha quando esta se encaminhou para cima; Otávio de pé na porta acenava para alguém, e os demais. . .

Luciano agora estava só com seu quadro, mas não permaneceu no salão. Preferiu sair. Ganhou a cozinha e escapou pela porta dos fundos. Ainda se deteve ali um momento olhando o coração e a inscrição gravados tantos anos antes na madeira, depois afastou-se da casa.

Ernani, por sua vez, se sentia realmente aborrecido. Afinal, quem era o grande artista, quem gozava de uma reputação internacional — ele ou aquele guri mal saído dos cueiros que ousara pintar um retrato de sua mulher? No entanto ele fora preterido: todos se esqueceram de que ele estava ali no momento em que o retrato de Lara foi exposto, no momento em que o “guri” descerrou o quadro, removendo o pano que o velava; todos, feito crianças atraídas por uma guloseima, se aproximaram demonstrando um entusiasmo pueril por uma simples garatuja, pois afinal não era mais do que isso, uma simples garatuja. Vá que fosse um desenho razoável, um bom desenho até — Ernani reluta em conceder, para não parecer antipático também olhou por meio minuto a pintura, o que já foi muito, excessivo mesmo —, mas não era para tantos “ah!” e “oh!” de deslumbramento, pois a verdade era que todos se mostraram deslumbrados, o que o aborrecia além de todos os limites.

Não, não havia no quadro nada que justificasse tantos comentários, tantos elogios rasgados, enquanto ele — que ainda na véspera... — não merecia daquela cambada (e a palavra era essa mesma, não podia ser outra, “cambada”) nenhum comentário, ninguém por exemplo para perguntar-lhe “e você, Ernani, como foi sua exposição?” ou “qual a orientação de sua produção mais recente?” ou ainda “qual a relação de sua pintura com o neo-expressionismo e a arte contemporânea?”, para que ele pudesse atrair a atenção de todos ao discorrer sobre suas idéias, sobre como desenvolvia um trabalho que impunha uma profunda dialética entre a abstração da forma e a figuração do abstrato. . .

Ernani saiu para a varanda e sentiu-se sozinho, desvalido, abandonado por todos. Seu ímpeto era o de deixar a casa o mais rapidamente possível, se pudesse embarcava imediatamente para o Rio (esquecia-se de que poderia fazê-lo, já que viera para a fazenda em seu carro e nada mais simples do que entrar nele e partir), se pudesse não olhava mais na cara aquelas pessoas obtusas, incapazes de perceber a verdade. . .

De pé no meio da varanda não conseguia no entanto apagar de sua memória o impacto que recebera em pleno peito — um golpe, um murro desferido por um peso-pesado do boxe não seria tão devastador — quando o pano que cobria a tela daquele “guri” fora retirado. . .

“Por que eu não pintei um retrato de Lara em todos esses anos? Por que a ignorei todo esse tempo?”

Essas perguntas se impunham impertinentemente, pois ele bem que se esforçava por abafá-las — mas sem sucesso pois logo em seguida eis que de novo estavam ali, fazendo seu barulhozinho incômodo, dando lugar a uma outra pergunta ainda mais desagradável e que talvez exigisse uma resposta mais pronta e direta: “Eu seria capaz de pintar um retrato de Lara como o que esse ‘guri’ pintou?”, e Ernani, ainda que a contragosto, ainda que cada vez mais indignado consigo mesmo e com todos os demais, com o “guri” e com o maldito quadro, e até mesmo com Lara, reconhecia que era preciso um talento muito especial, algo inteiramente alheio aos modismos, às vazias intelectualizações da arte praticadas por um rebanho de críticos obtusos — no entanto, os mesmos que enalteciam seus quadros e contribuíam para que alcançassem preços elevados no mercado de arte...

“Meu Deus, eu serei um fracasso?...”

E o “guri”, em sua inocência, em sua juventude, com sua genialidade simples, mantinha-se alheio ao drama pessoal do grande Ernani de Castro, sentindo-se até mesmo um tanto embaraçado diante dos elogios que todos lhe dispensavam naquele momento no salão.

Ernani saiu para o terreiro, deu volta à casa e dirigiu-se para o pomar. Precisava espairar. Precisava tomar ares. Precisava pensar, ou não pensar, ou simplesmente esquecer aquela história desagradável e, ao retornar, deixar de lado aquele dia desastroso e arrumar suas coisas, “partirei imediatamente” diria, “você vem comigo?” perguntaria a Lara, sabendo de antemão que ela lhe desejaria boa viagem dizendo que permaneceria uns dias ainda na fazenda — e uma vez mais sentiu-se só, uma solidão de doer, um desvalimento de opróbrio, caminhava por um deserto onde nem mesmo a figura delgada e reta de um cacto quebrava a monotonia das dunas e o azul límpido do céu.

Agora Ernani cruza a ponte sobre o regato e se dirige para o pomar. Olha amplamente em volta aspirando o ar morno da tarde que recende a flores silvestres, e com as mãos nos bolsos interna-se entre as árvores. Não se detém, não sabe ao certo aonde vai, trança a esmo por ali evitando as árvores sem conseguir tirar da cabeça aquela maçada: afinal, o que poderia dizer acerca do retrato de Lara?

— Nada a dizer — murmurou consigo mesmo balançando a cabeça. Parou. Olhou para cima, além das copas, onde podia avistar pássaros voando. Respirou fundo. Em seguida baixou a cabeça, decidido... mas decidido a quê? Pois então... a quê? Franziu o cenho ainda sem se mover, bufou com irritação crescente: sim, estava decidido, embora de imediato não conseguisse atinar com a decisão que parecia querer empurrá-lo para frente.

Porém, que dúvida! Pois a decisão era aquela mesma, aquela que ele havia tomado ainda no salão, diante da reação dos presentes, sentindo aquele baque

por dentro que o prostrara sem que desse demonstração de seu afogo: pintar um retrato de Lara que botasse aquele guri no chinelo. Essa idéia, ou decisão, ou que nome tenha, não lhe ocorrera inteira, de uma só vez, mas aos poucos, primeiro enquanto percorria com os olhos as pinceladas invisíveis que no entanto delinearam o rosto de sua mulher contra um fundo neutro, como uma estrela que brilhasse no escuro do firmamento; depois enquanto se sentia cada vez mais perturbado e se afastava do salão, e depois... bem, estava certo de que mesmo fragmentária, mesmo que não a houvesse proferido em alto e bom som, a decisão fora tomada e de imediato começava a planejar seu quadro.

Voltou a caminhar, galgou a pequena ladeira que conduzia ao açude, caminhou devagar pela margem, onde a relva irregular ora tornava-se mais rala, ora mais espessa, e seus olhos pousaram no barquinho que permanecia atracado, com metade do casco para fora d'água.

“Um quadro grande” ocorreu-lhe. Pois teria de ser um quadro que desse na vista, que já de longe chamasse atenção, “um metro e meio por dois” considerou, “um busto, apenas o busto de Lara, mas com um metro e meio por dois”.

— Bem, quanto a isso...

Pois quanto às dimensões não havia dúvida: o quadro teria um metro e meio por dois e representaria sua mulher... oh, mas que idéia brilhante lhe ocorria então: representaria Lara como a Mona Lisa, incluindo a paisagem de fundo similar à que fora pintada por Da Vinci, e as roupas seriam de época, quem sabe da mesma época: teria de fazer uma pesquisa acerca do vestuário do século XVI, por exemplo, as cores, os modelos, os tecidos... mas tudo isso ficaria para mais tarde, o importante agora era desenvolver um plano geral, sem entrar em detalhes... Teria como dar à pintura um aspecto antigo? De certa forma seria possível, sem ter de recorrer a técnicas muito complicadas, bastava utilizar cores neutras e pouco luminosas... sim, era uma possibilidade, mas isso também ficaria para mais tarde, seria o caso de fazer alguns estudos diretamente na tela, e para esses estudos poderia utilizar uma tela pequena para ganhar tempo e não precisaria também ser logo um estudo do próprio retrato, mas apenas da técnica... um casario, por exemplo, ou quem sabe uma natureza morta, com o fito de obter a aparência de uma pintura de dois ou três séculos atrás...

Ernani deteve-se contemplando o lago, cuja superfície semelhava um espelho. O vento leve, quase uma brisa, não encrespava as águas, e de longe em longe despontava o caule fino e esguio de um junco, o que podia significar que talvez fosse época de fazer uma limpeza no fundo...

Ernani meteu as mãos nos bolsos, permaneceu imóvel imaginando que a superfície do lago fosse uma enorme tela na qual ele pudesse pintar suas abstrações dentre as quais, num esforço tremendo, tentava extrair o rosto de Lara, mas o que via no final de sua luta era apenas aquela confusão de manchas inquietantes que pareciam lhe dizer que ele chegara ao seu limite, que as portas haviam se fechado, as pontes caído, a outra margem inalcançável...

Quando um leve ruído de passos na relva fê-lo despertar de seu devaneio... Só então percebeu que não estava só.

— O senhor gosta mesmo de andar sozinho, seu Ernani — era Anete, que fora em sua direção. Agora estava ali, à sua frente, olhando-o francamente nos olhos.

— Hein? — Ernani exclamou ainda sem compreender de onde surgira a garota. Aborreceu-se, mas não parecia surpreso. — Ah, é você. Afinal, de onde você saiu?

— Ué, seu Ernani! Pois dali, do pomar... Eu vinha dar um passeio no lago, eu gosto de caminhar por aqui... é sossegado... então vi o senhor tão distraído... Sabe que tive até dó do senhor?

— Dó de mim?! Ora... mas que bobagem é essa, moleca?

— Sim... O senhor não me leve a mal... não se zangue comigo... é que o vi assim tão distraído, espiando as águas... me pareceu tão solitário que cheguei a pensar que estivesse triste...

— Eu triste? Mas você...!

Ernani irritou-se com aquilo, porém não demonstrou o aborrecimento que a presença da criadinha lhe provocava, e a pergunta que se seguiu não teve a intenção de uma reprimenda:

— Afinal, você não tem nada para fazer na casa? Não é para estar lá que lhe pagam?

— Tenho não, seu Ernani, a Titina me deu a tarde de folga. Hoje é domingo, lembra?

— Ah...

Pois então: era domingo, não seria justo que os criados, mesmo os ocasionais como Anete, tivessem a tarde de domingo livre? Sim, parecia-lhe justo: Ernani era um homem intelectualmente refinado, conquanto se mostrasse rude às vezes, mas não sabia ser injusto com os desafortunados (embora se perguntasse por que Anete seria uma desafortunada, já que possuía uma família, uma casa e um emprego — afinal, ela tinha um emprego... ou não? O que fora mesmo que ela dissera sobre isso, quando haviam conversado naquela manhã? Francamente, não se lembrava, mas que importância teria agora?).

— ...sim — prosseguiu —, hoje é domingo...

Falou porém mais para si mesmo, desviando o olhar para a relva que crescia à margem, concentrando-se, como se houvesse ali alguma coisa que lhe chamasse a atenção. Mas não havia nada e ele abstraía-se, tinha o cenho crispado como se uma preocupação que nem ele mesmo saberia descrever lhe ocupasse os pensamentos.

Anete foi colocar-se ao seu lado, quase roçando-lhe a manga da camisa e, fingindo também contemplar o açude, vigiava-o de esguelha. Depois, num movimento brusco, avançou meio passo mantendo-se de costas para Ernani mas com isso tentando chamar-lhe a atenção, e o vento movia brandamente seus

cabelos claros e levemente ondulados. Assim esteve — quanto tempo? Meio minuto? Um minuto inteiro? Por que ele não dizia nada? E num repelão voltou-se para Ernani, cruzando as mãos na frente do corpo e encontrando-lhe o olhar fugidio.

— O senhor está preocupado com alguma coisa, seu Ernani?

Ora, mas que mania a dessa garota de querer imiscuir-se em seus assuntos! Não saberia seu lugar? Afinal era uma criada e ele o patrão... conquanto não se sentisse patrão de Anete, não fora contratada por ele, mas pela Titina — era a Titina quem apanhava essas mocinhas na vila para trabalhar na casa nos dias em que estavam ali —, e por isso, ao mesmo tempo que via em Anete uma estranha, presumia para seu próprio espanto uma inesperada familiaridade, pois Anete não era sua criada mas uma espécie de visita, uma visita engraçada e incômoda, um tanto atrevida mas bastante infantil, e Ernani começava a divertir-se com as maneiras da garota.

— Eu? Preocupado?

— Sim... com esse sujeito que veio para o almoço, por exemplo...

— Esse sujeito? Mas que sujeito? — e Ernani não fingiu: de fato não entendia onde a garota queria chegar.

— Esse homem, Emílio Borges.

— Mas o que tem ele? — perguntou sem compreender por que razão haveria de estar preocupado com Emílio. Não o conhecia a não ser de vista, aliás, conhecera-o no ano anterior, quando ele também aparecera para o almoço no sábado sem ser convidado, retornando no domingo, e então falara... de que mesmo havia falado então? Provavelmente do mesmo que hoje, seus investimentos, sua posição na pequena sociedade provinciana, bobagens a que ele, Ernani, mal havia prestado atenção e nem se dera o trabalho de responder. No mais, porém...

— Então o senhor não percebeu, seu Ernani?

— Mas não percebi o quê, criatura? — Ernani crispou ainda mais a testa numa interrogação direta. Houve entre ambos um momento de impasse que não durou: Ernani deu as costas a Anete e seguiu caminhando ao longo da margem do açude.

— Que esse homem... — começou Anete acompanhando Ernani, mantendo-se contudo à sua retaguarda à distância de um passo — ...não tirava o olho de dona Lara.

Ernani estacou, voltou-se de súbito e Anete quase colidiu contra ele. Agora estavam frente a frente, muito próximos, e o rosto da garota — iluminado pela luz intensa da tarde — tornava-se mais alvo, as pequenas sardas mais se sobressaíam, e seus olhos claros adquiriam uns laivos de cinza, de verde, de azul...

— Ora! — exclamou Ernani. — Lara jamais iria dar confiança para um tipo desses.

— Oh, sim... não tenho nenhuma dúvida quanto a dona Lara... mas esse homem é muito cheio de si, muito audacioso, poderia...

— Não, não poderia — Ernani cortou, porém calou-se. Desviou o olhar dos olhos de Anete, baixou a cabeça, fez menção de recommençar a andar, mas dessa vez Anete antecipou-se e passou-lhe à frente. Ernani quase chocou-se contra ela, que se riu divertida e atreveu-se a tomar-lhe a mão:

— Então não há por que se preocupar, não acha?

E a mesma Anete, que um instante atrás lançava uma suspeita contra aquele homem desagradável que falava de si como de um nobre de alta estirpe, dizia-lhe que não havia por que preocupar-se — pois, com efeito, não havia por que preocupar-se, mas o jeito volúvel da garota o desconcertava, a ele, Ernani, que não sabia muito bem como lidar com as mulheres, que não entendia como uma mulher podia ao mesmo tempo ser tão adulta e tão criança.

— O senhor gostou do retrato de dona Lara? — ela pergunta, volúvel, burlesca, e ainda segurando-lhe a mão e sem esperar que ele respondesse: — Eu achei lindo! Todo mundo achou lindo, aquele moço pinta muito bem!

Ernani quase não acredita no que ouve: então a moleca resolvera de repente fazer crítica de arte? O que sabia afinal, ela, que nunca saíra daquele meio de mato? E que ousadia intrometer-se em coisas que não eram da sua conta! (conquanto Ernani não soubesse exatamente por que não seria da conta da menina comentar o retrato de Lara, afinal ela como os demais fora uma expectadora, tinha direito a uma opinião)

Ou não?

Mas Anete atira-se outra vez:

— O senhor não quer conhecer aquele lugar de que lhe falei mais cedo?

Porém Ernani parece não ter entendido a pergunta e tudo que faz é olhar dentro dos olhos claros de Anete e descobrir pouco a pouco que aquela matutazinha tem seus encantos: não que seja bela, pois não era bela (não pretendia fazer comparações entre ela e Lara, oh, não!), porém a beleza nem sempre tinha a ver com encanto (era o que pensava, pelo menos era o que lhe parecia naquele instante): por exemplo, os olhos da garota tinham vida, e o quão intensa!, os lábios quase rubros abriam-se num sorriso vespertino, e olhando suas mãos unidas — a dele inerte na dela — viu-lhe os dedos finos e as unhas cor-de-rosa, não muito bem feitas mas cuja pureza não fora maculada com o artificialismo de um esmalte, e agora a outra mão de Anete envolve a sua numa suave carícia enquanto ele... ele...

— Vamos, seu Ernani, vou lhe mostrar aquele recanto de que lhe falei hoje cedo. É bonito, quieto, sossegado... ninguém vai lá...

— Sim — ele diz em voz baixa, como que aceitando o convite —, isto é — e desvencilha sua mão —, talvez não seja conveniente... além do mais...

— ?...

— ...eu estava ainda há pouco...

Faz um gesto com as mãos e se afasta um passo, dois, na direção da margem, voltando a olhar de maneira altiva para o açude. Gira sobre os calcanhares

e olha na direção oposta, as montanhas recobertas de densa floresta: como se Anete não estivesse mais ali, mete as mãos nos bolsos outra vez, uma ruga de gravidade marca-lhe a testa, o semblante.

Mas a menina parece decidida:

— O senhor estava ainda há pouco... o quê? — e se achegando roça-lhe os dedos pelo braço, retirando a mão em seguida. — Não me pareceu que estivesse ocupado como alguma coisa...

— Sim, mas eu estava... sim, muito ocupado...

— Não — ela retruca — o senhor não estava — achega-se mais e lhe ajeita a gola da camisa.

— Como! — ele a encara recuando a cabeça. — Como é que você pode saber?... Saiba que eu sou um homem que...

— ...

— ...que...

— Venha — toma-o pelo braço num gesto de decisão —, vamos até o lugar do qual eu lhe falei aquela hora. O senhor vai gostar, estou certa disso.

Ernani não resistiu: deixou-se conduzir pela garota, que agora segurava-lhe a mão com firmeza sem, contudo, perder a suavidade.

Caminharam por dez ou quinze minutos, Anete não se apressava e escolhia onde passar, já que em alguns pontos do percurso havia mato alto e pequenos charcos, “por aqui, seu Ernani” dizia, e advertia “cuidado com aquela moita, tem água ali”. Por fim atingiram a extremidade sul do açude, de onde seguindo pela direita chegava-se aos antigos cafezais; porém à esquerda mal se via um trilho, nem mesmo um trilho, apenas o sinal de uma vereda a entrar na mata, uma vereda por onde ninguém passava havia muito tempo.

Nesse ponto Ernani parou.

Sua mão soltou-se da de Anete: aonde, afinal, a menina o estava levando? Ernani sentiu-se momentaneamente desorientado: em sua cabeça os pensamentos embaralhavam-se, a paisagem se dissolvia numa infinidade de pinceladas soltas como se fosse um imenso quadro cuja tinta, ainda fresca, adquiria vida e movimento. Seria de fato que aquele homem esquisito estaria interessado em sua mulher? Levou as mãos aos rosto, esfregando com vigor as faces e procurando fixar-se no leve ondular da vegetação, mas tudo à sua volta girava, e a idéia de pintar paisagens impressionistas — quadros enormes e luminosos nos quais os motivos seriam meramente insinuados numa mescla de infinitas pinceladas pequenas e fluidas — pareceu-lhe interessante, representaria uma mudança de rumos em sua pintura que, não se afastando por completo de suas naturais abstrações, ingressaria numa nova linguagem, pois brotando de seus pincéis a linguagem impressionista seria nova, inédita, nunca vista, pois afinal ele era Ernani de Castro e... e... e havia aquele moleque (sim, um moleque, não mais, um menino, o quê?, vinte anos?, mal se viam uns vestígios de barba nas faces lisas) com seu impetuoso retrato de Lara, algo que nem mesmo Bouguereau ou

Munier... ora, mas afinal quem foram esse Bouguereau e esse Munier... apre!, pintura acadêmica... mas Luciano, o garoto... “meu Deus, o retrato de Lara...!”, e baixando a cabeça Ernani de Castro, aniquilado, com os olhos cheios de lágrimas, murmurou “jamais pintarei como Bouguereau... jamais pintarei um retrato de minha mulher...”

Mas sentiu que alguém segurava suas mãos com um gesto envolvente e carinhoso, levantou o rosto, acordou: ali estava Anete, “vamos” ela disse, estendendo a mão e secando-lhe as lágrimas com a ponta dos dedos. Em seguida o conduziu pela vereda que entrava na mata.

— Para onde você está me levando? — perguntou ainda um tanto desnortado.

— O senhor verá logo, estamos perto agora.

O resto da caminhada não foi longo: desceram por uma ladeira sinuosa e acidentada, com pedregulhos e raízes que emergiam do solo, e em seguida avançaram através de uma região plana e densamente arborizada onde não se via caminho algum — embora Anete seguisse com a segurança de quem sabe aonde está indo —, contornando árvores enormes para por fim desembocarem numa clareira: as árvores ali se dispunham em semi-círculo, muito unidas, como que fechando à bisbilhotice alheia aquela espécie de ninho... O chão era recoberto por uma relva espessa na qual os pés chegavam a afundar, e a luz do sol entrava pelo espaço vazio entre as frondes; na margem semi-circular iniciava-se um suave e longo declive e no lado oposto, sob algumas rochas cobertas de musgo que se projetavam de um barranco alto quase invisível submerso na vegetação, havia uma nascente, um fio d’água que serpeava dividindo a clareira ao meio.

Anete correu e, ajoelhando-se à margem do regato, mergulhou as mãos na água, umedeceu as faces e, levantando-se, aproximou-se de Ernani:

— Sinta como a água é fresca — disse, tocando-lhe uma das faces.

Ernani fechou os olhos.

— Que lugar é esse? — perguntou, olhando em volta.

— Gostou daqui?

— Oh, sim — disse Ernani —, sim... é... aconchegante... é muito bonito aqui.

— Eu venho aqui às vezes, acho que só eu sei desse lugar — e girando sobre si mesma, dando dois ou três passos a esmo: — Prefiro não contar pra ninguém... como se assim pudesse ser só meu — e riu.

— Ah...

— Agora só nosso.

— Como?

Então, para espanto de Ernani, Anete despiu sua blusa, exibiu-lhe os seios alvos banhados pela luz direta do sol. Encararam-se assim por instantes, até que a garota aproximou-se dele outra vez, enlaçou-o pelo pescoço, e agora seus rostos estavam muito próximos...

— Que é que você está fazendo, garota? — Ernani parecia lúcido pela primeira vez desde que deixara a sala onde os outros ainda estariam contemplando o quadro.

— O que acha que seja, seu Ernani? — Anete beijou-o sem encontrar resistência, e pela primeira vez (em quanto tempo?) Ernani sentiu-se intensamente envolvido por uma mulher. Quem seria, afinal de contas, aquela diabinha, uma moleca do mato que de súbito se convertia numa ninfa, a clareira um jardim de delícias?... E agora, por lençol sobre a relva as roupas que haviam despido, Ernani reclinava-se cuidadosamente sobre o corpo nu de Anete...

E o dia avança.

O tempo gira, uma espiral que não tem centro, e o mundo se constrói na transição de um segundo para o seguinte, mas é certo que o tempo se dissolve nesse intervalo tão breve que nem chegamos a perceber, e nessa transição infinitos laços são feitos e desfeitos, e o segundo seguinte é o resultado dessa tecedura sem sim.

Em algum momento daquela manhã uma mulher abre os olhos e se levanta disposta a sonhar, e depois descerra as janelas — não sobre um jardim, mas sobre essa trama de fios invisíveis. Um homem simples, ao sair para o quintal naquela manhã avistou a mulher que estendia lençóis no varal, e imaginou navios... Também ao longo desse dia em que o campo floresce e a paisagem respinga-se de amarelos e roxos, um homem lamenta o filho que o envergonha, uma mulher fala do amor perdido na adolescência e a garota esperta seduz o seu pretendido conduzindo-o para o Jardim das Delícias. Pessoas simples se revestem de sua simplicidade — o fogo está aceso nos fogões a lenha.

Em algum lugar viaturas puseram-se em marcha para buscar um fugitivo, os sinais abriam-se e se fechavam ordenando o trânsito morno de domingo, nas igrejas entoavam-se os hinos, lia-se a Bíblia e o sacerdote subia ao altar para dar início à homília. As banhistas saíam embaixo de chapéus de palha para se abrigarem do sol carregando apetrechos de praia, as crianças corriam pela areia e as mães olhavam com apreensão, pois temiam as ondas. Pessoas vendiam coisas, compravam coisas como se a existência se resumisse nisso: vender e comprar coisas, e às vezes menos do que isso — pois o ato de ter é irrisório se comparado com a grandiosidade da vida: onde estão aquelas luvas que a senhora comprou no inverno passado e usou apenas uma vez? E os chapéus, as echarpes, as gravatas?... Os brinquedos do último natal, as crianças já os destruíram, e os livros lidos ou não lidos acabaram empilhados no fundo da estante, pois já falta espaço e é preciso levar alguns para o sebo, “no entanto” diz alguém, “o cata-dor de papéis levou embora as revistas velhas”... pois isso de ter também implica em comprar revistas novas e mandar as velhas para reciclar, o que depois se repete vezes sem fim enquanto sobre as sepulturas as flores do último Fim-dos ficaram murchas e secaram, há muito foram levadas em sacos pretos de plásticos para serem atiradas no lixo, nada restou de suas cores e perfume.

Mas as ruas estão cheias, estão vazias, as multidões desaparecem dentro de caixas, e a sombra dos prédios projeta-se aguda como flecha. As imensas vidraças copiam e decompõem a realidade, e se alguém passa diante daquele prédio de vidro será colhido por ele e durante uns poucos segundos fará parte de sua estrutura ilusória.

Nas casas prepara-se o café, pois amanheceu há pouco, e alguém sai para comprar o pão — esta, uma rotina quase sagrada: o pão fresco na vitrine da padaria, a manteiga na manteigueira sobre a mesa posta, os copos, os guardanapos, o açucareiro...

Nas praças há pombos e algum velho a jogar punhados de milho (sempre há velhos e pombos nas praças, se não em todas as praças, pelo menos em algumas), e alguém se aproxima para substituir a água do bebedouro das aves.

Porém avançamos pelas rodovias. Tomamos caminhos sinuosos que não conhecemos — pois sinuosa é a existência, e as matas entrevistas ao longe ericando a encosta dos montes agora acena para nós, próximas, densas, verdes, e então as rodas dos automóveis fazem levantar nuvens de pó.

Reses e pássaros saúdam o amanhecer de domingo, estes com seu canto estrídulo, aquelas com o lento balançar de sua cauda e um olhar tranqüilo pelos montes. Uma pancada de vento mais forte faz ondular a vegetação e crispa as águas do açude, e o rumorejar do vento nas copas traz uma saudade de milênios...

O Sol está forte nessa manhã, apesar de maio já estar no fim, mas o calor talvez não perdure pois os noticiários em breve falarão de uma frente fria, informando também sobre um ciclone que na véspera devastou alguma pequena cidade costeira que os mapas mal registram.

A manhã se prolonga, mas logo será meio-dia, fazendo lembrar que o tempo não se detém mas avança sem fazer ruídos, embora para muitos o dia de domingo se componha apenas da manhã, uma longa manhã que, de súbito, converte-se em noite.

Os domingos são dias definitivos no quais a marca da alegria ou o estigma da dor serão mais vívidos e permanentes. Assim foi escrito, promessa ou condenação, porém verdade.

Ernani caminhava de volta, ainda abismado diante do acontecimento. “Mas que maluca” dizia consigo mesmo sem, contudo, acrescentar mais, pois tinha a cabeça vazia, seus pensamentos não se ordenavam e só sabia dizer consigo mesmo que aquela garota era uma doida, “uma doidinha, isto é o que ela é, com essa história de paixão”, pois Anete com efeito a certa altura falara em paixão:

— Eu estou apaixonada pelo senhor, sabia?

— Apaixonada por mim? — ele surpreendeu-se.

— Desde o ano passado, quando o senhor veio, tá lembrado?, e a Titina mandou me buscar na vila para ajudá-la.

— Ano passado? Mas eu só estive aqui por um final de semana.

— Eu sei — e Anete fez uma pausa, baixa os olhos, a expressão do rosto subitamente séria. — O senhor decerto não se lembra... nem deve ter notado aquela moleca que ficava pelos cantos observando-o...

— Você me observava pelos cantos?

— De longe... sempre que podia... o tempo todo...

Ernani, aparvalhado e antes de abraçá-la outra vez, contempla a menina que, sem que ele percebesse, começara a dominá-lo.

Caminhando agora pela margem do açude, o cenho franzido, ora olhava para frente, para as distâncias, o céu muito azul acentuando esse ar de encantamento que parecia descobrir nas coisas ao seu redor, ora refreava os passos, avançando bem devagar enquanto voltava os olhos não para o chão, pois não enxergava com clareza a relva, as pequenas flores silvestres e chegava mesmo a sentir nesses instantes uma ligeira vertigem, mas apenas para baixo, concentrando-se em algum pensamento que custava a compreender: pois a menina — quem era, afinal, aquela menina? Anete... Anete era o seu nome, era tudo que sabia a seu respeito... —, a menina o levava para aquele local ermo e ali... o seduzira? Seria certo dizer que Anete o seduzira? E onde estava ela agora?

— Aonde você vai? — ele perguntou, ainda atarantado enquanto ela se vestia sem pressa e, depois, curvando-se para ele, o beijava na boca.

— Vou embora, seu Ernani!

— Mas já? — ele esboçou um gesto de protesto. — Não poderia ficar um pouco mais?

— As horas passam, seu Ernani...

— Não me chame assim — ele disse.

— E como devo chamá-lo?

— Depois disso — ele disse com um sorriso vago, fazendo um gesto igualmente vago com as mãos —, Ernani... só Ernani...

— Não, seu Ernani, eu posso me acostumar e chamar o senhor assim na presença dos outros...

— Mas que importa...?

— E o senhor quer que o outros desconfiem?

— Não... é certo que não... mas onde...?

— Vou embora, que o tempo passa... — e se encaminha para a direção oposta àquela por onde tinham vindo.

— Por aí? — ele estranhou.

— Sim, por aqui. Tem um trilho ali na frente, o caminho é mais distante, dá uma volta enorme, mas não há risco de que alguém nos veja juntos.

— Anete...

— Sim, seu Ernani?

— Por que...?

— Por que o quê?

Ernani, ainda sentado sobre as próprias roupas, encarava-a com um ar desprotegido. Levantou-se, no entanto, nu, e aproximou-se da menina. Segurou-a pelos ombros e olhou-a dentro dos olhos, sentindo-se confuso.

— O que foi, seu Ernani?

Ernani cobriu o rosto com as mãos, e no instante seguinte, sem dar pelo próprio gesto, beijava Anete com um desejo voraz.

— Que isso, seu Ernani? — perguntou Anete, divertida.

— Vai agora... vai...

Ficou olhando-a afastar-se, mas antes que ela desaparecesse na mata:

— Anete...

Ela se voltou:

— Eu vou embora hoje... daqui a pouco... talvez não tenhamos outra oportunidade de nos vermos...

Ela comprimiu os lábios e encolheu-se um pouco.

— ...mas eu posso voltar... sem muita demora... se você quiser *mesmo* que eu volte...

Anete abriu-se num sorriso ensolarado:

— Eu espero que sim, né?, seu Ernani... eu disse que estava apaixonada, se lembra? Vou estar aqui, esperando pelo senhor.

— Sim?

— Sim, ora essa! Claro que sim!

Fez uma pausa, fingiu um encabulamento que não sentia. Disse:

— Afinal, eu ainda quero que o senhor pinte um retrato meu!

— Prometo que pinto.

— E tem outra coisa que eu quero...

— Outra coisa?

— Hum-hum.

— E o que é?

— Um filho seu — sorriu com uma piscadela pousando a mão no ventre —, pois eu estou em meu período fértil — e se foi.

E fora tudo.

Ernani olha o relógio: quatro e meia, queria partir antes das seis, por isso resolveu espantar Anete de seu pensamento e apressou o passo, mas Anete se recusava a recuar e os projetos delineados naquela tarde para um retrato de Lara assinado por ele restaram definitivamente esquecidos.

Meia hora antes dois *Jeeps* haviam estacionado defronte à porteira da fazenda e seus ocupantes descido. Um soldado postara-se ao lado dos veículos enquanto o sargento à frente, seguido pelo cabo e este por quatro soldados, se encaminharam para a porteira. O sargento deu ordem ao cabo para manter a pequena guarnição em forma e avançou pelo caminho que conduzia ao caramanchão, passou por este pisando com solenidade o lajeado de pedras e, diante da varanda, bateu palmas.

A Titina apareceu à porta, espantou-se com a presença do militar e, levando a mão à gaforinha, permaneceu por um momento indecisa quanto ao que fazer.

— Os donos da casa, por gentileza — disse o sargento com suave autoridade.

— Sim, senhor — ela respondeu, atabalhoada —, vou chamar — e saiu o mais rápido que seu volume permitia.

Um instante mais tarde Lara apareceu, chegou ao portão, não compreendeu a presença do militar e sorriu:

— Pois não, senhor, pode subir.

O sargento surpreendeu-se com a beleza da jovem senhora que, feito uma visão, lhe aparecia à frente e mandava-o subir. Contemplou Lara imóvel e com enlevo, mas no instante seguinte deu-se conta de sua posição e do que o levara até ali e subiu os três degraus de pedra, enquanto Lara afastava-se para que ele entrasse.

O sargento pisou com seus coturnos o assoalho, produzindo um som cavo, e perfilou-se, numa rígida continência:

— Minha senhora — disse.

— Sim, senhor, o que deseja?

— Antes deixe que eu me apresente. Sargento Moura, ao seu dispor.

— Sou Lara, a dona da casa. Em que posso ajudá-lo?

— Estamos aqui numa missão desagradável, senhora, mas não é possível evitar. Devemos conduzir preso um fugitivo.

— Preso?... Um fugitivo?... Deus do céu! Em minha casa?

— Sim, senhora, um jovem de nome Donato...

— Oh!...

— A senhora decerto conhece...

— Sim, senhor... é o filho do nosso encarregado Gumerindo.

— Justamente, senhora, o pai se chama Gumerindo.

— Mas o que ele...?

— Primeiro precisamos encontrá-lo, senhora. Depois certamente lhe daremos todos os esclarecimentos. Podemos procurar pela propriedade?

— Oh, certamente que sim... como poderia ser diferente? A casa do Gumerindo fica nos fundos, naquela direção... estejam à vontade...

O sargento perfilou-se, juntou os calcanhares, batendo-os como um tambor, curvou-se ligeiramente e desceu as escadas. Embaixo, acenou para o cabo, que avançou comandando a pequena guarnição.

— É para lá — disse o sargento, e desapareceram em direção à casa do Gumerindo.

A essa altura alguns dos presentes já haviam saído à varanda e inquiriam de Lara o que se passava, o que queriam os soldados, o que estavam fazendo ali, que maçada!, em pleno domingo!...

O que se seguiu foi tão breve quanto triste: alguns minutos depois que a pe-

quena tropa desapareceu na direção dos fundos os que estavam na varanda viram um moço negro despontar correndo no oitão da casa e, após ele, a pequena guarnição — os quatro soldados seguidos pelo cabo, que se esfalfava. Um instante mais tarde os quatro soldados alcançaram o jovem negro entre as sebes e o derrubaram no chão, algemando-o prontamente e pondo-o de pé. O cabo, muito vermelho e suado, chegou no local da prisão, bufava e parecia irritado, “conduzam-no” berrou, “ele vai ver o que é bom pra tosse”. Não tardou aparecer, vindo da mesma direção, o sargento, sem apressar-se, muito digno, e, aproximou-se da guarnição. O cabo recuou um passo, pondo-se de lado e perfilando-se, por sua vez, enquanto o sargento examinava o preso, certificando-se de que não estava ferido.

— Não apertem as algemas. Na viatura, se o rapaz se comportar, poderão ser removidas.

Os presentes agora mantinham-se na varanda, alguns; desciam para o terreiro, outros; formavam pequenos grupos.

Mariinha, amparada pelo marido, tinha os olhos cheios d’água e contemplava penalizada o irmão que, no meio dos soldados, permanecia de cabeça baixa. Zefa vinha de dentro, em prantos, com a Titina cuja gaforinha parecia mais volumosa e desordenada, enquanto Lara e Gumerindo haviam-se aproximado do sargento.

— ...por indisciplina, senhora — dizia o sargento com uma autoridade cortês. — Senhor — para o Gumerindo —, seu filho tem-se mostrado indisciplinado e há pouco mais de um mês desrespeitou um oficial e foi preso.

— Sim — balbuciou o Gumerindo —, ele nos contou em carta que discutira com um oficial...

— Não só discutiu, senhor, como também agrediu fisicamente um oficial, quase lhe quebrando um dente com um soco...

— Deus do céu! Ele não nos disse nada disso!

— O comando determinou dois meses de prisão, após o que decidirá. Nesta semana a ordem foi a de que saísse à noite para cumprir serviço interno na companhia, mas ele aproveitou-se da situação para evadir-se.

— Meu filho, um fugitivo — Gumerindo olhava o sargento com assombro e Zefa, que acabara de chegar, cobria o rosto com as mãos.

— O comando supôs, acertadamente como vemos, que tivesse vindo para casa, e a ordem foi procurá-lo e conduzi-lo preso.

Gumerindo não tinha palavras, sentia os lábios trêmulos e a custo continha as lágrimas. Lara quis saber:

— E o que será feito dele, sargento?

— Deverá permanecer preso, senhora, e agora por tempo indeterminado. Somente o comando sabe o que se seguirá.

— Ele... pode ser expulso? — Lara perguntou.

— Não é impossível, senhora — disse o sargento, contrariado por sentir-se

frágil diante da beleza de Lara. — Não é impossível — reiterou. E após uma pausa: — Para ser mais exato, senhora... é o mais provável que aconteça.

— Oh, meu Deus! — Gumercendo cobriu o rosto com as mãos. — Expulso do Exército, meu filho, que vergonha!

— Já houve casos de expulsão por fatos até menos graves — informou o sargento. Tocado, porém, mais pela presença de Lara do que pela vergonha do pai procurou atenuar a gravidade da situação: — O comando, contudo, pode também decidir-se pela benevolência. Nada lhes posso adiantar com certeza. O certo é que deverá continuar preso por tempo indeterminado.

Lara baixou os olhos. O Gumercendo afastou-se um passo, vacilante, sempre com as mãos cobrindo o rosto.

— Senhora — disse o sargento, ainda incomodado. Nunca vira mulher tão bela, e certamente a lembrança daquele rosto permaneceria consigo por muito tempo —, se me permite, o tempo urge...

— Oh, sim, senhor... então... não há o que fazer, não é mesmo... é preciso deixar os acontecimentos seguirem seu curso... não é assim?...

— Não há outro jeito, senhora.

Lara aquiesceu com um gesto de cabeça.

— Cuidem bem do rapaz — pediu.

— Se ele se comportar, será bem tratado, sem dúvida. Afinal, não é um criminoso, só um indisciplinado.

— Comporte-se, Donato — Lara diz, porém o jovem pareceu não ter ouvido. — Pense em sua família... — mas a própria Lara já não conseguia conter as lágrimas.

O sargento voltou-se para a guarnição:

— Em marcha — disse com autoridade, e todos puseram-se a caminhar em direção às viaturas.

O sargento mais uma vez voltou-se para Lara esforçando-se para não demonstrar o quanto sua beleza o impressionava, mas não se furtando a olhá-la direto nos olhos para levar consigo — e talvez consigo preservá-la pela vida afora — essa imagem dos anjos. Juntou os calcanhares com austeridade militar, curvou-se brevemente, e pôs-se ele também em marcha.

Foi então que se deu aquele embaraçoso episódio que somente Lara testemunhou, para seu desgosto, mas do qual soube sair-se com dignidade, intocada, intocável, como do alto de uma inexpugnável torre.

O soldado preso é levado para a viatura de trás enquanto o sargento ocupa a da frente e dá ordem de partida. Os motores roncam, o sargento olha uma vez mais na direção do caramanchão, o *Jeep* arranca, o outro o segue...

...e Lara entra em casa.

Foi nesse momento: no terreiro as pessoas de reuniam em pequenos grupos e se dissolviam para voltar a reunir-se, comentavam entre si a prisão do soldado insubordinado, diziam palavras de ânimo para o Gumercendo e a Zefa, que

tinha os olhos vermelhos, mas Lara, ainda perplexa, entrou sozinha em casa e somente percebeu que fora seguida quando, no meio do salão, voltou sobre os próprios passos e deu com a presença de Emílio Borges, que se deteve.

— Um acontecimento deveras... — começou ele, concentrando-se.

Lara encarou-o com solenidade, as mãos juntas diante do peito, esperando pelo que viria.

— Imagino que para a senhora seja... enfim... constrangedor — e pareceu retificar-se: — Desculpe-me se a trato por senhora, afinal é tão jovem... e graciosa... permita-me tratá-la de maneira mais informal...

Lara não respondeu. Encarava-o com um sentimento de desgosto mas — admitia — também com curiosidade.

— Assim, em vista disso quero lhe fazer um convite... gostaria que visitasse a Magnólia. Amanhã, por exemplo... Sem bem que o Sr. Ernani comentou que parte hoje para o Rio, de forma que... Bem, não importa, você pode ir assim mesmo...

E sorriu-lhe avançando um passo em sua direção, quase tocando-lhe o braço com a ponta dos dedos num gesto que no último instante conteve.

— Assim será até melhor — ousou dizer olhando-a direto nos olhos —, pois não? Ficaremos mais à vontade... para passearmos por aquelas terras... Somente nós dois, está visto, pois...

Lara olhava-o agora com firmeza e até um pouco divertida (sem, contudo, demonstrá-lo) com seus modos canhestros. Porém não respondeu.

— Eu tenho muito interesse em si... isto é, em sua opinião acerca de algumas das espécies que cultivo e...

— Sr. Borges — ela disse por fim —, vou falar-lhe com a mais absoluta franqueza, e espero que não se ofenda...

Emílio Borges, apanhado de surpresa pelo tom de voz brando porém incisivo de Lara, imobilizou-se:

— É certo que não, Lara...

— Primeiro, não lhe dei licença de tratar-me por você. É muito íntimo e está reservado apenas aos meus amigos. Segundo, se eu algum dia trair o meu marido, o que pode ou não acontecer, não será com o senhor. Portanto é inútil insistir. Não tenho a menor intenção nem qualquer interesse em conhecer sua Magnólia e suas espécies e, se posso merecer-lhe um favor...

Emílio Borges pusera-se escarlate. Gaguejou:

— O que quiser... sim... o que... enfim, o que quiser...

— Não volte a esta casa. Pode ficar um pouco mais, não vá sair intempestivamente para não causar má impressão aos outros e dar o que falar... jogue conversa fora com quem queira ouvi-lo... mas quando retirar-se, que seja em definitivo.

E sem mais, Lara virou-lhe as costas e desapareceu no interior da casa.

Batiam as seis da tarde na pêndula, começara a escurecer e os que deveriam partir estavam prontos.

Virgínia e a mãe acabam de sair, e Ernani conduz sua bagagem para o carro. Emílio Borges desaparecera sem que ninguém percebesse.

Mariinha e Otávio apareceram na varanda seguidos por Lara, “cuide dos velhos” pediu a moça, “eles estão desolados”.

— Eu estarei aqui — disse-lhe Lara, como se assim tudo se acertasse: ela estaria ali, passaria uma temporada na fazenda, haveria de distrair a Zefa com sua tagarelice. — Quanto ao Gumerindo — diz Lara, pois o Gumerindo, ora, o Gumerindo era homem, um homem rijo, suportaria o golpe com denodo. — E afinal, minha amiga, não é o fim do mundo. O Donato é só um menino desajuizado — e lembrando-se do que dissera o sargento, ajuntou: — não um criminoso.

Mariinha abraçou-a, Otávio apertou-lhe a mão curvando-se ligeiramente. Partiram.

Ernani descia os degraus agora.

— Yolanda precisa estar no Rio amanhã, Ernani. Perguntou-me se você se importaria de lhe dar uma carona.

Ernani estacou. Pareceu indeciso por um momento.

— Não — disse em seguida com firmeza —, ela pode ir comigo.

— Vou avisá-la para que se apresse.

— O seu amigo também, se quiser.

— O meu amigo? — e Lara sentiu-se embaraçada, quase sem compreender a quem estaria Ernani se referindo.

— Sim, o jovem pintor. Se ele quiser vir...

— Oh... o Luciano... — e Lara pareceu momentaneamente perdida. — Nem sei...

E por dois ou três segundos não soube o que dizer. Em seguida atirou:

— Mas não, não se preocupe, ele veio em seu próprio carro... Além do que — e Lara está consciente de sua mentira, dita sem hesitação — hoje cedo ele comentou que talvez durma na vila...

Fizera-se noite.

O carro já rodava por uma hora e entre os dois ocupantes o diálogo se fazia de silêncio e poucas palavras.

Ernani dirigia e pensava, agradava-lhe dirigir e pensar, mas agora seu pensamento tornara-se errático, sinuoso, e entre os instantes de enlevo aqueles de aborrecimento, franca irritação. Pois afinal o que pretendera aquele sujeito, aquele Emílio Borges que se sentara à sua mesa e, como os demais, tomara parte em seu almoço; o que pretendera ele com aquelas insinuações?

Porém de súbito impunha-se a figura brejeira de Anete, seu jeito a princípio desabrido, até mesmo insolente, mas que no momento certo se revelava cheio de doçura...

E pensou em Anete. Pensou na promessa que fizera, voltar por causa dela. Agora, horas depois e já se distanciando, reconhecia em tal promessa uma falta

de senso, uma bobagem de adolescente, ele, um homem maduro, calejado... “Estou bancando o bobo, literalmente bancando o bobo” ocorria-lhe enquanto girava o volante para vencer uma curva, e na reta que se abria adiante pisava o acelerador deixando para trás uma nuvem de pó.

E então se interpunha a figura impertinente de Emílio Borges que, no fim da tarde, encontrando-o só na varanda, aproveitara para puxar assunto; conquanto não houvesse mais o que dizer, referira banalidades, mencionando uma vez mais sua fazenda, a produção, o gado, a preocupação com a gente do serviço, uma falsa consternação pelo ocorrido com o filho do Gumerindo, “pois veja o senhor, ser procurado assim por homens do exército...” e, por fim, depois de uma pausa, fazendo como que *en passant* um comentário acerca do jovem pintor — ele havia mencionado Luciano sem nomeá-lo, “aquele rapaz que pintou o retrato de sua senhora” dissera.

Ernani, que pretendia entrar, pois finalizava os preparativos para seu regresso, ficara a ouvi-lo por mera cortesia.

— Um retrato muito bom, sim senhor — acrescentara —, mas...

— O jovem ainda tem o que aprender — Ernani respondera com voz surda e sem mover-se, pois com franqueza não se sentia animado a conversar, não apreciava parlendas fúteis, e tal resposta se devia apenas à irritação de que fora tomado ao defrontar-se com o quadro e ao fato de virem lembrar-lho ainda uma vez.

— Oh, quanto a isso — prontificara-se a concordar Emílio —, sim, quanto a isso... Embora eu não tenha familiaridade... enfim, nunca me enfronhei nos assuntos da arte... Ah, sim — disse como a quem ocorre de última hora algo muito importante —, eu convidei sua senhora para conhecer minha fazenda, a Magnólia, mas ela me disse que o senhor viaja hoje para o Rio... claro está que o convite é extensivo a sua pessoa.

— Agradecido, mas fica para outra ocasião — disse Ernani com brevidade. — Com efeito, parto daqui a pouco.

— Sim, sim, compreendo.

Emílio Borges fez um bico, respirou com força e meteu as mãos nos bolsos.

— Para um retrato como o que foi feito de sua senhora — disse ele em seguida —, a pessoa retratada, isto é, o modelo, não é?, deve expor-se ao artista...

— Não se diz *expor-se* — corrigiu Ernani —, e sim *posar*.

— Ah, sim, posar, é isto o que eu queria dizer. Perdoe-me a ignorância. Mas ainda assim... o que eu queria dizer é que... — e fez uma pausa prolongada, caminhou até o peitoril e ali se debruçou olhando o jardim. Depois, voltando-se a meio para Ernani: — É que talvez não fique bem...

Ernani reduz a velocidade: avançavam agora por um trecho mal conservado da estrada. Talvez levasse ainda uma hora para alcançar a rodovia...

Olhou de relance a mulher ao seu lado, “a estrada não tem sido conservada neste trecho” comentou, mas ela não parecia muito disposta a falar. Yolanda

tão somente movera a cabeça, concordando, mas seu pensamento ficara na fazenda. Não, com certeza tinha compromissos no dia seguinte e não poderia demorar-se mais, conquanto mesmo ali houvesse o que fazer: sua missão, sempre essa missão que se havia imposto (por isso como lhe fora oportuna a carona que Ernani lhe oferecera!). Mas não era a missão, seu apostolado, que a preocupava. Yolanda suspira, “será que chegamos às nove?” disse, e fora a segunda vez a dizer alguma coisa desde que partiram.

— Penso que não — Ernani respondeu. — Com sorte, perto das dez.

Não se preocupava. Chegassem quando chegassem: que importância teria aquilo de horário? Pois quando chegassem, Ernani faria a gentileza de deixá-la em frente ao seu prédio, ela saltaria e ele arrancaria em seguida. Quando entrasse, o porteiro da noite — um tipo baixo e troncudo, já um tanto velhusco mas sempre pronto a rir e a contar anedotas — a cumprimentaria como de costume, pondo a cara para fora de sua cabine e baixando por um instante o som da TV. Ela subiria as escadas — morava no quarto andar — pois preferia as escadas ao elevador e, ao abrir a porta, estaria pronta para enfrentar a solidão de seu apartamento. Por isso não importavam as horas, falara apenas por falar. Talvez para desviar, embora por um breve instante, sua lembrança... Pois Yolanda lembrava: não que lhe desagradasse lembrar, mas quando tinha seu pensamento desviado do centro de suas atenções era com mais prazer que a elas retornava — como quem acorda no meio da noite com um barulho qualquer e, em seguida, com a restauração do silêncio volta a dormir, e então o sono parece melhor e maior a sensação de conforto.

— O Sr. Emílio Borges pareceu-me pessoa um tanto rude — observou a Sr^a Palmira sentando-se à mesa para sua frugal refeição da noite.

Virgínia servia à mãe, pois àquela hora os criados já haviam sido dispensados e só retornariam na manhã seguinte.

— Falta-lhe tato — comentou Virgínia aproximando da mãe a travessa com salada —, traquejo social, conquanto seja um homem do mundo. A senhora toma limonada?

— Seja — respondeu a mãe —, mas apenas meio copo.

— Ele nos convidou para conhecer sua propriedade — lembrou Virgínia enquanto servia-se de um pouco de arroz. — O frango está sequinho, mãe, a senhora pode comer um pedaço que decerto não lhe fará mal algum.

— Uma coxa, talvez, mas sem a pele. Por favor, filha, retire o osso...

— Sim, mamãe. Curioso, há tantos anos o Sr. Emílio Borges é proprietário na região e não chegamos a travar relacionamento.

— Talvez por nãoirmos amiúde e não coincidir... Passe-me o arroz, filha, por gentileza.

— Pois não, mamãe.

— Além do mais parece-me que a propriedade do Sr. Emílio Borges fica distante.

Virgínia acabara de desossar uma coxa de frango para a mãe, “espero que esteja bem” diz.

— Sim, filha, está bem assim.

— Mas não tanto que não possamos visitá-la.

A Sr^a Palmira se deteve, levantou o rosto para a filha:

— Você pretende então...?

— Ora, mamãe, por que não? Ele disse que possui pôneis, e eu gosto de pôneis.

— Você nunca fez nenhuma referência a pôneis, filha!

— Não houve oportunidade, mamãe. Mais salada?

— Não, estou satisfeita, obrigada... mas... então você pretende...?

— Mãe — e Virgínia olhou carinhosamente para a mãe, pousando-lhe com delicadeza a mão no braço —, mãezinha... o senhor Emílio Borges é um belo homem, jovem ainda, pelo menos não demonstra a idade que tem... falta-lhe apenas um pouco de educação... boas maneiras... mas isso é coisa que se aprende com facilidade, basta que tenha uma boa professora... e eu acho que saberia ensiná-lo.

Os faróis do automóvel furavam para adiante o túnel da noite sem luar. Percorriam agora uma estrada quase reta, de um lado montanhas recobertas por longas faixas de mata atlântica, do outro terrenos quase planos com vegetação rasteira. Pastos. De dia era possível ver rebanhos espalhados pela distância, mas agora a luz dos faróis mostrava apenas os moirões da cerca que passavam céleres em sentido contrário.

Pois Emílio Borges deixara no ar aquele comentário dito de forma um tanto displicente, “é que talvez não fique bem”, e Ernani, que ainda sentia a presença poderosa de Anete, sua nudez, sua pele macia, suas maneiras graciosas, não havia respondido, à espera de uma conclusão.

— Quero dizer — Emílio Borges prosseguiu —, que a sua senhora permaneceu tanto tempo na companhia do rapaz...

E calou-se, esperando que o outro absorvesse o golpe.

— Não por sua senhora — apressou-se contudo em emendar —, está visto que não, mas essa mocidade de hoje em dia não respeita ninguém. Veja o senhor que lá na Magnólia — e prosseguiu referindo o caso do filho de um colono de sua fazenda, “um frangote!”, que andara “bulindo com a mulher dos outros” até receber um corretivo —, e que corretivo, muito bem merecido sim senhor! Está visto que eu não me meti na história...

Ernani ouvira quase sem acreditar as insinuações perniciosas do outro, que fazia nova pausa, para prosseguir:

— Devo dizer-lhe que julguei perceber... certas liberdades daquele moço... o Sr. me entende — e Emílio Borges assumia o ar de um homem sério, muito respeitador, e reafirmava ter notado certas liberdades do jovem pintor com relação a Lara, “não que ele tenha dito nada de ofensivo à moral, não, isso não,

mas...” e deixava no ar umas reticências maldosas. Certamente Lara portava-se com elegância e delicadeza, não faria uma desfeita a um convidado, porém cabia ao rapaz saber colocar-se em seu lugar, reconhecer até onde convêm as intimidades...

— Em suma — disse Ernani —, o senhor quer dizer que esse rapaz passou uma cantada em minha mulher. É isso?

Emílio Borges desconcertara-se com a reação direta e enérgica de Ernani, porém sua recuperação foi imediata e cheia de medidas:

— Oh, não, Sr. Ernani, claro que não! Isso não! Comento apenas que talvez não seja conveniente que um jovem como ele se mostre muito próximo, percebe?, muito íntimo...

Ernani olhou o outro por alguns segundos, franzindo a testa, com um misto de curiosidade e repulsa. Sem acrescentar, deu-lhe as costas e entrou.

O carro contorna agora uma curva acentuada, principia um declive e adiante penetram na mata fechada cujas árvores de um lado e do outro da estrada fazem suas copas se entrelaçarem, formando no alto uma cúpula alongada e farfalhante. E mais uma vez Anete intervém com sua nudez e seu jeito atrevido, sua vívida presença. “Deus do céu!” exclama consigo mesmo, “e ela ainda me vem com aquela história de período fértil e filho! Que maluca!”

Ernani se sente atordoado.

Como poderia, porém, Yolanda tocar naquele assunto com quem quer que fosse?

Certo é que ela nunca supusera uma transformação tão repentina em sua vida, nem poderia supor. Aprendera a envelhecer sozinha, mulher independente, professora universitária, dona de seu nariz. Na juventude sentira-se confusa, pois ao se deitar pela primeira vez com um homem — um jovem do último ano a quem julgara afeiçoar-se — o que deveria ter sido prazer fora decepção, de tal forma que dispensara o rapaz sem qualquer explicação. Simplesmente não queria vê-lo mais, nem ao menos vê-lo, enfatizara, e o deixara confuso, plantado no meio da rua. Quantas experiências — e conseqüentes decepções — teve até compreender que a culpa não era dos seus namorados, mas dela? Custou-lhe compreender que o que sentia afinal era uma irremediável aversão pelos homens, e o ato do amor, que deveria através do êxtase transportá-la ao Éden, levava-a cruamente a um lodaçal no qual sentia-se enojada. Por último tal repugnância sentia ao contato com o membro masculino que desistiu, e julgou-se frígida, “sou uma mulher fria, o sexo não me apetece”.

Demorou outro tanto até compreender que se sentia atraída por mulheres.

Então já vivia sozinha: deixara a casa da família, pode-se mesmo dizer que se afastara dos seus com determinação, procurando-os às vezes para que os laços não se rompessem de todo (tampouco achava certo abandonar seus pais idosos), mas fazendo questão de preservar sua independência e sua intimidade.

Porém não se envolvera seriamente com mulher alguma. Sempre receara o

escândalo, “na minha posição...”, pois sim, na sua posição de professora de alto nível, que orientava teses de mestrado e doutorado, que tinha jovens a quem encaminhar na vida nesse que era o último estágio de preparação intelectual: envolver-se num escândalo dessa natureza seria jogar por água abaixo tudo que conquistara. Seus envolvimento com outras mulheres eram não apenas ocasionais mas resguardados por um sigilo que chegava a parecer neurótico. Suas parceiras compreendiam, algumas eram mesmo casadas e só procuravam experiências desse tipo por desfastio, “meu marido é um brutamontes” diziam-lhe às vezes, e ela compreendia que essas infelizes viviam acorrentadas a um casamento que não fazia mais sentido e não tinham coragem de livrar-se dele. Mas mesmo esses envolvimento, pouco numerosos, eram passageiros, não duravam, e se Yolanda conhecera com outra mulher o êxtase que homem algum lhe proporcionara, no final das contas tudo não passava de um prazer momentâneo, intenso porém falaz: não sentira brotar em seu coração o amor, esse amor de que falam as mocinhas apaixonadas, os romances de Júlia e Sabrina, as novelas de Bárbara Cartland...

“O amor não existe, para mim não existe” concluía.

Mas no início daquele ano letivo, ao entrar em sala para o início das aulas, avistou Lara na segunda fila.

Ernani se pergunta o que estaria Anete fazendo àquela hora. Pensa uma vez mais em como fora envolvido por aquela matutazinha “que de boba não tem nada”, mas sente a interferência de Emílio Borges com seu veneno e o manda para o diabo. Irritara-se, embora não fosse desconfiar de Lara após o que ele havia dito, Lara jamais se envolveria com um pirralho, do que Ernani sentia-se convicto; “tudo bem” anuiu de má vontade, o pirralho tinha lá seu talento... talvez a impressionasse seu tanto, mas Lara, mulher superior que era, jamais “daria confiança” a um fedelho. Afinal, ali estava ele, não apenas o marido, mas o homem público, o artista brilhante, aquele que se elevava à sua altura, pois Lara — dizia consigo mesmo — era com efeito uma mulher superior...

E Anete? Então se sente estremecer, porque Lara era uma mulher superior, porém Anete o envolvera, Anete tomara conta de seu ser, Anete ocupava um espaço cada vez maior em seu pensamento: Anete, a matutazinha desabrida, insolente... e doce!

Que estaria ela fazendo agora? — ocorreu-lhe. Pois Anete era muito nova e vivia com a família, e por certo à noite permanecia em casa, sob a guarda dos pais, em outras palavras, não “sairia por aí, a vagabundear”, e Ernani pegou-se com ciúmes da garota, pois afinal “ela bem que poderá ter um namorado e sair para encontrar-se com ele” pensou com apreensão, e chegou a reduzir a marcha como se fosse voltar e procurar por ela, saber ao certo onde morava (Anete lhe indicara vagamente um lugar, mas não dera um nome de rua, que talvez nem tivesse nome, nem um número, dizendo apenas “minha casa tem janelas verdes e um jardinzinho na frente, é a única de janelas verdes e com um jardim”) e

espionar... e se sentiu subitamente envergonhado, pisou no acelerador fazendo o carro dar um salto para frente espantando Yolanda que saiu momentaneamente de seu alheamento. Pois Ernani irritava-se consigo mesmo só em pensar que fora fisgado pela garota, sentindo-se enciumado a imaginar que a danadinha pudesse estar nos braços de algum rapaz e quase fazendo meia-volta para procurá-la, “pois se essa amiga de Lara não estivesse comigo” pensou, pois era certo — pelo menos quase certo — que se estivesse só Ernani voltaria, deixaria o carro estacionado próximo à pracinha e percorreria as ruas da vila, seguindo as indicações que ela lhe dera, e encontraria sua casa e talvez chegasse à porta e batesse...

Ernani sorri com deleite, imaginando a surpresa de Anete ao abrir e dar com ele, seu olhar de espanto, seu sorriso de moleca, quando então ela daria um passo para fora e o tomaria pelas mãos... Porém, não podia. Seria comprometer-se, o que diria Yolanda se ele procedesse dessa forma? Não que fosse desconfiar, mas assumira um compromisso de dar-lhe uma carona para casa, não teria nenhum cabimento retroceder...

“Amanhã...?”

E pensou se não poderia voltar no dia seguinte. Não, decerto não poderia, e passou a enumerar seus compromissos, pois apesar de artista, apesar de ser dono de seu tempo, não lhe faltavam compromissos a atender... “Ora, ora” murmurou com aborrecimento e fazendo planos de voltar algum dia, “qualquer dia” pensou, não nessa semana, talvez não na outra, “estou feito criança, não posso me dar o luxo de...” e em seguida: “Tenho meu ateliê, tenho uma nova série planejada, não posso perder tempo”, e achou que estava pensando feito um garoto que descobre seu primeiro amor e a todo momento vai procurar sua amada porque é muito custoso estar distante dela, mas ele não era um garoto, Anete não era sua amada, Anete era apenas uma matutazinha com quem ele se divertira um pouco...

“Ora essa, voltar por causa dessa moleca, eu...?” — e balançou a cabeça achando graça de si mesmo. “É óbvio que tudo isso é uma tolice, é óbvio que meses, quem sabe até mais de um ano, vão se passar antes que eu pense em pôr meus pés outra vez na fazenda...”

Enfim alcançaram a rodovia, os pneus rodavam macios no asfalto liso e livre de acidentes, carros passavam em sentido contrário baixando os faróis, carros mais velozes o ultrapassavam e diminuía ao longe até desaparecerem, o que estimulou Ernani a adiantar-se também, e pouco a pouco acelerou. O automóvel avançava com rapidez, vencia as distâncias, postes, placas de sinalização, letreiros luminosos iam ficando inapelavelmente para trás: logo estaria em casa.

Eram quase oito horas quando o zelador Antônio abriu a porta dos fundos e, pondo a cara para fora, vigiou o quintal: agora deveria sair, bater à porta de Silvana e dizer-lhe que o jantar estava pronto.

Pois Antônio decidira preparar o jantar e convidar a vizinha com a filha, a

pequena Nicinha, para lhe fazerem companhia. Seria uma surpresa, e já antevia a cara de sua vizinha quando fizesse o convite, antevia as expressões de contentamento da criança. E se já tivessem jantado? — ocorreu-lhe. Seria uma contrariedade, seu convite perderia o sentido, teria sido melhor tê-las prevenido pois assim esperariam, e quase desistiu.

Ouviu um leve tropel vindo dos fundos do quintal e viu passar um gato em disparada e, um segundo depois, em seu encalço, a cadelinha. “Pituka!” chamou-a, mas o animal não lhe deu atenção, desapareceu na viela em sua perseguição furiosa.

Bem, o jantar estava pronto, desse no que desse deveria seguir o planejado: atravessou o quintal e foi bater à porta de Silvana, que abriu em seguida.

— Ah, é o seu Antônio — disse.

Nicinha correu, meteu-se pela abertura da porta e saltou-lhe nos braços.

Mas havia alguém com elas ali?

— Entre, seu Antônio — disse Silvana —, seu Aldir também está aqui, veio para um dedo de prosa.

— Ora essa — disse o porteiro Antônio disfarçando sua decepção.

E agora? Convidaria também o Aldir? Mas não tinha graça aquilo, fizera um jantar pensando em Silvana e Nicinha, o Aldir destoava completamente: não que não se dessem bem, o Aldir era um boa-praça, prestimoso e conversador, mas era público que arrastava uma asa na direção de Silvana — não que aquilo fosse de espantar, afinal o Aldir era um homem de quarenta e cinco anos, trabalhava como fiscal de vendas numa grande rede comercial, era dono de sua casa e tinha condições de oferecer algo de concreto para a moça e sua filha... Não, tudo aquilo estava muito certo, e até achava conveniente que os dois se acertassem (a própria Silvana não vivia dizendo que Nicinha precisava de um pai?), mas naquela noite queria para si a companhia das duas, mãe e filha, e até lhes preparara um jantar, abria um vinho (uma daquelas garrafas que trazia das noites de *vernissage*, que sobravam e lhe eram oferecidas a título de gratificação), conversariam até mais tarde e depois... bem, depois elas se retirariam e ele ficaria sozinho outra vez. Como sempre. Como já se habituara.

(Em algum momento ter-lhe-ia ocorrido que desse jantar poderia surgir “algo mais”? Passava-lhe pela cabeça que uma coisa assim teria cabimento? Antônio alguma vez chegara a imaginar que Silvana pudesse interessar-se por si, apesar de sua maneira de mencionar o quanto a pequena carecia da presença paterna? Para isso o Aldir também serviria... E quanto a si, em que momento começara a levar a sério que poderia ser esse pai de que Nicinha precisava, ou mesmo de que quereria ser esse pai, e não apenas um avô postiço que ajudasse a criar a menina e acompanhasse seu desenvolvimento com os cuidados e atenções de um avô de verdade?)

Mas o Aldir estava em casa de Silvana e competia decidir-se: convidava-o também ou calava-se quanto ao jantar e entrava?

— Eu não quero incomodar — disse, ainda indeciso, de pé na soleira.

— Não é incômodo nenhum, seu Antônio — insistiu Silvana —, entre e venha sentar-se que a janta não demora.

— Entra, seu Antônio — a vizinha miúda de Nicinha —, o senhor quase não entra em nossa casa.

E todos riram da prosa da criança.

Antônio não teve escolha: entrou e foi sentar-se numa cadeira que Silvana lhe indicara, e Nicinha aconchegou-se-lhe muito, não como neta postiça, pensou, mas como filha — “será?”, e lançou um olhar para o rival.

Os dois, no entanto, se encararam com um amistoso boa-noite, nem um nem outro dando a entender a contrariedade da situação que se formara. Não podia haver qualquer dúvida de que a presença do Aldir naquela casa escondia intenções. Conquanto o Aldir fosse homem reservado quanto a isso, corria há algum tempo que ele pretendia propor casamento a Silvana, não dito assim tão explicitamente, mas na forma de um que outro comentários que os vizinhos vez a vez entreteciam, ou por desfastio, ou por não terem o que dizer, que da boca do Aldir mesmo nunca saíra nada similar. Poderia Antônio ter certeza de alguma coisa? Certo é que não havia nada demais na história; fora o fato de que o próprio Aldir não a havia confirmado, parecia-lhe perfeitamente natural, e como Silvana fosse uma mulher atraente não seria de esperar que algum morador da vizinhança viesse a interessar-se por ela?

“Por que não o Aldir?” pensou Antônio.

Teve ímpetos de levantar-se e alegar qualquer coisa, inventar uma história, uma lembrança de última hora, sair e deixá-los a sós para que o destino seguisse seu curso, mas continuou — teimoso — no mesmo lugar.

Estaria o velho Antônio entrando na liça?

“E no entanto” pensou Yolanda reclinando-se no encosto e fechando os olhos que o brilho às vezes intenso do neon agredia, “ela considera ‘esse tipo de gente’ asquerosa. Ela sentiria nojo de mim, se soubesse”.

Porém na vila, numa ruazinha mal iluminada uma janela se abre sobre um pequeno jardim e um vulto aparece e se debruça. Do outro lado passam alguns trabalhadores que, detendo-se em algum botequim, ali fizeram hora e por isso acabariam chegando em casa atrasados para o jantar. Se algum deles percebeu o leve rangido da janela se abrindo e olhou naquela direção, por certo não reconheceu quem se debruçava no peitoril, porque a lâmpada defronte estava queimada.

Logo a ruazinha ficou inteiramente deserta, mas o vulto permaneceu à janela — ainda que fora não houvesse nada para ser visto, nem ninguém com quem conversar.

De dentro, veio uma voz:

— Anete, não vem jantar, filha?

— Ainda é cedo, mãe.

— Cedo? Já são quase oito horas. Já vamos pôr a mesa.

— Mãe...

— O que é?

— Estou sem vontade. Deixa aí que depois, se me der fome, eu como.

Não houve resposta, mas o som de chinelos indicou a aproximação da mãe:

— Você está se sentindo mal, Anete?

E a mãe pôe-lhe a mão na testa para verificar se tinha febre.

— Ora, que idéia, mãe. Só estou sem fome agora, creio que andei comendo alguma coisa lá pela fazenda... é por isso... eles fazem tanta comida que a gente acaba enjoando...

— E como tem sido por lá?

— Tem sido bom. Às vezes há muito o que fazer, principalmente nos primeiros dias, mas o pagamento é ótimo e além do mais tem a Titina, a Zefa... e eu vou ficar para ajudar enquanto dona Lara estiver por aí.

— E quanto tempo ela vai ficar?

— Pelo que eu ouvi dizer, uns três meses.

— É ganho certo, filha, mas pena que por pouco tempo. Se houvesse um jeito de você se tornar fixa na casa...

— Mãe...

— Sim?

— Se eu te contar uma coisa...

— Hummmm...

— Não, sério... se eu te contar uma coisa a senhora não conta pra ninguém? Jura?

— Vamos ver...

— Não, tem de jurar.

— Está bem, eu juro. O que é?

— Eu acho que o casamento de dona Lara não demora e vai por água abaixo.

— O quê? Anete! Essas coisas não se comentam! Como você ficou sabendo disso?

— É que desta vez tem um rapaz lá, veio com ela do Rio... Isto é, ele veio no carro dele, ela no dela, mas vieram juntos, sabe?, e eles passaram a maior parte do tempo juntos...

— Filha, que coisa feia, então você deu de bisbilhotar a vida dos outros agora?

— Não, mãe, não é que eu esteja bisbilhotando... é que todo mundo vê, e eu não sou cega... todas as tardes os dois iam para a biblioteca, que fica no segundo andar, e ficavam lá sozinhos por um bom tempo...

— Ora, devem ser amigos, não há mal algum nisso. Por que tirar apressadamente conclusões maldosas?

— Não, é que o rapaz é pintor, e dona Lara dizia que estava posando para ele. Só vendo, mãe, o retrato que ele pintou de dona Lara! Uma coisa linda!

— Então, Anete, era verdade que ela estava posando, por isso estiveram juntos todas as tardes. Não foi isso?

— Mais ou menos... foi isso, mas não apenas isso...

— Hum... sei. Mas olha que eu não gosto dessas coisas, não a eduquei para ficar xeretando a vida dos outros, hein?

— Eu sei mãe, mas tem outra coisa...

A mãe cruza os braços, numa atitude de indagação.

— Não fica assim, mãe, é só uma outra coisa que eu acho que está acontecendo...

— E o que é, dona Anete?

— Sabe, mãe... eu acho que seu Ernani... Seu Ernani é o marido de dona Lara, sabe?...

— Sei, e o que tem ele?

— Eu acho que ele está gostando de outra pessoa também...

— Anete! Você está me saindo uma alcoviteira e tanto, hein?

— Não, mãe, juro... Mas que ele está gostando de outra pessoa, olha... eu tenho quase certeza.

— É você decerto sabe quem é a pessoa...

— Hum... mais ou menos...

— Está bem, dona alcoviteira. Agora fecha essa janela e vem pra mesa.

— E pelo que eu desconfio, a pessoa de quem seu Ernani está gostando...

— O que é que tem? — a mãe pergunta, fazendo cara de troça.

— ...é gente do lugar...

— Sei. Vê se um homem feito seu Ernani vai se meter com gente desse meio de mato!

— Mas é verdade, mãe!

— Deixe-se de histórias, menina faladeira, e vem logo!

— Eu quero ficar mais um pouco, mãe — Anete encolhe os ombros —, a noite está muito bonita, e eu ainda não estou com fome.

No interior da casa ouvem-se os preparativos do jantar: a mesa é posta; o pai de Anete pergunta pela filha mas antes que lhe respondam começa a se servir; duas crianças, um menino e uma menina de dez e onze anos — os irmãos mais novos de Anete —, começam uma algazarra a que a mãe põe termo com um puxão de orelhas e o silêncio se restabelece.

Na janela, apenas a menina sonhadora permanece: sonhando. E à espera de alguém que ela está certa de que virá.

“Eu sou uma falsificação” pensa Yolanda, “eu sou capaz de causar-lhe pavor... e por isso ela nunca saberá.”

“Está decidido” diz por sua vez em voz baixa Ernani já sem conter a opressão que lhe aperta o peito, “está decidido!”. Sentira-se alguma vez assim em relação a Lara? Procura, em sua exasperação, lembrar-se de como fora com Lara, aquela mulher de extraordinária beleza, porém também de grande simpli-

cidade de gestos e quietude de temperamento, que o impressionara mas não o excitara, que conquistara sua admiração (uma admiração que aos poucos foi arrefecendo, à medida que o hábito e outros interesses se interpunham, e que por fim despontava tibiamente nos acontecimentos sociais onde podia apresentá-la como sua esposa, envaidecendo-se apenas por saber que com isso despertava a inveja de outros homens) mas não seu desejo, com quem em muitos momentos fora afetuoso mas não amoroso, a quem tocara como quem toca a superfície da Vênus de Milo e não o corpo ardente de uma mulher... Não, Lara nunca despertara em si o que Anete fizera aflorar em seus sentidos; Lara estivera sempre distante, longínqua como o alto de uma montanha, “o pico do Everest!” ocorre-lhe em comparação, enquanto Anete encontrava-se em si, dentro de si, como seus nervos, suas veias, seu sangue!

“Um filho” ele pensa, lembra do gesto delicado de pousar a mão no ventre, “um filho com essa maluquinha!...”

— Está decidido! — exclamou então com furor, desferindo um soco no volante e fazendo sobressaltar-se Yolanda ao seu lado, que o olhou com estranheza e só se aquietou ao se aperceber de que tal rompante devia ser um desses momentos típicos de um artista excêntrico.

Mentalmente fazia uma lista de seus compromissos: dos mais urgentes se desincumbiria em no máximo dois dias. Quanto aos outros, que ficassem para a semana seguinte, “que se dane o resto!” murmurou comprimindo o volante com as mãos, com os dedos rigidamente fechados — pois uma coisa era certa: não estava disposto a perder Anete, o que significaria perder-se a si mesmo: e pisava fundo o acelerador. “Não, não vou perdê-la... dou-lhe tudo que quiser, pinto-lhe o melhor retrato do mundo, se é o que você quer... sim, é isso, mostro a todos quem é Ernani de Castro... ponho no chinelo aquele guri... ou não, pois agora pouco me importo com ele... mas Anete vai ser minha, só minha” — e por isso decidira voltar: em dois dias se organizava e punha-se de volta... por ela, para ela...

“...E por mim” exclama, “e também para mim”.

Ernani enfim descobria o amor.

Lara sentiu-se — opressiva sensação — vigiada pelo retrato de Rosinha. Levantou-se dum salto, virou-se com rapidez recostando-se na penteadeira e apoiando a palma das mãos na borda do móvel.

“Então existe uma maldição...”

Ainda há pouco vira no espelho seu rosto febril, sentindo a cabeça latejar, e respirou com dificuldade. “Não, não há mal nenhum...” dissera consigo mesma (raciocinava de forma fragmentária, não punha em ordem seus pensamentos), “nenhum mal... nenhum mal” — pois na manhã anterior, ao abrir o caderno numa página em branco havia escrito “Sonharei ainda!”, e não estava disposta a renunciar.

“Não, não vou renunciar!”

Ao voltar-se, entretanto, para o retrato de Rosinha viu a si mesma. Lara está de pé observando de longe o misterioso retrato enquanto o espelho da penteadeira reflete sua esplêndida nudez, seu corpo dourado pela luz amarelada do teto: então cruza a extensão do quarto, contorna a cama, e vai-se aproximando devagar do retrato.

Detém-se diante dele, numa admiração silenciosa.

“Quem foi você, Rosinha?” perguntou-se.

Pois no começo da semana, quando Luciano se deteve diante da fotografia emoldurada na parede, contou-lhe o que sabia dessa personagem misteriosa que fora uma antepassada sua e cujo retrato — o de uma adolescente de treze anos — completara cem anos.

— Fala-se dela como se houvesse uma espécie de maldição — havia dito.

— Maldição?

— Sim, por causa da beleza...

— Que você herdou, Lara.

Lara o encarou, depois sorriu:

— Somos tão parecidas assim?

— São iguais... ela tinha treze anos nessa época?

— Treze anos — confirmou. E após uma pausa: — Sim, somos iguais. Eu, aos treze, era igualzinha a esse retrato.

Luciano estava impressionado.

— Mas e a maldição? — quis saber.

— Não... é apenas modo de dizer... Rosinha era uma mulher arrogante por causa de sua beleza...

— O oposto de você, então — ele comenta.

— Sim... muito diferente de mim... E segundo dizem foi essa arrogância que a destruiu. Conta-se que um dos filhos da antiga proprietária desta casa se apaixonou por ela e viveu esse amor doentio e destrutivo toda a vida...

E agora ali estava ela, perturbada, contemplando o retrato e confirmando para si mesma, com um estremecimento, que haveria de fato uma maldição em tanta beleza. (Rosinha não havia pago caro demais por ela?)

“Como se a Natureza se apercebesse de ter cometido um erro...”

Olhou o relóginho de pulso: faltavam dez para uma. Desprende o relógio e continuou olhando o mostrador por muito tempo, até perder a noção do que estava fazendo. Então voltou a si, aprumou-se. Respirou fundo.

As luzes da casa estavam acesas por volta das dezoito e trinta quando Luciano entrou e foi encontrar Lara e a mãe na sala de estar.

— Esteve passeando, Luciano? — Lara perguntou-lhe com um sorriso. — Venha sentar-se conosco. Jantamos às sete e meia, como de hábito.

— Sim, obrigado — e sentou-se numa poltrona defronte às duas mulheres. — É... com efeito eu... enfim, saí para espairar, andei por aí... preferi esconder-me um pouco depois de tudo...

— Depois de tudo o quê, Sr. Luciano? — Helena perguntou. Distraía-se tricotando um pulôver para a filha.

— Oh, bem... depois de eu ter ficado na berlinda — e sorriu.

— Ora, Luciano — disse Lara —, você não esteve na berlinda.

— Se não! — responde Luciano, cuja timidez não lhe favorecia estar em evidência como naquela tarde. — Apesar de tudo, tive receios de que... — ergueu os ombros.

— Penso que o senhor se sentiu apreensivo à toa, Sr. Luciano — Helena continuou. — Agora que conheço sua competência, posso afiançar-lhe que não há o que temer quando se tratar de pintura.

— Grato por suas palavras, senhora — respondeu Luciano —, mas acontece que estava presente alguém que...

— Ora — retorquiu Helena com acidez e tricotando rapidamente —, estava presente o senhor meu genro, mas não é nenhum bicho-papão. Além do mais, ele faz o trabalho dele, o senhor faz o seu. Se existe uma diferença, esta reside apenas no fato de ele ser um artista consagrado e o senhor não. *Ainda* não, mas não tenho dúvidas de que... — e Helena deixou a frase no ar enquanto contava os pontos na agulha.

— O Sr. Ernani não fez qualquer comentário — disse Luciano. — Com isso fiquei bastante inseguro...

— Parece que Ernani se retirou em seguida — Lara diz. — Creio que esteve no salão não mais que um ou dois minutos, embora eu mesma não o tenha visto sair.

— Acho que ninguém viu — afirmou Helena —, saiu de fininho. Não sei não, Sr. Luciano, mas o senhor incomodou de fato o meu genro.

— Não creio — disse Luciano com um breve sorriso —, penso que o Sr. Ernani não se deixa comover por qualquer coisa.

— Por qualquer coisa não — disse Lara fitando Luciano —, mas o seu quadro não é qualquer coisa.

— Você deve compreender minha apreensão, Lara... também a senhora, dona Helena... Está certo, eu tenho um bom domínio técnico, e o retrato de Lara ficou... enfim... agradou-me, não nego, mas... todos sabemos que as artes plásticas tomaram um rumo estranho no século XX, e estranho demais nas últimas décadas...

— Bem — disse Helena levantando por um momento os olhos do tricô —, quanto a isso devo confessar minha ignorância.

— Eu entendo o que ele quer dizer, mamãe. Luciano se refere a certos absurdos que... Vamos convir que Ernani tornou-se famoso com um trabalho cheio de ousadia sem no entanto recorrer a absurdos...

— Eu acho os quadros dele bastante absurdos — opinou Helena sem desviar os olhos do tricô.

— Mas não falo apenas nos absurdos — opõe Luciano.

— ...pois ele é um excêntrico, sem dúvida, suas composições, suas colagens diretamente na tela em que pinta... excentricidades, sem dúvida, mas que não chegam a ser absurdos. — E após uma pausa: — Apesar do que, e eu lhe disse isso naquele dia em que caminhamos até a vila, se eu posso acreditar em alguma coisa é no que você faz... as excentricidades de Ernani... francamente...

— Mas eu não penso apenas nisso, Lara — insiste Luciano —, eu penso se... se haverá alguém além de você que irá acreditar que o meu caminho é um caminho válido ainda.

— Eu não duvido de que seja — disse Helena.

Lara sorri:

— E a mamãe está certa.

— Claro que estou — disse Helena, enfática. — Além do mais eu faço parte do público não especializado, daquele que olha um quadro por prazer, e não por conhecer de cor a História e a teoria da Arte, o que de resto é a grande maioria do público. Por isso esteja certo de que irá agradar sempre a maioria.

— Seria bom se esse público tivesse o poder de... — e Luciano fez um gesto de indefinição. — Além do mais — apressou-se em acrescentar — fiquei me perguntando o que o Sr. Ernani teria pensado a respeito do quadro e não disse... e por que não disse, entende?

— Bem, isso é de fato uma incógnita, Sr. Luciano — Helena respondeu —, mas eu penso que não devemos nos preocupar em demasia com o que os outros pensam. Se ousar dar palpite em um assunto que não conheço, digo que aquilo que se pode falar acerca de uma obra de arte, positivo ou negativo, é sempre uma opinião, jamais um dogma, mesmo que venha de um artista ou de um crítico renomado. O que Ernani pensou e não disse talvez não seja algo tão importante a ponto de o influenciar na sua disposição como artista.

— São palavras de estímulo, senhora. Vou levar em conta o que disse, sem dúvida.

— É como deve ser, meu amigo — reforçou Lara.

Poder-se-ia cristalizar o tempo de forma que ele não avançasse, que todas as coisas se imobilizassem e os personagens de uma comédia permanecessem eternamente em cena sem perceber que o transcurso dos séculos fazia desmoronar o mundo, entrar em derrocada as civilizações, sepultar-se sob a poeira e os escombros o que fora a aventura humana e, mesmo depois de tudo, continuarem em cena os bem-aventurados personagens sempiternamente livres do mal e da ruína? Um milênio depois o palco ainda estaria armado e o herói em cena: a lâmpada talvez tremulasse um pouco devido a uma ligeira queda de energia, alguém se levantaria para preparar um pouco de chá e depois regressaria com a bandeja, e um outro personagem iria pôr um disco na vitrola antiga, dessas que ainda rodam discos de vinil, e o vento vindo do jardim às escuras entraria fazendo inflar as cortinas, traria o cheiro das flores... Ter-se-ia então passado outro milênio, em volta o mundo estaria se dissolvendo em caos e aniquilamen-

to, mas ali, naquele lugar de prodígios, Lara levaria aos lábios uma taça do chá que a mãe acabara de trazer enquanto Luciano substituiria o disco na vitrola, e do jardim proviria o canto de um pássaro noturno...

Mas...

Com o rosto mergulhado nas mãos, sem soluçar mas também sem evitar as lágrimas, é o que ocorre a Lara num assomo de fantasia, pois qualquer momento daquele breve bate-papo antes do jantar seria propício para o milagre, para que indenes vissem avançar seu eterno momento presente — seu berço, sua salvação.

Mesmo depois, mesmo mais tarde ainda haveria tempo. Ah, se fosse possível!... Porém não: o tempo avança com seu ritmo inalterável e o mundo se desdobra, as possibilidades se abrem em leque e oferecem escolhas a serem feitas, caminhos a serem seguidos, decisões a serem tomadas, e o ser humano é prisioneiro de seu livre-arbítrio.

O jardim está escuro e silencioso — Lara erguera-se e abrira a janela, debruçando-se no peitoril sem se importar com a aragem fria —, e se fosse possível devassar as páginas do passado como de um grande livro, nesse mesmo jardim Lara contemplaria um longo desfile de cinzas...

Sentiu a opressão em seu peito e o ar quase a faltar-lhe, embora a brisa fria entre pela janela agitando as cortinas e os seus cabelos.

“Minha mãe já deve estar dormindo” pensou. “Minha mãe... minha mãe...”

Após o jantar Helena recolheu-se ao quarto alegando cansaço, “foi um dia cheio” disse com uma intenção que não passou despercebida a Lara, que se riu intimamente movendo a cabeça, “não quero outra coisa agora a não ser dormir, pois amanhã volto para a cidade e retomo minha vida”.

E quando Luciano foi encontrar Lara na varanda quase às escuras, era como se não houvesse mais ninguém na casa. Então suas bocas podiam encontrar-se livremente no beijo tão esperado, Lara entregando-se sem qualquer remorso, pois não caberia remorsos na realização de um sonho; Luciano tomando nas mãos já não o sonho, mas a realidade daquele corpo que para ele se despia, agora no recolhimento da alcova, no leito morno, na suavidade do linho...

Em que momento começaria o pesadelo?

— Ora, não há nada demais — dizia Lara recostando-se em Luciano e a-brindo o caderno —, eu não registro segredos de estado nestas páginas.

— Mas não é por serem segredos de estado — retrucou Luciano puxando sobre ambos o cobertor, pois estão nus e o frio vai aumentando pouco a pouco —, e sim por serem anotações pessoais.

— Que você pode ler, pois não há nada de comprometedor — ela diz, e, após uma pausa: — Aliás, eu não saberia o que registrar de comprometedor se me decidisse a anotar em meu caderno alguma coisa assim... — voltou-se para

Luciano: — Não há nada de comprometedor em minha vida. É uma vida bem apagada, se você quer saber.

É aproximando a boca de sua orelha cochicha com malícia:

— Não há nada... a não ser o que acabamos de fazer — e morde-lhe a ponta da orelha.

— E isso será comprometedor? — ele responde também cochichando e encolhendo-se um pouco.

— Dependendo do ponto de vista — diz ainda em voz baixa.

— Do nosso...

— Não.

— É o que importa.

— É.

— Que não haja nada de comprometedor em sua vida eu acredito — ele diz, voltando a falar em voz alta —, mas que seja apagada...

— Não deixa de ser.

— Como! Você sempre foi tão badalada, até capa da Vogue...

— Porque eu sou mulher de Ernani, acho que só por isso. Os louros sempre foram para ele, é ele o artista, não eu. Eu me limito a ser a esposa.

— E agora?

— Agora?

— Sim, continuará sendo...?

— Não, isso não vale...!

— O que é que não vale?

— Você está me encostando contra a parede!

— Não, não foi minha intenção, mas... você terá de tomar uma decisão.

— Eu sei — e Lara aconchega-se a ele —, eu sei... Minha decisão já está tomada. Do contrário eu não estaria aqui.

— E você está segura disso?... Quero dizer, de ter tomado a decisão certa?

— E como poderia não estar? Existem caminhos que são únicos, não há outro à sua frente, só um — volta-se para ele: — Não, eu não tomei nenhuma decisão. Pois não havia uma decisão, não havia uma escolha... Eu apenas vou fazer o que tem de ser feito.

Poderia ir agora a quarto de sua mãe e contar-lhe...? — ainda debruçada no peitoril da janela, a cabeça pende com lassidão e os cabelos cobrem os seios nus.

“Não sei o que ela faria, meu Deus, se soubesse...”

Porém havia dito: *existem caminhos que são únicos*, e também *não havia uma decisão, não havia uma escolha* — poderia agora manter suas palavras?

Mas a que preço?

“Se há um preço a pagar... se eu pago com a minha vida... a minha alma...”

E após um momento de reflexão:

“Não, não há preço algum... não há nada a ser pago...”

E depois:

“Eu não estarei errada... eu não sinto como se estivesse... o que há de mais profundo em mim me diz que não há erro algum... que não há mal algum...”

— O que você escreve em seu diário é poesia — ele diz, passando as páginas. — Ou não?

— Eu não sei escrever poesia — ela respondeu, achando graça. — E isso não é um diário, é apenas um caderno.

— Ah, mas talvez o faça sem saber. Este trecho, por exemplo — e Luciano lê:

“Vem-me às vezes a impressão de que o mundo se imobiliza, de que todas as vozes se calam, de que toda e qualquer palavra seria então inútil e desnecessária.

“Nessas horas dormir e morrer seriam uma só coisa, uma casa a que se entrasse mas da qual todas as portas desaparecessem, pois não haveria retorno.

“Ao mesmo tempo não haveria por que retornar, porque do lado de fora o mundo prosseguiria célere em sua derrocada, mas dentro, no concheiro dessas paredes infinitas, o recolhimento nosalaria de doçura e de flores, de um regato de águas límpidas, e então nos seria dado conhecer a terra onde mana leite e mel.”

— Isso lhe parece poesia?

— E não é?

— Não foi escrito como se fosse. Mas se lhe agrada...

— Agrada sim.

— ...então tome-o para si, como se fossem versos.

— São lindos versos.

— De agora em diante vou escrevê-los como se fossem versos. E também para você, dedicados a você — e voltando-se outra vez para Luciano, beijou-o nos lábios.

Luciano lê outra página:

“Saí para cavalgar pela manhã. Estava frio, pois é inverno, e aqui na fazenda o frio é intenso às vezes. É preciso fechar o agasalho até em cima, usar uma echarpe e luvas. Só assim é possível sair nesses dias.

“O cume das montanhas encontrava-se coberto de nuvens, como grandes mantos brancos nos ombros de velhas senhoras. O chão contudo estava seco, pois não tem chovido, e as ferraduras no solo endurecido tinham, quase, que não tinham de fato, mas era essa a impressão que se tinha.

“Fui muito longe, fui além da fazenda Arcoverde; ao retornar já passava das duas da tarde, mas mesmo assim não encontrei quase ninguém no caminho — a não ser um lenhador levando seu feixe de lenha. Ao me avistar, o lenhador depôs o feixe, esperou que eu me aproximasse para cumprimentar-me, saudou-me com o chapéu e quando lhe perguntei se ninguém o ajudava respondeu-me que não era necessário pois já estava acostumado a tirar lenha naquele

lugar. O lenhador levou outra vez o feixe ao ombro e seguiu em frente. Não tem decerto uma lareira em casa, a lenha é para o fogão, e eu imagino que enquanto a mulher prepara o almoço ele irá sentar-se à boca do fogo e estenderá as mãos na direção das labaredas.

“Para o lenhador, esse momento será uma amostra do paraíso, mas há de durar apenas alguns instantes, pois é certo que após o almoço deverá sair para o trabalho na roça, e passará a tarde esfalfando-se, e quando à noite entrar em casa estará tão cansado que não pensará em nada, somente talvez que na manhã seguinte tudo irá recomeçar, porque tudo recomeça, tudo sempre recomeça nesse interminável ciclo da existência.”

— Foi no inverno passado — diz Lara. — Lembro-me desse passeio, do frio que fazia naquele dia.

— E o lenhador?

— Acho que era um colono da fazenda Arcoverde, parece-me conhecê-lo de lá. Era um homem de aparência rija, porém idoso, teria uns sessenta anos. E tinha uma barba cerrada e grisalha...

— Poderia reunir esses textos num livro.

— Oh, não... nunca pensei nisso... não tenho qualquer veleidade...

— Mas é tão bonito o que você escreve! — Luciano diz, respirando fundo como se um torpor começasse a dominá-lo. Marca a página com o dedo indicador enquanto boceja.

— Bonito, mas está lhe dando sono — Lara ironiza.

Luciano abre muito os olhos, “ora, mas que boba!” exclama, “não é nada disso, está ouvindo?”.

Lara recosta-se na cama. Ajeita um travesseiro em suas costas.

— Os teus seios são lindos! Não está com frio? Cubra-se um pouco — e faz por chegar-lhe a coberta.

— Fale-me de você — pede.

— De mim?

— Sim.

— Não há o que falar — ele abre outra vez o caderno.

— Nos conhecemos há tanto tempo, e eu não sei nada a seu respeito.

— Hum-hum, faz dois anos que nos conhecemos. Gostei deste.

“A vila parecia submersa. Chovia incessantemente.

“Os telhados baixos gotejavam, as casas lembravam grandes monstros pré-históricos imóveis na escuridão, talvez dormindo, talvez à espreita.

“As lâmpadas projetavam uma luz fraca e amarela, e pelas ruas desertas não havia ninguém. O motor do automóvel roncava baixinho, um ronronar de felino, e enquanto cruzava devagar a rua principal o vento recrudescu e as rajadas golpearam as vidraças com força. As árvores foram agitadas com violência, e encheu o espaço um ulular de assombro.

“De súbito surge no fim da rua um guarda-chuva. Castigado pelo vento, avança pela calçada curvado para frente. É um homem, não é possível ver-lhe o rosto mas, oh! surpresa!, carrega comprimida contra o peito uma criança, a quem tenta proteger a todo custo do mau tempo.

“Fico observando-o avançar com dificuldade, passar sem importar-se com o carro, afastar-se depois...”

“O guarda-chuva se foi, mas não é possível dizer para onde, e aquela criança talvez esteja destinada a salvar — ou a destruir — o mundo. Ou talvez levará uma vida insípida que não fará qualquer diferença...”

“Uma janela se abre numa das casas do lado direito e o som de uma música — uma TV ligada, um disco rodando na vitrola — é tão cristalino na noite quieta que lembra uma parede de vidro estilhaçando-se.

“Mas a janela se fecha em seguida, e a rua fica outra vez em silêncio — escuto apenas o ronronar do motor enquanto o carro cruza a vila: e agora passa defronte à praça, onde as lâmpadas estão apagadas, e agora as últimas casas ficam para trás, e agora...”

— Foi num dia que saí do Rio já de noite. Vim, mas no meio do caminho começou a chover. E quando passei na vila...

— Eu vivo com minha mãe, acho que já lhe falei disso.

— Vagamente... Seus pais são separados, não é?

Luciano faz que sim com a cabeça enquanto relê. Por um momento parece esquecido de Lara. Em seguida, marcando a página outra vez com o dedo:

— Na verdade eles nunca foram casados, nem mesmo viveram juntos. Minha mãe é uma mulher relativamente jovem, mas meu pai tem... o quê?, setenta... sim, setenta e um... É um excêntrico. Vive sozinho no interior de Minas...

Por que essa referência de Luciano ao pai, tão breve e esgarçada, teve o poder de incomodar Lara? Ela pousou a cabeça no ombro do rapaz franzindo o cenho e apertando-lhe levemente o braço, num gesto involuntário.

— Por quê? — pergunta. — Quero dizer, por que excêntrico?

— Minha mãe tinha vinte e três anos quando se envolveu com ele, já um homem de cinqüenta... apesar disso, segundo ela, era um homem muito atraente... eu nasci pouco depois, mas não cresci ao seu lado... e quando nos encontramos, quando vou visitá-lo... é como se não houvesse o que dizemos um para o outro...

— Ele parece ser um homem triste — disse Lara com expectativa.

— Interessante essa “brincadeira de rodas”, Lara — diz Luciano depois de uma pausa, enquanto lia outro registro.

“E as crianças brincam de roda, sem saber que o mundo roda.

“E cada criança traça sua própria espiral, não no terreiro da escola mas no tempo de sua vida, e suas cantigas soam como um Te-Déum.

“As crianças rodam, e param, e voltam a rodar, e batem palmas num aplauso de faz-de-conta. Estão alegres porque é a hora de estar alegre, e têm as faces incendiadas pelo sol, e na confusão suas roupinhas coloridas lembram bandeirolas ao vento...”

“Por fim a brincadeira de rodas cessa e as crianças fazem algazarra, e salam todas ao mesmo tempo na lembrança de outros folguedos. Mas a professora chega, já não há tempo para brincar pois a aula vai ter início — e a turma entra em forma.

“O que essas crianças não sabem é que a roda continua a girar, e há de chegar um dia em que outra vez não vai haver tempo para brincar, pois a chuva começa e o granizo fere a pele...”

— Você acertou — Luciano confirma. — É um homem amargo, pelo menos foi o que minha mãe me contou, pois meu pai não apenas fala pouco como parece não gostar de tocar no passado. Trata-se de uma história de amor perdido, algo assim...

E então Lara sente o primeiro impacto. Fecha os olhos e suspira.

— Parece que ele se apaixonou, já homem maduro, por uma adolescente... parece que a amava demais... até descobrir que estava sendo traído... então partiu, simplesmente foi embora e...

— Foi para esse lugar onde...

— Sim... o sítio de uns tios velhos e sem herdeiros no interior de Minas... hoje vive só naquele lugar... mas essa é uma história antiga, faz trinta anos que...

Então Lara sente os olhos úmidos e uma opressão comprimir-lhe o peito.

— Oh, Lara, olha este aqui...!

— Como é o nome do seu pai, Luciano?

— Puxa! Deixe-me terminar... Hum? Meu pai?... Abelardo... — e lê em voz alta:

“...uma torre de vigia em cujos porões habitam assombros — e assim mostramos nossa face ao mundo, mas o nosso coração permanece trancado.

“Vejo esse mundo através da janela, mas a janela é uma moldura que nos engana. Ela nos mostra uma fatia do mundo, mas quando nos inserimos nele sua extensão nos assusta, ao mesmo tempo que nos damos conta de que há outras janelas, uma infinidade, das quais outros como nós também espiam sua fatia do mundo.

“Damo-nos conta então de que o mundo não é único, mas muitos, a realidade é construída a partir de muitas janelas, e a reunião de todas elas, como das peças de um quebra-cabeça, para compor uma unidade é apenas uma possibilidade falaciosa, pois a unidade não existe.

“Se alcançamos o cume da torre tampouco teremos visto tudo, mesmo que a paisagem que se descortina seja vasta: é só quando descemos aos porões, é só quando abrimos aquela porta, que nos damos conta de que o que somos não passa de um casulo...”

Luciano ergue o rosto para Lara: “Chama-se Abelardo” acrescenta, “Mas por lá todos os conhecem como seu Boaventura, o velho casmurro. É assim que ele se chama: Abelardo Boaventura. Por quê?”, mas ela está de pé agora ao lado da cama, encarando-o com uma expressão estranha, a face crispada.

— O que aconteceu? — ele pergunta.

— Tenho de ir agora. Você não se importa, não é?

— Aconteceu alguma coisa?

Ela move a cabeça numa negativa.

— Está se sentindo mal? De repente você...

Ela move a cabeça novamente:

— Não é nada, meu amor. Só tenho de ir agora, já é tarde — curva-se para beijá-lo, afaga-lhe o rosto, força um sorriso e se afasta em silêncio.

Luciano olha sua amada que vai. Nua. Linda. E se sente feliz.

Recorda-se de que na manhã anterior, enquanto caminhava pelo jardim e depois, quando retornava à biblioteca a fim de dar os últimos retoques ao quadro, tivera uma estranha sensação de risco, de que algo estava em jogo e na iminência de perder-se para sempre. “Um cristal que se parte?” pergunta-se. Mas viu que se havia enganado: se alguma coisa estivera em jogo já não era possível afirmar, se houve ainda que por uma fração de segundo um risco de perda, esse risco deixara de existir e ele constatava que, afinal, nada se perdera e ele, sim, havia ganho. A vitória fora sua e ele está em paz.

Lara, contudo, outra vez sentada diante da penteadeira, debruça-se à borda do móvel e se olha no espelho — o rosto lavado em lágrimas, os cabelos desfeitos, as faces descoradas. Murmura de si para si mesma: “Que me importa que haja uma maldição?... Ele não precisa saber... aliás, ninguém vai saber, pois não há mal nenhum... não pode existir o Mal onde o amor prevalece, e o segredo ficará guardado comigo... eu não vou renunciar... está decidido, eu não vou renunciar ao meu amor”.

E na parede, em seu secular mistério, o retrato de Rosinha parece triunfar sobre o tempo.

Fim

"A vila parecia submersa. Chovia incessantemente.

"Os telhados baixos gotejavam, as casas lembravam grandes monstros pré-históricos imóveis na escuridão, talvez dormindo, talvez à espreita.

"As lâmpadas projetavam uma luz fraca e amarela, e pelas ruas desertas não havia ninguém. O motor do automóvel roncava baixinho, um ronronar de felino, e enquanto cruzava devagar a rua principal o vento recrudesceu e as rajadas golpearam as vidraças com força. As árvores foram agitadas com violência, e encheu o espaço um ulular de assombro."